

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**A LINHA QUE TRAMA A VIDA É A MESMA QUE TRAÇA O DESENHO:**  
História e Memória da estamperia na Ferreira Guimarães em Juiz de Fora no século XX

Claudia Carvalho Gaspar Cimino

Juiz de Fora  
2014

---

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**A LINHA QUE TRAMA A VIDA É A MESMA QUE TRAÇA O DESENHO:**  
História e Memória da estamperia na Ferreira Guimarães em Juiz de Fora no século XX

Claudia Carvalho Gaspar Cimino

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em História  
da Universidade Federal de Juiz de Fora,  
como requisito parcial para obtenção do  
título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Olender

Juiz de Fora  
2014

---

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Cimino, Claudia Carvalho Gaspar.

A linha que trama a vida é a mesma que traça o desenho: História e memória da estamperia na Ferreira Guimarães em Juiz de Fora no século XX / Claudia Carvalho Gaspar Cimino. -- 2014.

173 p. : il.

Orientador: Marcos Olender

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2014.

1. História social. 2. indústria têxtil. 3. Ferreira Guimarães. 4. memória. 5. patrimônio. I. Olender, Marcos, orient. II. Título.

CLÁUDIA CARVALHO GASPAR CIMINO

A LINHA QUE TRAMA A VIDA É A MESMA QUE TRAÇA O DESENHO: HISTÓRIA E  
MEMÓRIA DA ESTAMPARIA NA FERREIRA GUIMARÃES EM JUIZ DE FORA NO  
SÉCULO XX

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em História da Universidade Federal de  
Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do  
título de Mestre em História

Juiz de Fora, 19 de dezembro de 2014.

Banca Examinadora

M. O. U.

Prof. Dr. Marcos Olender - Orientador

Maraliz de Castro Vieira Christo

Profa. Dra. Maraliz de Castro Vieira Christo – Presidente

Andréa Casa Nova Maia

Profa. Dra. Andréa Casa Nova Maia - Convidado externo

Dedico este trabalho ao meu companheiro de todas as horas, Guto Cimino, com quem compartilhei vários momentos de toda esta trajetória. E aos meus filhos, Arthur e Luiza, pela ausência, a cada minuto que foi preciso para o término deste, que agora finalmente acabou...

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu orientador, Professor Marcos Olender, que foi o responsável, através da disciplina “Patrimônio, Arte, Arquitetura e Memória”, por inaugurar em mim o interesse maior em iniciar esta trajetória no Mestrado em História. Agradeço por ter acreditado no meu trabalho, pelos conhecimentos compartilhados, pela paciência e apoio nos momentos certos.

As Professoras Verena Alberti e Maraliz de Castro Vieira Christo, pela atenção e cuidado despendidos no exame de qualificação. Agradeço sinceramente também a professora Andrea Casa Nova Maia, que juntamente com a professora Maraliz, integrou a banca na defesa do Mestrado. Muito obrigada pelos questionamentos e sugestões, que foram de grande utilidade e acrescentaram muito na pesquisa.

Ao Professor Afonso Rodrigues e ao amigo João Braga pelo incentivo inicial. Estendo através deles, o meu agradecimento a todos os outros professores que foram importantes na construção de grande parte dos meus conhecimentos.

A Heliane Casarin, responsável pelo Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes, Andreia de Freitas Rodrigues, do Arquivo Histórico da Universidade Federal de Juiz de Fora e ao setor de Divisão de Patrimônio Cultural da Prefeitura de Juiz de Fora pelas informações durante minha pesquisa.

Ao artista e Pró-Reitor de Cultura Gerson Guedes pela autorização e cessão da imagem de sua obra.

A Deus, pela força. Minha família, sobretudo meus pais, pelos ensinamentos. Meu marido Guto Cimino e meus filhos Arthur e Luiza, pela compreensão e amor. Nininha e Cláudia Beatriz, pelo apoio de sempre. Obrigada, Lúcia Cimino, pelo livro. Eliana e Gabi, pela transcrição de alguns dos depoimentos.

A Rita de Cássia Vianna Rosa, pelas sugestões e apoio na finalização deste trabalho.

Ao Fernando Valente Pimentel e Anita Crown Guimarães, pelo crédito e consideração de sempre.

Aos meus amigos, colegas de Mestrado e a todos que me incentivaram.

Não poderia esquecer também, de agradecer pelo tempo vivido na Ferreira Guimarães e a todos que participaram comigo desta história, amigos e pessoas que compartilharam anos de vida e convivência. Obrigada à empresa pela autorização e apoio à pesquisa. Meu muito

obrigado a todos que me incentivaram e se dispuseram a ceder suas palavras e lembranças na construção deste projeto e também àqueles que indiretamente contribuíram com o resultado final alcançado.

Muito obrigada!

*Ao criar com as mãos, ao organizar o universo visível, o homem está estruturando a própria realidade. A trama do trançado é também a trama do destino. A trama, o nó, o ligamento, o dilaceramento, o vazio entre os fios, fazem parte do nosso psiquismo. Para o ser humano a existência do trançado reveste-se de ancestrais significações. Há sinais, marcas da nossa linguagem. E há sinais tão constantes que se transformam, pelo seu uso e universalidade, em símbolos da própria espécie.*

*Jacob Klintovitz, **Trançado Brasileiro. Projeto Cultural Rhodia**. São Paulo: Raízes Artes Gráficas, 1985, p. 36.*



## RESUMO

Esta dissertação é o resultado das investigações acerca das contribuições da Companhia Têxtil Ferreira Guimarães para a cidade, destacando sua história na trajetória têxtil da *Manchester* Mineira e o que ficou em termos de lembrança e memória para o patrimônio cultural de Juiz de Fora.

Ao fazer um levantamento histórico sobre a Ferreira Guimarães, busca conhecer os dados existentes desde a sua implantação no conjunto arquitetônico que pertenceu anteriormente à Fábrica dos Ingleses e à Industrial Mineira, firmas que antecederam o surgimento da empresa em Juiz de Fora. Refletindo sobre a importância assumida pela companhia na cidade e a sua participação na vida social daqueles que tiveram algum tipo de relação com esta companhia têxtil, pretende-se focar principalmente o período após o fechamento da primeira unidade fabril, em 1995, até a desativação da fábrica e de quase todo o complexo industrial pertencente a ela, registrando a repercussão desse processo de falência na sociedade juiz-forana. Preocupando-se em demarcar a importância da companhia no imaginário social local, tanto dos funcionários como da sociedade como um todo, concluiremos a dissertação com ênfase no legado como patrimônio para a cidade, inclusive a partir da análise dos aspectos materiais e imateriais dos elementos da sua história.

Traduzindo essas relações através do tempo e das pessoas que tiveram suas trajetórias vinculadas de alguma forma à própria história da Companhia, fazendo desta história parte da história de suas vidas, busca registrar, através de uma abordagem da História Social, a possibilidade de existência de tais relações por meio de “modos de lembrar”, dando enfoque a diferentes formas de representação da memória. Busca fazer a identificação da memória desse tempo vivido e de sua marca na história pelo viés de uma empresa.

**Palavras-chave:** História Social, indústria têxtil, Ferreira Guimarães, memória, patrimônio.

## ABSTRACT

This dissertation is the result of research into the contributions of Textile Company Ferreira Guimarães to the city, highlighting its history in the textile trajectory of “Manchester Mineira” and what was in terms of memory and memory for the cultural patrimony of Juiz de Fora.

When making a historical survey on the Ferreira Guimarães, seeks to know the data since its implementation in architectural complex that formerly belonged to the British Factory and Industrial Mineira, firms that preceded the appearance of the company in Juiz de Fora. Reflecting on the importance assumed by the company in the city and to participate in social life of those who had some kind of relationship with this textile company, especially if the intention is to focus on the period after the closing of the first factory in 1995, up disabling factory and almost all industrial complex belonging to it, recording the impact of bankruptcy on juiz-forana society. Taking care to mark the importance of the company in local social imaginary of both the employees and society as a whole, we conclude the thesis with emphasis on legacy as equity for the city, including the analysis of material and immaterial aspects of elements its history.

Translating these relationships over time and the people who had their trajectories linked somehow to the Company's history, making this story of the history of their lives, seek to record, through an approach of social history, the possibility of such relationships through "ways to remember", by focusing on different forms of representation of memory. Seeks to identify the memory of that time lived and their mark on history from the perspective of a company.

**Keywords:** Social History, textile industry, Ferreira Guimarães, memory, patrimony.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1: <i>Pharol</i> , Juiz de Fora Quinta-feira, 2 de Setembro de 1886.	23
Fig. 2: <i>Almanach de Juiz de Fora</i> para 1897 e 1898.	28
Fig. 3: <i>Diário de Minas</i> , Sábado, 28 de Julho de 1888.	29
Fig. 4: Fiação Industrial Mineira, janeiro 1964.	33
Fig. 5: Mostuário de tecido com a logomarca da Industrial Mineira associada ao nome da CTFG	33
Fig. 6: Detalhe da fachada da Unidade de Fiação e Tecelagem de Juiz de Fora, construída em 1889.	34
Fig. 7: <i>Jornal Ação</i> Periódico dos Empregados da CIM. Ano VIII. JF, Agosto de 1972, nº 93, p. 7.	36
Fig. 8 e 9: Fotos da Missa na Festa da Páscoa no interior da CIM. Data: 17 de junho de 1962.	41
Fig. 10: <i>Jornal Ação</i> Periódico dos Empregados da Companhia Industrial Mineira.	42
Fig. 11: <i>Jornal Ação</i> Periódico dos Empregados da CIM. Setembro 1970. Página 4.	43
Fig. 12: Imagens internas da unidade de Fiação e Tecelagem da Cia. Têxtil Ferreira Guimarães	44
Fig. 13: Vista parcial da Central de Acabamento Celso Gomes Filho em Juiz de Fora.	45
Fig. 14: Vista parcial da Central de Acabamento de Juiz de Fora.	46
Fig. 15: Vista aérea do parque fabril da Cia. Têxtil Ferreira Guimarães.	47
Fig. 16: Imagem da Fiação e Tecelagem da CTFG - Processo de Tombamento DIPAC/ PJJ.	48
Fig. 17: Início da demolição dos galpões da Ferreira Guimarães, março 1998.	50
Fig. 18, 19 e 20: Fotos <i>Jornal Tribuna de Minas</i> , domingo, 15 de junho de 2003, Caderno B, p. 1.	51
Fig. 21: Lote com o Canal da Turbina da Cia. de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira.	52
Fig. 22: Foto <i>Jornal Tribuna de Minas</i> , quinta-feira, 19 de junho de 2003, Caderno Dois, p. 6.	53
Fig. 23: “Carta 100 Anos Ferreira Guimarães”.	54
Fig. 24: Catálogos de Tendências de Moda de Indústrias Químicas.	60
Fig. 25: Mostuário de tecidos da Industrial Mineira – Arquivo interno CTFG.	61
Fig. 26: Mostuário estamparia tecidos listrados .	62
Fig. 27 e 28: Desfile interno na CTFG.	63
Fig. 29 e 30: Desfile interno na CTFG com fotos dos funcionários Antônio, Roseny e Leci.	64
Fig. 31: Desfile interno – Leci com blusa de tecido estampado tipo dominó. Padrão 3 – verde.	65
Fig. 32: Estampa Dominó. Cia. Têxtil Ferreira Guimarães.	65
Fig. 33: Mostuário estamparia da CTFG com desenhos florais, poás e xadrez.	66
Fig. 34: Mostuário estamparia CTFG.	67
Fig. 35: Material informativo de feiras têxteis.	69
Fig. 36: Arara com mostuário Ferreira Guimarães - Cartelas cabide.	70
Fig. 37: Mostuário estamparia CTFG.	70
Fig. 38: Catálogos, Cadernos de Tendência de Moda e Informações de Viagem da Ferreira Guimarães.	72
Fig. 39: Livro <i>80 anos de Moda no Brasil</i> .	72
Fig. 40: Anúncio da CTFG publicado na revista <i>Guia Oficial da Moda</i> com o cantor Erasmo Carlos.	73
Fig. 41: Anúncios da Ferreira Guimarães publicados na revista <i>Moda Brasil</i> .	74
Fig. 42: Outdoor Ferreira Guimarães.	75
Fig. 43: Campanha publicitária da Ferreira Guimarães veiculada na televisão.	75
Fig. 44: Desenhos da coleção estamparia Ferreira Guimarães impressos no papel	78
Fig. 45: Cartela de Produtos <i>Sport &amp; Casual Wear</i> - Ferreira Guimarães.	80
Fig. 46: Cartela de Produtos <i>Blue &amp; Color Jeans</i> - Ferreira Guimarães.	80
Fig. 47: Cartelas de Cores da Ferreira Guimarães - Capas.	81
Fig. 48: Cartelas de Cores da Ferreira Guimarães - Parte interna.	81
Fig. 49: Camisas confeccionadas com tecidos estampados Ferreira Guimarães	82
Fig. 50: Cartela e camisa confeccionada com tecido Ferreira Guimarães	82
Fig. 51: Cartela de cores <i>Primavera Verão 2007/2008</i> - Ferreira Guimarães.	83
Fig. 52: CD Tendências Estamparia <i>Verão 2007/2008</i> - Ferreira Guimarães.	83
Fig. 53: Festa de Natal 1977 – Entrega da Cesta de Natal na CTFG – Fábrica de Fiação e Tecelagem.	91
Fig. 54: Festa de Natal 1988 na CTFG – Unidade de acabamento CGF.	91
Fig. 55: Antônio Carlos em Festa de Natal na Ferreira Guimarães – Fábrica de Fiação e Tecelagem.	93

Fig. 56: Tingimento de tecidos na Ferreira Guimarães.	108
Fig. 57: Detalhes do tecido sendo estampado na máquina Regianni da Ferreira Guimarães.	110
Fig. 58: Detalhes do tecido saindo após ser estampado ao final da máquina Regianni - CTFG.	110
Fig. 59: Cilindros prontos para serem usados na máquina de estampar da Ferreira Guimarães.	111
Fig. 60: Camisa de Antônio Carlos Teixeira confeccionada com tecidos Ferreira Guimarães.	113
Fig. 61: Detalhe da camisa de Antônio Carlos Teixeira - no avesso - onde aparece a orela do tecido.	113
Fig. 62: Cartela de desenhos estampados e camisa confeccionada com tecido estampado CTFG.	114
Fig. 63: Rolos de tecido na Sala do Pano da Acabadora CGF sendo plastificados e etiquetados.	115
Fig. 64 e 65: Demolição dos galpões da Fiação e Tecelagem.	121
Fig. 66 e 67: Fábrica de Fiação e Tecelagem e Chaminés da CTFG.	123
Fig. 68 e 69: Detalhe na entrada lateral do imóvel tombado – CTFG.	124
Fig. 70 e 71: “Casa dos Hóspedes” – CTFG.	128
Fig. 72: Detalhes da “Casa dos Hóspedes” – CTFG.	129
Fig. 73: <i>Juiz de Fora para sempre</i> – Inventário 2.	132
Fig. 74: Detalhe – Ferreira Guimarães <i>Juiz de Fora para sempre</i> – Inventário 2.	132
Fig. 75: Calendário Comemorativo <i>160 anos de Juiz de Fora</i> - Segundo Semestre – Setembro.	133
Fig. 76: Calendário 2011 – <i>Pantaleoni Arcuri – Construtora e Companhia Industrial.</i> – UFJF/PJF/Funalfa.	133
Fig. 77: CTFG no Calendário 2011 – <i>Pantaleoni Arcuri – Construtora e Companhia Industrial.</i>	133
Fig. 78: Bracher, Fani. <i>Ferreira Guimarães.</i>	134
Fig. 79: Bracher, Fani. <i>Fábrica de Tecidos de JF</i> , 1982. Coleção Gilberto Chateaubriand - MAM/RJ.	135
Fig. 80: Guedes, Gerson. <i>Fábrica dos Ingleses.</i> Acrílica sobre madeira. 100 x 120 cm, 2010.	136

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- BMMM – Biblioteca Municipal Murilo Mendes
- CAD – Computer Aided Design ou Projeto Assistido por Computador
- CAM – Computer Aided Manufacturing
- CGF – Unidade Celso Gomes Filho
- CIM – Companhia Industrial Mineira
- COCRECIM – Cooperativa de Crédito da Companhia Industrial Mineira
- CTFG – Companhia Têxtil Ferreira Guimarães
- DIPAC – Divisão de Patrimônio Cultural da Prefeitura de Juiz de Fora
- DRI – Departamento de Relações Industriais
- FENATEC – Feira Internacional de Tecelagem
- FENIT – Feira Internacional da Indústria Têxtil
- FUNALFA – Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage
- I.A.P.I. – Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários
- I.A.P.E.T.C. – Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Empregados de Transporte e Carga
- IPPLAN – Instituto de Pesquisa, Administração e Planejamento
- MAM – Museu de Arte Moderna (Rio de Janeiro)
- MAMM – Museu de Arte Murilo Mendes (Juiz de Fora)
- MEC – Ministério de Educação e Cultura
- PJF – Prefeitura de Juiz de Fora
- SENAI – Serviço Nacional da Indústria
- SESI – Serviço Social da Indústria
- UFJF – Universidade Federal de Minas Gerais

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	1
1- A HISTÓRIA CONTADA E ESCRITA POR QUEM VIVE A HISTÓRIA	1
2- O DESENHO DESTA HISTÓRIA: O contorno das linhas que tramam a vida	6
<b>CAPÍTULO 1- TECENDO A HISTÓRIA DA FERREIRA GUIMARÃES</b>	18
1.1- A FÁBRICA DOS INGLESES E A COMPANHIA DE TECIDOS INDUSTRIAL MINEIRA: Construindo a história que antecedeu a Ferreira Guimarães em Juiz de Fora	18
1.2- A FERREIRA GUIMARÃES EM JUIZ DE FORA	34
1.3- TRAÇOS DA DESCONSTRUÇÃO DA FERREIRA GUIMARÃES EM JUIZ DE FORA	47
<b>CAPÍTULO 2- A ESTAMPARIA NA FERREIRA GUIMARÃES: Traçando um desenho à parte</b>	57
2.1- OS PRIMEIROS TRAÇOS DA ESTAMPARIA NA FERREIRA GUIMARÃES	60
2.2- ESTAMPARIA NA FERREIRA GUIMARÃES: os domínios da moda	68
<b>CAPÍTULO 3- A FERREIRA GUIMARÃES COMO PATRIMÔNIO: As tramas do tecido na formação das linhas da Memória e da História</b>	85
3.1- MEMÓRIA DO COTIDIANO E DO TRABALHO TÊXTIL: Lembranças de antigos funcionários da Ferreira Guimarães na construção da memória social e afetiva	87
3.2- MEMÓRIA DO DESENHO TÊXTIL: A estamparia como construção da memória visual do patrimônio têxtil da Ferreira Guimarães	106
3.3- MEMÓRIA DE UMA FÁBRICA TÊXTIL: Ferreira Guimarães – Patrimônio Cultural de Juiz de Fora	119
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	137
<b>ANEXOS</b>	143
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	153

## INTRODUÇÃO

### 1- A HISTÓRIA CONTADA E ESCRITA POR QUEM VIVE A HISTÓRIA

A velha tríade *lugar, tempo e pessoa* também está presente na obra do historiador. Caso se altere um desses três elementos, trata-se já de uma outra obra, ainda que se debruce ou pareça debruçar-se sobre o mesmo objeto<sup>1</sup>.

Ao desenvolver esta pesquisa, que tem como objeto de estudo a Companhia Têxtil Ferreira Guimarães, cuja história também fez parte da minha trajetória de vida e experiência profissional, optei inicialmente por desenvolver uma reflexão sobre esta relação do fazer histórico, levando em conta o tempo presente, a memória e o olhar do historiador.

Assim, o objetivo inicial desta apresentação é tecer algumas considerações sobre o fazer historiográfico, principalmente no que se refere à escrita da história e a relação do tempo vivido pelo historiador. Não pretende, contudo, chegar a uma conclusão sobre o assunto, apenas construir uma interação entre algumas reflexões de historiadores<sup>2</sup>, entre os quais, Marc Bloch, Maurice Halbwachs, Reinhart Koselleck e Robert Darnton.

Podemos dizer que a história é construída a partir das linhas da vida, dos traços que compõem os caminhos seguidos pelo homem, como rastros deixados ao longo do trajeto. Nestes traços, sempre existem alguns que se destacam, como pegadas que não se apagam com o tempo. Outros se constituem em passagens efêmeras, levadas pelo vento. Cabe ao historiador perceber estas linhas e suas relações ao reconstituir / construir a história. No entender de Guarinello:

A vida é uma soma de atos reprodutivos do passado e de atos transformadores, automáticos ou involuntários ou mesmo organizados e associados a projetos de futuro. Reproduzimos o que queremos ou o que somos obrigados a reproduzir e transformamos o que queremos ou o que temos forças para transformar, individualmente ou em conjunto. Nossa capacidade de mudar a realidade é variável. Pequenas decisões podem mudar o curso de vidas individuais. Grandes transformações dependem de ações públicas, coletivas, que são o somatório de ações individuais, coordenadas ou não. O cotidiano é um bom ângulo para pensarmos a

---

<sup>1</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006, p. 161.

<sup>2</sup> Estes historiadores foram selecionados, independente de sua época histórica, apenas pelo significado de suas palavras na construção dessa reflexão histórica.

eficácia da ação humana e suas modalidades, da individual à coletiva, da organizada à aleatória, da desejada à involuntária, da consciente à intuitiva<sup>3</sup>.

O passado quase sempre é um desconhecido, algo que o historiador vai procurar desvendar com as suas pesquisas e seu interesse em se aproximar de uma história que existiu, usando para isto os documentos e as fontes de que dispõe no presente. De acordo com Henry Rousso:

A escrita, a impressão, portanto a possibilidade de um documento resistir ao tempo e acabar um dia sobre a mesa do historiador não conferem a esse vestígio particular uma verdade suplementar diante de todas as outras marcas do passado: existem mentiras gravadas no mármore e verdades perdidas para sempre<sup>4</sup>.

Nas palavras de Koselleck: “A ciência histórica atual se encontra, portanto, sob duas exigências mutuamente excludentes: fazer afirmações verdadeiras e, apesar disso, admitir e considerar a relatividade delas<sup>5</sup>.” Esta relatividade da afirmação histórica está associada ao ponto de vista do qual se fala e também ao trabalho de análise em relação às fontes históricas. Ainda para o referido autor: “Uma fonte (...) nos impede de fazer afirmações que não poderíamos fazer. As fontes têm poder de veto. (...) nos impedem de cometer erros, mas não nos revelam o que devemos dizer<sup>6</sup>.” Se as fontes não são suficientes para garantir a verdade, como nos ensina Koselleck, pelo menos servem para nos guiar o caminho, evitando desvios que nos levem para longe demais.

Nesse sentido, a história muito se aproxima da arte. O historiador é também um artista, que usando seus conhecimentos teóricos e sua intuição, irá compor a história, do ponto de vista de onde está como observador e de como ele irá construir esta narrativa. Toda narrativa histórica é uma construção.

Para Weinhardt:

O discurso histórico e o ficcional são próximos, mas não se confundem. Quando um permeia o outro, perde sua identidade originária para assumir o estatuto do outro. A diferença de atuação do narrador entre um e outro permite ao narrador de ficção uma liberdade que desnuda e denuncia a própria ficcionalidade. A verossimilhança da ficção não é a mesma da história. Para esta, é verossímil o que se constrói como

<sup>3</sup> GUARINELLO, Norberto Luiz. *História científica, história contemporânea e história cotidiana*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, nº 48, 2004, p. 33.

<sup>4</sup> ROUSSO, H. *O Arquivo ou o Indício de uma Falta*. Tradução Dora Rocha. Estudos Históricos, 1996, p. 89.

<sup>5</sup> KOSELLECK, Reinhart. *op. cit.*, p. 161.

<sup>6</sup> Id., p. 188.



verdade, enquanto para aquela basta que pareça verdadeiro. O ponto axial da questão gira então em torno da acepção de verdade<sup>7</sup>.

Por isso, sempre se mantém o debate sobre a narrativa histórica e a literatura. Ambas fazem uso da mesma forma, a narrativa. Mas o que caracteriza o texto histórico é a argumentação, aquilo que pode garantir a veracidade da história. Como salienta Hayden White:

Isso significa que o que distingue os enredos ‘históricos’ dos ‘ficcionais’ é, antes de tudo, o conteúdo, não a forma. O conteúdo dos enredos históricos é o evento real, o que realmente aconteceu, e não o imaginário, inventado pelo narrador<sup>8</sup>.

Robert Darnton, em seu livro *Os dentes falsos de George Washington*, mais especificamente no capítulo oito: “Os esqueletos no armário: como os historiadores brincam de ser Deus”, nos mostra a fragilidade que existe na relação entre os fatos e a vida, principalmente quando a narrativa historiográfica diz respeito a uma biografia. Verdades ou mentiras simplesmente não existem isoladamente, elas dependem sempre de um ponto de vista, do qual o historiador será o ponto de partida. Nunca saberemos o que realmente existiu, até porque, não temos todas as faces do ‘objeto’. Pode haver fatos desconhecidos, nunca escritos, nunca revelados e que jamais serão descobertos e a história será sempre uma história superficial. Para esse autor: “O historiador certamente cria vida. Ele insufla vida no barro que escava dos arquivos<sup>9</sup>”.

Nas palavras de Albuquerque Júnior:

O historiador conta uma história, narra; apenas não inventando os dados de suas histórias. Consultando arquivos, compila uma série de textos, leituras e imagens deixadas pelas gerações passadas, que, no entanto, são reescritos e revistos a partir dos problemas do presente e de novos pressupostos, o que termina transformando tais documentos em monumentos esculpido pelo próprio historiador, ou seja, o dado não é dado, mas recriado pelo especialista em história. O que se chama de evidência é fruto das perguntas que se faz ao documento e ao fato, que ao ser problematizado pelo historiador, transforma-se, em larga medida, em sua criação. O acontecimento, o evento em história não é, pois, um dado transparente, que se oferece por inteiro, ou em sua essência, mas é uma intriga, um tecido que vai ser retramado e refeito pelo historiador<sup>10</sup>.

<sup>7</sup> WEINHARDT, M. *Ficção e história: retomada de antigo diálogo*. Revista Letras, Curitiba, n. 58. Editora UFPR. 2002, p. 118.

<sup>8</sup> WHITE, Hayden. *A questão da narrativa na teoria histórica contemporânea*. São Paulo: Cosacnaify, 2011, p. 441.

<sup>9</sup> DARNTON, Robert. *Os dentes falsos de George Washington*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, cap. 8, p. 199.

<sup>10</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Natal, 2006, p. 11.

Ao tomarmos como base, além disso, também a relação do tempo vivido pelo historiador com a história, isto é, ao falarmos da história do tempo presente, veremos que, muitas vezes, o historiador tem um duplo papel: daquele que pesquisa e escreve a história e o de quem, de certa forma, também vivenciou parte da mesma história. E ainda assim, a história contada e escrita por ele não será a única versão possível da história vivida. Como ressaltam Araújo e Fernandes: “O tempo presente traz o sujeito vivo para dentro do fazer histórico aproximando-o do historiador<sup>11</sup>”.

Cabe ao historiador dar o sentido histórico ao passado. O comprometimento com o ofício deve garantir que suas opiniões pessoais tenham o mínimo de influência sobre o seu trabalho.

Marc Bloch em *A estranha derrota*, um testemunho e o depoimento de um vencido, memória redigida por um historiador, cita em várias passagens, justificativas sobre o fato de ser historiador e estar escrevendo sobre uma história da qual participou, buscando uma imparcialidade que ele próprio não sabe, afinal, até que ponto conseguiu manter. Com uma natureza subjetiva das reflexões, Bloch, ao contar sobre os fatos acontecidos durante a Segunda Guerra e o questionamento sobre estes mesmos fatos, escreveu:

No entanto, assim que a palavra saiu de minha pena o historiador em mim se escandalizou por tê-la escrito, pois o *abecê* de nosso ofício aconselha a fugir desses grandes nomes abstratos para tentar estabelecer, por trás deles, as únicas realidades concretas, que são os homens. Os erros de comando foram, fundamentalmente, os de um grupo humano<sup>12</sup>.

Nossas lembranças são reconstruções sobre o passado em conjunto com os dados do presente. A memória tem uma relação intrínseca com a história. Segundo Halbwachs “geralmente a história começa somente no ponto onde acaba a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social<sup>13</sup>”.

E ainda para Rüsen:

De modo resumido, pode-se dizer que a memória apresenta o passado como uma força móvel do espírito humano guiado pelos princípios do uso prático, enquanto a

---

<sup>11</sup>ARAÚJO, Maria Paula; FERNANDES, Tania Maria. “O Diálogo da História Oral com a Historiografia Contemporânea”. In: VISCARDI, Cláudia M. R.; DELGADO, Lucília de A. N. (Orgs.) *História Oral: teoria, educação e sociedade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006, p. 24.

<sup>12</sup>BLOCH, Marc. *A estranha derrota*. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 34.

<sup>13</sup>HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 85.

consciência histórica representa o passado em um inter-relacionamento mais explícito com o presente, guiado por conceitos de mudança temporal e por reivindicações de verdade; ele reforça a especificidade temporal do passado como uma condição para sua relevância no presente. A memória é um relacionamento imediato entre passado e presente, enquanto que a consciência histórica é mediada. A memória está mais relacionada ao domínio da imaginação, a consciência histórica mais próxima da cognição. A memória está cravada no presente, a consciência histórica abre essa relação ao futuro<sup>14</sup>.

O historiador que lida com a história do tempo presente e que muitas vezes também participou desta mesma história, como é o meu caso, deve ter consciência das limitações do seu ofício. Como apontam Araújo e Fernandes:

O historiador do tempo presente não tem ilusões quanto à sua objetividade e imparcialidade, não acredita na história ‘distante, objetiva, imparcial’; sabe que o historiador está imerso em seu tempo. Por outro lado, sabe também que o envolvimento e a parcialidade não são frutos apenas da proximidade temporal. São frutos de nossas simpatias, adesões, posições políticas<sup>15</sup>.

E segundo Marc Bloch, não se deve nunca deixar de estar atento ao alerta de que, ao retomar o passado em suas “páginas de pesquisa”, as linhas que traçam a história jamais serão retas.

Pois a história é, por essência, ciência da mudança. Ela sabe e ensina que dois eventos nunca se repetem de modo absolutamente igual, pois as condições nunca coincidem exatamente. Sem dúvida, ela reconhece na evolução humana alguns elementos, se não permanentes, pelo menos duráveis, para professar ao mesmo tempo a variedade quase infinita de suas combinações. Sem dúvida, ela admite certas repetições de uma civilização a outra, se não traço a traço, pelo menos nas grandes linhas de seu desenvolvimento. Constata então que, dos dois lados, as condições essenciais eram semelhantes. Ela pode tentar perceber o futuro e não é, creio eu, incapaz de conseguir. Mas suas lições não dizem absolutamente que o passado retorna e que o que foi ontem será amanhã. Examinando como ontem foi diferente de anteontem e o porquê disso, encontra nessa aproximação os meios para prever em que sentido o amanhã, por seu lado, irá se opor a ontem. Em suas páginas de pesquisa, as linhas, cujo traçado é ditado pelos fatos do passado, jamais serão retas; ela só encontrará linhas curvas e também serão curvas as que, por extrapolação, ela tentará prolongar na incerteza do tempo<sup>16</sup>.

Assim, também foram curvas as linhas que traçaram o desenho desta história.

---

<sup>14</sup> RÜSEN, Jorn. *Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história*. História da Historiografia. Ouro Preto, n. 2, mar. 2009, p. 166.

<sup>15</sup> ARAÚJO, Maria Paula; FERNANDES, Tania Maria. *op. cit.*, p. 20.

<sup>16</sup> BLOCH, Marc. *op. cit.*, p. 110.

## 2- O DESENHO DESTA HISTÓRIA: O contorno das linhas que tramam a vida

Tecer consiste em entrelaçar fios com a ajuda de um tear, no qual os fios do urdume são dispostos em camadas para depois, introduzir entre eles a trama<sup>17</sup>.

Ao falar e escrever sobre a Ferreira Guimarães, cuja história também fez parte da minha trajetória de vida e experiência profissional, não há como desconsiderar a existência desta relação e do exercício vivenciado como designer na Companhia<sup>18</sup>. Sempre me interessei pela prática e observação de todo o processo de desenvolvimento têxtil e hoje, ao perceber a importância histórica e social da empresa para a cidade, culminou no desejo de realização deste trabalho.

Pensando sobre esta relação foi que surgiu o título deste trabalho, **A linha que trama a vida é a mesma que traça o desenho**, procurando fazer um paralelo entre a trama do tecido, a trama da vida e o traço do desenho que surge em cada uma destas construções.

O ato de fazer o tecido, o tecer propriamente dito, se constitui na evolução dos fios da trama que formam o tecido junto aos fios do urdume<sup>19</sup>. Assim também pode ser a trama da própria vida, que é constituída pelas linhas entrelaçadas dos diversos relacionamentos e formações intercaladas no desenrolar de um espaço e tempo únicos e que podem ser vistos como um tecido em construção.

Quando se pensa no desenvolvimento de um tecido em fio tinto, a definição do desenho a ser criado será dada pelo fio da trama que, ao ser introduzido entre os fios do urdume, construirá a forma e as linhas do desenho. Ao se tratar de estamparia, o desenho será definido pelo traço das linhas e cores que serão impressos no tecido.

---

<sup>17</sup> FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA. *Tecelagem Manual no Triângulo Mineiro*. Rio de Janeiro, 1984, p. 34.

<sup>18</sup> Trabalhei na Ferreira Guimarães de abril de 1987 a agosto de 2007, completando vinte anos de uma trajetória profissional que teve início através de um estágio no Setor de Desenho da empresa em 1986. Durante este tempo, fui responsável, junto à equipe de Desenvolvimento de Produtos, pela criação das coleções de estamparia, desenvolvimento das variantes de cor para os desenhos, composição da cartela de cores, pesquisa de moda, atendimento a clientes e participação em feiras têxteis nacionais e internacionais, além de acompanhamento da produção e confecção de amostras de tecidos na unidade fabril em Juiz de Fora.

<sup>19</sup> Série de fios em sentido longitudinal que, ao unir-se com os fios da trama, formam um tecido plano. É a estrutura vertical do tecido que dá suporte e resistência à tela (*Dicionário da moda: guia de referência de termos do mercado têxtil e moda*. Cataguases, 2002).

Em contrapartida, a construção de uma trajetória de vida pode ser definida como um percurso traçado pelos atos de quem vive, e que através das escolhas feitas, irão constituir a linha de sua trajetória em um determinado espaço de tempo. Esta linha irá definir o desenho de sua história. E se constituirá na sua identidade.

A trama da vida é constituída pelas diversas linhas desenhadas pelo desenrolar dos fatos e pelas escolhas individuais e coletivas que compõem esse universo.

Nesse sentido, deve-se supor que existe uma inter-relação espacial e temporal entre a vida das pessoas e a rede social de sua época, o seu local de trabalho e as atividades que exerceram durante sua vida. Assim como a história da Ferreira Guimarães e das pessoas que tiveram suas trajetórias vinculadas de alguma forma à própria história da Companhia e fizeram desta mesma história parte de suas vidas. O desenho traçado se constituiu de traços comuns em pelo menos alguns pontos ou talvez, em muitas faces.

E assim, as perguntas foram surgindo: Que desenho foi criado ao longo do tempo através dessas relações? Que pontos representam, através de suas significações, as linhas de construção dessas identidades? De que forma a Companhia Têxtil Ferreira Guimarães se manifesta nas lembranças dessas pessoas e se internaliza em símbolos? Qual foi a importância da empresa na construção dessas identidades pessoais?

Ao longo da presente dissertação procurou-se elucidar estas perguntas, traduzindo essas relações através do tempo. Buscou registrar, através de uma abordagem da História Social, a possibilidade de existência de tais relações por meio de “modos de lembrar”, dando enfoque a diferentes formas de representação da memória, as quais eu denominarei como: Memória do trabalho e do cotidiano têxtil, memória do desenho têxtil e memória de uma fábrica têxtil.

Com o intuito de criar bases para encontrar essas respostas, o projeto que norteou as pesquisas procurou evidenciar a história da Cia Têxtil Ferreira Guimarães, registrando as influências desta empresa na construção arquitetônica, social e cultural da cidade. Buscou levantar dados sobre o que ficou em termos de lembranças da Ferreira Guimarães na história de Juiz de Fora, fazendo a identificação da memória desse tempo vivido e de sua marca na história pelo viés de uma empresa.

As fontes utilizadas partiram das pesquisas documentais em arquivos e bibliotecas, buscando registros sobre o início da industrialização têxtil em Juiz de fora e o levantamento de como a Ferreira Guimarães se insere neste contexto. Pesquisa de dados também no próprio acervo da empresa e entrevista com pessoas relacionadas à história da mesma, fazendo uso da metodologia da História oral. Esta segue a elaboração da análise bibliográfica, levantamento de dados e da pesquisa documental que conceituem a época, no final do século XIX e início do XX, para compreensão do cenário histórico e temporal. Confrontadas com os dados do presente, busca averiguar o que ficou marcado nas lembranças individuais e coletivas sobre a construção desta história têxtil e urbana, ou das histórias que se intercalam nesta construção.

Para os funcionários, ou as pessoas que tiveram uma relação mais próxima com a empresa, a relação com o trabalho e o cotidiano fabril, os tecidos e o design têxtil, além da arquitetura fabril, podem ser algumas das diversas formas de representação da história da Ferreira Guimarães.

### **O contorno das linhas desta História**

Na definição do desenho desta história, as linhas foram traçadas em três capítulos, que discorrem respectivamente sobre a história, a estamparia e a memória da Companhia Têxtil Ferreira Guimarães em Juiz de Fora.

Teceremos, no Capítulo 1, a história da Ferreira Guimarães desde seus primórdios, quando ainda existiam as fábricas têxteis que a antecederam no local de sua instalação na cidade, notadamente a Fábrica dos Ingleses, posteriormente Companhia de Tecidos Industrial Mineira, firmas que vieram a se transformar na própria Ferreira Guimarães. Após a entrada da empresa em Juiz de Fora, com a aquisição da Industrial Mineira, daremos continuidade à sua história com a instalação da Central de Acabamentos de Tecidos, nova unidade fabril da mesma Companhia que foi inaugurada na cidade. Concluiremos este capítulo delineando alguns dos traços da desconstrução da Ferreira Guimarães em Juiz de Fora, desde o fechamento da Fábrica de Fiação e Tecelagem até a desativação de quase todo o seu complexo fabril e a manutenção de um precário funcionamento atual como massa falida.

No Capítulo 2, buscaremos ressaltar especificamente um item desta história, com foco no trabalho de estamparia da Ferreira Guimarães e sua evolução em termos de criação e moda. A história do cotidiano deste trabalho fabril, a execução e acompanhamento dos tecidos estampados e outros produtos. Nesse capítulo, traçaremos as linhas que irão justificar a apresentação de que o produto final, o tecido ou o desenho têxtil podem vir a se tornar uma referência para a construção da memória visual em relação à Ferreira Guimarães, representando um patrimônio têxtil para os funcionários da Companhia.

No Capítulo 3, abordaremos a percepção da Ferreira Guimarães como patrimônio, identificando no desenrolar de sua história a formação das linhas na construção desta memória têxtil. Com base no depoimento de antigos funcionários da Companhia, referenciaremos a memória existente em relação a Ferreira Guimarães e suas diferentes formas de representação, entre as quais serão evidenciados os “modos de lembrar”, dando enfoque a: Memória do cotidiano e do trabalho têxtil, memória do desenho têxtil e memória de uma fábrica têxtil.

Através da memória do cotidiano e do trabalho têxtil, apresentaremos a importância das lembranças de antigos funcionários da empresa na construção dessa memória social e afetiva, caracterizando a valorização do fazer e a relação de pertencimento a essa história fabril como uma das principais formas de manutenção desta memória.

Como segundo ponto, por meio da memória do desenho têxtil ou do tecido estampado, buscaremos referenciar a estamparia como construção dessa memória visual do patrimônio têxtil. Partindo do produto final, o tecido, especialmente o estampado e sua possibilidade de circulação em aplicações diversas, podemos reconhecer o registro da memória das etapas vivenciadas ao longo da história nesse cotidiano do trabalho fabril através das suas marcas na imagem do tecido.

E por último, através da consolidação da memória de uma fábrica têxtil: o tombamento parcial das edificações que pertenceram a Ferreira Guimarães como patrimônio cultural de Juiz de Fora.

Nesse sentido, o Capítulo 3 torna-se fundamental neste trabalho e se traduz no traço principal das linhas traçadas sobre a Ferreira Guimarães, ligando os pontos da memória e da história na construção deste desenho. Por isso, a seguir apresentaremos cada item deste capítulo com mais detalhes.

## Memória do cotidiano e do trabalho têxtil

Todo e qualquer trabalho, manual ou verbal, (...) acaba-se incorporando na sensibilidade, no sistema nervoso do trabalhador; este ao recordá-lo na velhice, investirá na sua arte uma carga de significação e de valor talvez mais forte do que a atribuída no tempo da ação. (...) Lembrar agora é fazer<sup>20</sup>.

Ecléa Bosi em *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, diz que “uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais”, mas que o papel do indivíduo é fundamental, pois “é ele que recorda”, que tem na memória o valor das coisas do passado, a vivência significativa das conquistas e das perdas acumuladas no tempo vivido.

Assim, o principal “modo de lembrar” trabalhado nesta pesquisa, se dará através da memória afetiva, pelas lembranças dos funcionários, ex-funcionários e das pessoas que mantinham algum tipo de relação com a fábrica.

Relação que refletia proximidade e pertencimento, existente nas pessoas cientes de que participavam daquela história, cujo desenvolvimento também era fruto do seu trabalho e, cuja tradição de trabalho na empresa era passada de pai para filho, como um legado cultural. Essa relação, de acordo com os vários depoimentos coletados, era vista, geralmente, de uma forma positiva, baseada na importância e na valorização desse pertencimento à história da fábrica. Como afirma Bosi:

Quando a sociedade esvazia o seu tempo de experiências significativas, empurrando-o para a margem, a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância<sup>21</sup>.

Verena Alberti em *Ouvir contar: textos em história oral*, nos fala que:

Contar uma história é operar por exclusão, é selecionar e ordenar os acontecimentos de acordo com o sentido que se lhes quer conferir e que se quer conferir à própria

<sup>20</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 480.

<sup>21</sup> Id., p. 82.



história. Mas isso não quer dizer que o resultado da exclusão e da seleção não tenha relação com a realidade<sup>22</sup>.

Pensando nisso, deve-se considerar aqui, que essas pessoas que nos contam sua história em relação à Ferreira Guimarães tiveram uma relação intrínseca com a empresa. Que, obviamente, fizeram opções em escolher o que contar. E que, por valorizar o feito durante a vida procuram ressaltar os fatos ou situações que venham justificar o valor da empresa e a sua própria escolha de vida. Afinal, a maioria delas dedicou grande parte de suas vidas ao trabalho na Ferreira Guimarães.

E, também segundo Alberti, “ao conduzir e ouvir nossas entrevistas, observar, em alguns casos, o processo mesmo de constituição de sentido através da sucessão de acontecimentos<sup>23</sup>” ou da percepção de “unidades indivisíveis, formas simples<sup>24</sup>” que aparecem a cada vez que a história é contada, pode nos ajudar a apreender maiores significados através dos depoimentos. Nas palavras da autora:

As narrativas na história oral (e não só elas) se tornam especialmente pregnantas, a ponto de serem “citáveis”, quando os acontecimentos no tempo se imobilizam em imagens que nos informam sobre a realidade. É neste momento que as entrevistas nos ensinam algo mais do que uma versão do passado<sup>25</sup>.

Na visão de Bosi, “o trabalho não é só ação, é também o lugar da ação, que a lembrança do operário sabe de cor, distinguindo os ambientes tranquilos, onde se desenhava e escrevia, das seções ruidosas e fétidas, onde se corria o risco de mutilação<sup>26</sup>.”

Nesse sentido, o local do trabalho compreende todos os detalhes que lhe são inerentes. E as pessoas, além do ambiente, são também de grande importância na lembrança dos funcionários. A recordação, da forma como foi apresentada nos depoimentos, traz um caráter de companheirismo, simbolizado nas palavras de muitos entrevistados ao dizer, como veremos mais à frente, que a empresa para eles, era como uma grande família.

---

<sup>22</sup> ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 69.

<sup>23</sup> Id. *Narrativas na história oral*. In: Simpósio Nacional de História. Anais eletrônicos. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003, p. 5-6.

<sup>24</sup> Para maiores detalhes sobre o assunto ver considerações feitas por Verena Alberti em seu artigo *Narrativas na história oral*, no qual a autora cita o livro *Formas simples do historiador da arte e teórico da literatura* André Jolles.

<sup>25</sup> ALBERTI, Verena. *op. cit.*, 2003, p. 10.

<sup>26</sup> BOSI, Ecléa. *op. cit.*, p. 475.

“O grupo é o suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado<sup>27</sup>.” Com estas palavras, Ecléa Bosi nos faz perceber, como o contato diário com as pessoas e a cumplicidade vivenciada no local do trabalho se traduzem na trama que possibilita o surgimento da identificação pessoal em relação ao grupo. Esta mesma trama é a que se reflete na construção da memória e, neste caso, em relação à memória da Ferreira Guimarães.

### Memória do desenho têxtil

Temos com a casa e com a paisagem que a rodeia a comunicação silenciosa que marca nossas relações mais profundas. As coisas nos falam, sim, e por que exigir palavras de uma comunhão tão perfeita? (...) O espaço que encerrou os membros de uma família durante anos comuns, há de contar-nos algo do que foram essas pessoas. Porque as coisas que modelamos durante anos resistiram a nós com sua alteridade e tomaram algo do que fomos<sup>28</sup>.

Outro enfoque de representação da memória será através dos objetos e imagens simbólicos, como objetos “biográficos<sup>29</sup>”, que contam a história, ou pelo menos, que trazem a lembrança da história vivida para aqueles que participaram dela ou a conheceram de alguma forma.

Estes objetos são também formas de evocação da empresa, como *links* capazes de pinçar situações vividas no cotidiano do trabalho fabril, muitas vezes conhecidos apenas por aqueles que detinham tal experiência.

Violet Morin, ao falar sobre o objeto biográfico nos diz que ele “limita o espaço concreto do usuário. Ajuda a marcar o seu habitat e aprofundar as suas raízes<sup>30</sup>”. Assim:

O objeto biográfico toma parte não só no ambiente, mas também na privacidade do usuário, neste caso, objeto e usuário se utilizam mutuamente e se modificam reciprocamente na mais estreita sincronia. Os objetos usuais recebem gota a gota a pátina das atividades cotidianas. Deformados por longas etapas (...), mantêm uma

---

<sup>27</sup> Id., p. 414.

<sup>28</sup> Ibid., p. 442-443.

<sup>29</sup> MORIN, Violette. *L'objet biographique*. *Communications*, 1969. Volume 13, p. 131-139.

<sup>30</sup> Id., p. 136.

simbiose de estar com o seu possuidor; considerados por este último como insubstituíveis, envelhecem junto com ele e se incorporam à duração de suas atividades. (...) Também pode ser biográfico o objeto que se distancia do funcional para tornar-se cultural e decorativo: o relógio de família, a medalha do atleta, a máscara egípcia do etnólogo, o mapa do mundo do viajante. Cada um desses objetos tem uma experiência vivida no passado ou presente de seu dono e faz parte de sua vida<sup>31</sup>.

O tecido, como produto final e como resultado do trabalho de todos os funcionários que participavam das várias etapas da fabricação do mesmo, torna-se o principal objeto desta etapa.

Da tecelagem ao acabamento, revisão, custos, faturamento e expedição, o tecido passava pelos vários setores da fábrica. Todos os funcionários, de alguma forma contribuíam para a fabricação do tecido. E sempre poderiam existir motivos que evocassem nessas pessoas algum tipo de recordação. Lembranças, comparações, cores, estampas, reconhecimento de defeitos ou qualidades do produto, observação de detalhes que passariam despercebidos por muitos, mas que seriam observados por aqueles que vivenciavam o cotidiano desse fazer.

E isto se torna mais evidente quando é um tecido estampado, por este ser capaz de gerar uma identificação e um reconhecimento mais fácil em relação ao produto. Através do desenho e das cores de uma estampa, o tecido pode ter uma identificação e um reconhecimento imediatos.

Por isso, existe também a proposição de investigar algumas estampas desenvolvidas pela empresa e o que ficou em termos de lembranças, memória e história.

Faz-se necessário esclarecer qual o sentido utilizado nesta análise para considerar o tecido e o desenho têxtil como um objeto biográfico, um objeto de memória.

Em primeiro lugar, porque ele é um resultado do fazer, em que os funcionários sentem-se participantes do processo e da transformação do fio inicial em uma trama de tecido.

O objeto final, o tecido, reveste-se então de simbologias, tanto no que se refere à cor do tingimento, quanto ao desenho que foi criado e estampado sobre o mesmo. A cor e o desenho refletem escolhas temporais e representam criações e novidades que são acompanhadas em diversas fases do acabamento e acabam por tornar-se “familiares” aos

---

<sup>31</sup> Ibid., p. 133.

funcionários, que são capazes de reconhecê-los nas mais diversas situações de aplicação, desde a confecção de roupas à decoração.

Myriam Barros, em *Memória e família*, fala que “a imagem traz ali presente uma pista para o caminho da memória. (...) Se se pode traçar pela foto um trajeto de volta ao passado e reconstruí-lo no presente é porque se acredita que a foto traz a veracidade desta memória<sup>32</sup>”.

O mesmo pode-se dizer em relação ao tecido estampado. Pois, ao ver a estampa em uma roupa na vitrine de uma loja ou sendo usada por algum desconhecido na rua, existe uma identificação pessoal, uma sensação de participação incógnita na construção daquela peça. O desenho, como imagem, marca mais profundamente os detalhes da lembrança. Mostra o caminho mais rápido para lembrar. Identifica o produto e a empresa.

O desenho que temos na memória pode ser o mesmo que encontramos nas ruas da cidade ou nas esquinas da vida. Aquele que deu trabalho, mas que ficou na história... E na memória de todos aqueles que trabalharam na Ferreira Guimarães.

### **Memória de uma fábrica têxtil**

Não existem senão dois grandes vencedores do esquecimento humano: a Poesia e a Arquitetura. E essa última, de algum modo, inclui a precedente, sendo mais poderosa na sua realidade. É bom possuir, não só aquilo que os homens pensaram e sentiram, mas também aquilo que as suas mãos executaram, que a sua força elaborou, que os seus olhos contemplaram cada dia das suas vidas<sup>33</sup>.

Nada mais evidente como forma de representação da memória do que através da imagem dos espaços arquitetônicos, memórias construídas dos imóveis da Companhia Têxtil Ferreira Guimarães, imagens de uma fábrica têxtil.

Ainda que tenham sido edificados por firmas que antecederam a Ferreira Guimarães em Juiz de Fora, neles a empresa manteve grande parte de sua existência e estes se tornaram pontos de referência para a maioria de seus funcionários.

---

<sup>32</sup> BARROS, Myriam Moraes Lins de. *Memória e família*. Revista Estudos Históricos, v. 2, n. 3. Rio de Janeiro: 1989, p. 39.

<sup>33</sup> RUSKIN, John. *A lâmpada da memória*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008, p. 8.

Construções fabris que ajudaram a identificar a cidade e que, por sua localização central e sua proximidade a espaços como o Museu Mariano Procópio e a Estação Ferroviária, sempre foram também ponto de referência para a construção de identidades em relação à Juiz de Fora, principalmente os que foram tombados pelo patrimônio cultural da cidade.

De acordo com a abordagem de Michael Pollack sobre a memória, existem os acontecimentos vividos pessoalmente e os acontecimentos “vividos por tabela”, isto é, “vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer<sup>34</sup>”. Estes acontecimentos se tornariam tão significativos para o grupo, que muitos se sentiriam envolvidos neles mesmo que não tivessem participado efetivamente desses momentos.

Segundo o autor, além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas (ou personagens) e lugares. Ambos seguem o mesmo critério analisado para os acontecimentos, podendo a memória ser constituída por pessoas e lugares realmente encontrados no decorrer da vida ou vivenciados “por tabela”, ligados a lembranças do grupo social ao qual o indivíduo está inserido.

Desta forma, podemos compreender que essa memória da fábrica têxtil abrange um número maior de pessoas, que não necessariamente participaram efetivamente da história da Ferreira Guimarães, mas que talvez a tenham vivido “por tabela”, por meio de familiares que trabalharam na empresa, por meio de grupos sociais, ou mesmo pelo conhecimento histórico, econômico e artístico, através dos quais a arquitetura fabril teve grande importância para a cidade de Juiz de Fora no período do início da industrialização, início do século XIX.

Também por isso, alguns desses imóveis foram tombados como patrimônio cultural da cidade, porque foram reconhecidos como relevantes para a história e memória de Juiz de Fora.

Pollack fala também que a memória social ou individual é um “fenômeno construído”, e que “é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si<sup>35</sup>”.

---

<sup>34</sup> POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. *Revista Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-212. Rio de Janeiro, 1992, p. 201.

<sup>35</sup> Id., p. 204.

As edificações fabris da Ferreira Guimarães transformaram-se em “lugares de memória”, como conceito discutido por Pierre Nora, pois “o sentimento de continuidade torna-se residual aos locais<sup>36</sup>”. Para o referido autor:

Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história. Cada gesto, até o mais cotidiano, seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre se fez, numa identificação carnal do ato e do sentido. Desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história<sup>37</sup>.

Segundo Nora, memória e história têm sentidos opostos, pois a primeira seria viva e em permanente evolução, “aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, um fenômeno atual que é vivido sempre no presente”, enquanto que a segunda, a história “é a reconstrução problemática e incompleta do que não existe mais”, sendo sempre “uma representação do passado<sup>38</sup>”. Em suas palavras:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais<sup>39</sup>.

O mesmo autor fala que “há locais de memória porque não há mais meios de memória<sup>40</sup>”. Nesse sentido, a importância da manutenção do local, da criação dos “lugares de memória” está diretamente relacionada à ameaça do esquecimento, da perda. Pois, para Nora, “os lugares de memória são, antes de tudo, restos<sup>41</sup>”. São como restos de memória. “Se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis<sup>42</sup>”.

---

<sup>36</sup> NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. In: *Projeto História*, n. 10, dez. p.7-28. São Paulo: PUC/SP, 1993, p. 7.

<sup>37</sup> NORA, Pierre. *op. cit.*, p. 8.

<sup>38</sup> *Id.*, p. 9.

<sup>39</sup> *Ibid.*, p. 13.

<sup>40</sup> *Ibid.*, p. 7.

<sup>41</sup> *Ibid.*, p. 12.

<sup>42</sup> *Ibid.*, p. 13.

A memória, para não morrer, “se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto<sup>43</sup>”.

Sobre esta questão reflete Maria Letícia Mazzucchi Ferreira:

A noção de patrimônio industrial nos remete a ideia de uma inversão de funções e sentidos: o que antes era um lugar de trabalho se transforma em um lugar de memória. A patrimonialização desses espaços confere aos mesmos outros sentidos, deslocando-os daqueles que estão em sua origem. Inseridos em outra ordem, a da memória, e outra estética, a do patrimônio, lugares de trabalho e produção passam, então, a fazer parte de roteiros culturais e de entretenimento<sup>44</sup>.

O desenho da história da Ferreira Guimarães, portanto, é formado pelo contorno das linhas que tramam a vida. Linhas curvas que no desenrolar do tempo continuaram a se entrelaçar nas linhas das memórias individuais e coletivas que compõem esta trajetória. Pessoas que participaram desta mesma história, e construíram, ao mesmo tempo, suas vidas pessoais interligadas a esta existência fabril.

---

<sup>43</sup> Ibid., p. 9.

<sup>44</sup> FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. *Patrimônio industrial: lugares de trabalho, lugares de memória*. Museologia e Patrimônio - vol. II nº 1 - jan/jun de 2009, p. 22.

## CAPÍTULO 1- TECENDO A HISTÓRIA DA FERREIRA GUIMARÃES

### 1.1- A FÁBRICA DOS INGLESES E A COMPANHIA DE TECIDOS INDUSTRIAL MINEIRA: Construindo a história que antecedeu a Ferreira Guimarães em Juiz de Fora

Juiz de Fora, antigo terminal da estrada de rodagem saída de Petrópolis e importante entreposto agropecuário do Vale do Paraíba, a ele ligado pela E. F. Central do Brasil, tornou-se, na segunda metade do século passado, um centro urbano-industrial relevante. Tecidos, cervejas e objetos de madeira foram algumas das atividades fabris da cidade<sup>1</sup>.

A construção da estrada União e Indústria, primeira rodovia macadamizada<sup>2</sup> da América Latina, inaugurada em 1861, pode ser considerada como um dos principais fatores que facilitaram o início do desenvolvimento fabril em Juiz de Fora. A estrada, idealizada por Mariano Procópio Ferreira Lage<sup>3</sup> para facilitar o escoamento do café entre as províncias de Minas e Rio de Janeiro, foi iniciada em 1856 e fazia a ligação entre Juiz de Fora e Petrópolis.

Um grande número de imigrantes foi contratado pelo empreendedor Mariano Procópio por meio da Companhia União e Indústria, para trabalhar nas obras de construção da estrada. Principalmente de origem germânica, vieram para Juiz de Fora e foram instalados na colônia D. Pedro II, que ficou dividida na vila industrial, conhecida como *Villagem*, próxima ao centro da cidade, localizada no antigo Morro da Gratidão e na colônia agrícola, de nome Colônia de São Pedro, situada na área rural e onde também trabalhavam os imigrantes alemães.

Após a falência da Companhia União e Indústria, devido à concorrência da Estrada de Ferro D. Pedro II, os imigrantes assumem um importante papel no processo de urbanização e

---

<sup>1</sup> HARDMAN, Francisco Foot. *História da Indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos vinte*. Francisco Foot, Victor Leonardi. São Paulo: Global Ed., 1982, p. 172.

<sup>2</sup> Forma de pavimentação da estrada, com sucessivas camadas de pedras gradualmente menores.

<sup>3</sup> Engenheiro natural de Barbacena (MG) que fundou a Companhia União e Indústria em 1856, com a qual projetou, construiu e deu nome à primeira estrada de rodagem macadamizada no Brasil, a União e Indústria, com 144 km pavimentados, ligando Petrópolis (RJ) a Juiz de Fora (MG), onde manteve um serviço de diligências, extinto em 1869 em função da concorrência da Estrada de Ferro D. Pedro II, futura Central do Brasil, da qual foi seu diretor. Construiu a Villa Ferreira Lage, onde posteriormente seu filho, Alfredo Ferreira Lage, fundou o Museu Mariano Procópio de Juiz de Fora, dotado de um significativo acervo artístico, histórico e natural, e que mais tarde foi doado ao município de Juiz de Fora.



industrialização da cidade, auxiliando decisivamente no desenvolvimento industrial através de pequenas iniciativas fabris<sup>4</sup>.

No início da década de 1880, entre os estabelecimentos industriais existentes na cidade cujos proprietários eram imigrantes, destacavam-se a Fábrica de Cerveja e Águas Minerais Poço Rico, Fábrica de Cervejas José Weiss, Fábrica de Máquinas e Fundação George Francisco Grande, além do Curtume Krambeck, especializado na produção de couros e peles. Juiz de Fora, cuja produção econômica despontava, iniciava um desenvolvimento que a levaria a ser um centro industrial mineiro de destaque.

A introdução do processo de industrialização têxtil ocorreu com a instalação da primeira fábrica de tecidos da cidade, a Industrial Mineira, conhecida como Fábrica dos Ingleses. Inaugurada no dia 25 de dezembro de 1883, de propriedade das firmas *Andrew Steele & Cia.*, *William Morrit e Henry Whithaker*<sup>5</sup>, era também denominada como Fábrica de Tecidos de Mariano Procópio. Foi montada no local das antigas oficinas da Companhia União e Indústria e representou um importante acontecimento para a cidade, como demonstrava a expectativa causada com sua inauguração, verificada na publicação do jornal *Pharol*, Sábado, dia 29 de dezembro de 1883<sup>6</sup>:

Conforme fora anunciado, teve lugar no dia 25 do corrente, a inauguração da fabrica de tecidos dos Srs. *Stelle, Morritt & Whitaker*, situada em Mariano Procópio, no local das antigas officinas da companhia União & Industria. A concurrencia foi extraordinária e provou mais uma vez que a população desta cidade não é indifferente aos melhoramentos que aqui se realizão, e que sabe apreciar devidamente os esforços que tendem a augmentar a sua prosperidade. O Revd. Sr. Vigario Thiago Ribeiro Mendes, depois de ter procedido à benção da turbina e das outras machinas, pronunciou algumas palavras, agradecendo aos proprietarios da fabrica o beneficio que tinhão feito ao lugar, criando um centro de trabalho onde se pódem empregar grande numero de pessoas; e, mais tarde, por ocasião do copo

<sup>4</sup> ARANTES, Luiz Antônio do Valle. *As origens da burguesia industrial em Juiz de Fora (1858 – 1912)*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1991. OLIVEIRA, Mônica. *Imigração e Industrialização: os alemães e italianos em Juiz de Fora (1854-1920)*. Niterói. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal Fluminense, 1991.

<sup>5</sup> Posteriormente, organizou-se como firma *Morrit e Companhia*, Fábrica de Fiação e Tecidos de Algodão, sucessora da primeira. Teve como primeiro gerente o Sr. João Alves de Britto, como mostram os anúncios publicados no jornal *Pharol* de Juiz de Fora, o qual se manteve neste posto até 1885, quando se retirou da gerência da fabrica, comunicando à comunidade em aviso no mesmo jornal, sábado, dia dez de janeiro de 1885. O primeiro diretor foi o Sr. John Henry Riley, que faleceu aos trinta e sete anos em Hamburgo, em junho de 1891. (*Pharol*, Juiz de Fora, Domingo, 14 de Junho de 1891). Ao longo do presente trabalho usarei as grafias – *Pharol* e *O Pharol* - observando o que está nas fontes pesquisadas. Em tempo, assinalo que o referido jornal circulou inicialmente como *Pharol* passando, posteriormente, para *O Pharol*.

<sup>6</sup> A imprensa local exercia também um discurso de construção da “cidade da ordem” e dos valores capitalistas, incluindo a exaltação do crescimento industrial e do trabalho. Sobre este assunto ver GOODWIN JUNIOR, James William. *Cidades de Papel: Imprensa, Progresso e Tradição*. Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914). São Paulo. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, 2007.

d'água que os beneméritos industriaes oferecerão aos seus convidados, o Sr. Dr. Vaz Pinto saudou-os em nome do município<sup>7</sup>.

Ocupando uma extensa área de benfeitorias, com 1.106.600 metros quadrados de terreno, adquiridos pelo valor de 55 contos de réis da Companhia União e Indústria, em liquidação, representada pelos membros da comissão liquidante, Honório Augusto Ribeiro, Joaquim de Mello Franco e Antônio Vieira da Cunha<sup>8</sup>.

Com um maquinário em sua maioria importado, a fábrica produzia tecidos de algodão branco, lisos e grossos, trançados, pano especial para sacos e riscados de diversos padrões e qualidades. A localização privilegiada, bem ao lado da Estação Mariano Procópio, pertencente à Estrada de Ferro D. Pedro II, garantia a facilidade necessária para a importação de equipamentos e matéria prima e a exportação da produção fabril.

A fábrica utilizou a primeira turbina hidráulica do Brasil instalada pela Cia. União e Indústria para movimentar o maquinário de sua oficina, chamada de turbina 'Antônia Bandeira' e começou a funcionar no momento da extinção oficial da Colônia D. Pedro II, tirando muitos ex-colonos de suas dificuldades financeiras<sup>9</sup>.

No que se refere à mão de obra, a proximidade das instalações da fábrica com a Colônia, justifica a facilidade em atrair trabalhadores para suas dependências, como podemos verificar na citação a seguir. Fato que também influenciou a formação de diversos bairros nos arredores da fábrica, entre eles, Borboleta, Democrata e Vale do Ipê.

A proximidade da Fábrica dos ingleses com a antiga Colônia D. Pedro II, especialmente da *Villagem*, explica perfeitamente a forte participação de germânicos e seus descendentes nascidos no Brasil, no quadro funcional dessa empresa em 1884, quando ela apenas iniciava sua produção. Mas, no que se refere à disponibilidade de mão de obra, a situação excepcional e confortável desfrutada então por essa unidade fabril, a meu ver, pode ser atribuída ainda à intrigante capacidade revelada por um empreendimento dessa natureza e porte em atrair para seus portões e dependências, antes mesmo do fim da escravidão, uma massa de pessoas de todo tipo. Uma legião de adultos e menores de ambos os sexos, incluindo muitos alemães, lusos, brasileiros e italianos desvalidos, dispostos ou impelidos a se

---

<sup>7</sup> *Pharol*, Juiz de Fora, Sábado, 29 de Dezembro de 1883.

<sup>8</sup> O registro de escritura de venda dos edifícios das oficinas da Cia. União & Indústria foi redigido em nove de julho de 1883, conforme cópia do Cartório do tabelião Francisco Pereira Ramos, na cidade do Rio de Janeiro, encontrada no Arquivo Histórico da UFJF.

<sup>9</sup> STEHLING, Luiz José. *Juiz de Fora, a Companhia União e Indústria e os Alemães*. Juiz de Fora: Esdeva Empresa Gráfica Ltda., 1979, p. 311-312.

submeterem ao assalariamento e à disciplina capitalistas, a se transformarem em ‘operários modernos’<sup>10</sup>.

Hardman, ao falar sobre o trabalho industrial também cita que “a indústria trouxera consigo um novo tipo de trabalhador: o proletário industrial moderno<sup>11</sup>”. O trabalho fabril no início da industrialização, na maioria das vezes, se baseava na combinação da exploração e desvalorização dos seus funcionários, acarretando a utilização massiva da força humana a baixíssimos salários e, conseqüentemente, o crescimento da produtividade industrial.

Para Heloisa Helena Pacheco Cardoso: “As questões operárias até o final da década de 20 giraram em torno de dois problemas essenciais: a jornada de trabalho e o salário<sup>12</sup>”. Segundo a mesma autora, para adequar e condicionar o trabalhador fabril às necessidades de produtividade capitalista foi instituído ao trabalho deste, um rígido controle sobre a disciplina e valores de conduta que incluíam posturas e regras no trabalho e na vida social.

A fábrica só tem sentido enquanto produção, o que significa maquinaria em movimento e nisso o trabalhador é peça insubstituível. A moralização do espaço fabril corresponde, portanto, à necessidade de construir um trabalhador produtivo atrelado ao ritmo e à capacidade de produção fabril e com as qualidades requeridas pelo modelo de operário que a sociedade capitalista impunha. Nesse sentido, se objeto de mudança é gente, se significa alterar hábitos e costumes de uma população livre, o que já era feito com o trabalhador escravo desde os primórdios da colonização, é preciso que se construa todo um aparato institucional capaz de produzi-las. Nesse contexto é que se insere toda a preocupação com o controle e a disciplina no espaço fabril, entendido como o lugar do trabalho, da moradia, do lazer, da educação, enfim, da vida do trabalhador. Trabalho e vida se confundem até o momento em que o sistema fabril tenha produzido um corpo social capaz de pautar a sua existência pelos valores da pontualidade, da laboriosidade, da regularidade<sup>13</sup>.

#### Segundo Giroletti:

O componente disciplinar diz respeito à vontade, à submissão do corpo às novas exigências técnicas da organização fabril que visam não apenas a controlar a paixão e os instintos, mas a atuar positivamente na formação de gestos, posturas,

<sup>10</sup> OLIVEIRA, Luís Eduardo de. *Os trabalhadores e a cidade: a formação do proletariado de Juiz de Fora e suas lutas por direitos (1877-1920)*. Juiz de Fora: FUNALFA; Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 182.

<sup>11</sup> HARDMAN, Francisco Foot. *op. cit.*, p. 91.

<sup>12</sup> CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. *Trama e Fios: A Fábrica Têxtil em Minas Gerais*. Dissertação de Mestrado em História. UNICAMP. Campinas, 1986, p. 20-21.

<sup>13</sup> Id. *Disciplina e Controle no Espaço Fabril: O Trabalhador Têxtil em Minas Gerais*. Rev. Bras. Hist. São Paulo, v. 6, nº 11, p. 63-74, set. 1985/fev. 1986, p. 72.

comportamentos, atitudes adequadas aos requisitos da fábrica moderna para a qual o indivíduo está sendo treinado e submetido<sup>14</sup>.

Nesse sentido, a história desta indústria têxtil, que na cidade de Juiz de Fora incorporou a existência da Fábrica dos Ingleses e da Industrial Mineira, que a antecederam, transformando-se posteriormente na Companhia Têxtil Ferreira Guimarães, não se tornou isenta de passar por semelhantes caminhos. E também não se furtou da condição de utilizar fatores, como a exploração do trabalho e a disseminação dos valores capitalistas, para a sua evolução industrial.

De acordo com Eliana Dutra:

As condições de trabalho nas indústrias de Juiz de Fora não eram boas. Os operários enfrentavam horas de trabalho excessivas (10, 12, 14 horas diárias), eram obrigados a fazer serões semanalmente e a trabalhar aos domingos alternadamente. As condições de higiene em várias fábricas eram péssimas, não havendo nenhuma regulamentação quanto ao trabalho dos menores e das mulheres que representavam um expressivo contingente da mão de obra. Pelos depoimentos orais, as fábricas funcionavam em sua maioria, em instalações apertadas e pouco ventiladas<sup>15</sup>.

No início de suas atividades industriais, em 1884, a Industrial Mineira já funcionava com uma “acentuada divisão de tarefas e uma rígida hierarquização do processo produtivo, com a distribuição dos 128 funcionários dessa tecelagem em sete setores (...) e 28 cargos diferentes, exercidos por homens, mulheres e crianças de múltiplas nacionalidades<sup>16</sup>”.

Já no ano de 1885, um ano depois, a fábrica apresentava um crescimento de sua força de trabalho em torno de 20% e conseqüentemente, de sua produção, funcionando com cerca de 150 operários, 100 teares e máquinas de preparação e fiação suficientes para abastecê-los. Havia também uma engomadeira e uma máquina de descaroçar, motivo pelo qual a fábrica também comprava algodão produzido na cidade, incentivando a produção local<sup>17</sup>. Em 25 de novembro do mesmo ano, houve a inauguração da nova turbina da fábrica de tecidos de

---

<sup>14</sup> GIROLETTI, Domingos. *Fábrica: convento e disciplina*. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, p.186.

<sup>15</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. *Caminhos Operários nas Minas Gerais – Um estudo das práticas operárias em Juiz de Fora e Belo Horizonte na Primeira República*. São Paulo: Hucitec - Editora UFMG, 1988, p. 50-51.

<sup>16</sup> OLIVEIRA, Luís Eduardo de. *op. cit.*, p.181 (Análise de Folha de Pagamento da Industrial Mineira em 1884).

<sup>17</sup> Fato divulgado no jornal *Pharol* de 16 de setembro de 1885.

Mariano Procópio<sup>18</sup>, substituindo a que existia anteriormente, com um evento para o qual foram convidadas diversas personalidades de Juiz de Fora.

Por ser o único empreendimento têxtil da cidade e por trazer inovações tecnológicas em estrutura e maquinários, a Industrial Mineira começou a atrair um público interessado em conhecer suas instalações fabris. Conforme comunicado no jornal *Pharol* da época (Figura 1), a gerência resolveu marcar as segundas-feiras, das duas às quatro horas da tarde para as visitas às oficinas da fábrica, e estas deveriam ser previamente agendadas.



Figura 1: *Pharol*, Juiz de Fora Quinta-feira 2 de Setembro de 1886  
Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Essa atratividade do trabalho industrial sobre a população pode ser considerada como um fator propício para o desenvolvimento do setor, ocorrido na cidade no fim do século XIX, visto que as visitas à fábrica também eram uma estratégia desta para atrair mão de obra, como enfatizado por Luís Eduardo de Oliveira. O autor, ao comentar sobre o mesmo anúncio do jornal, diz que:

Além dos alegados motivos de natureza organizacional e disciplinar, fica claro que ao fixar a segunda-feira como o dia ideal para tais visitas, forçando os ‘curiosos’ e os eventuais candidatos a um emprego a comparecerem em massa à porta do estabelecimento sempre no ‘primeiro dia útil da semana’, a direção da tecelagem procurava também ordenar melhor o processo de recrutamento de novos operários<sup>19</sup>.

<sup>18</sup> Durante a inauguração, a turbina trabalhou dando 495 voltas por minuto, desenvolvendo uma força de 80 cavalos aproximadamente. A água foi encanada em tubos de ferro fundido, com uma extensão de 1.200m, até a tomada da cascata, que foi colocada a 77 metros da turbina, aumentando a pressão e produzindo um maior desenvolvimento de força motriz. A pressão exercida sobre a turbina era de aproximadamente 15 ½ toneladas. Participaram deste evento diversas pessoas, entre as quais se destacam: o Sr. Alferes M. J. Pereira da Silva, Sr. Dr. Agostinho Corrêa, Sr. Padre-mestre João Roussin, Sr. João Alves de Brito, Sr. Steele, Sr. Dr. Riley, além de vereadores da câmara municipal. (Jornal *Pharol* de Quinta-feira, 26 de Novembro de 1885).

<sup>19</sup> OLIVEIRA, Luís Eduardo de. *op. cit.*, p.182.

E complementou: “Um ano após a sua inauguração, as instalações da Industrial Mineira continuavam a despertar a curiosidade pública”. Segundo ele, ao contrário de outras fábricas de diversos pontos do país, a empresa parece não ter tido dificuldades iniciais para recrutar os trabalhadores necessários para a movimentação de seus maquinários, justificada pela ausência de oferta de emprego em anúncios nos jornais da época<sup>20</sup>.

Através do interesse de novas pessoas em conhecer suas instalações, a Industrial Mineira divulgava suas possibilidades de trabalho e aumentava sua popularidade na cidade, provavelmente, disseminando também as vantagens de se trabalhar em um empreendimento fabril de sua natureza.

A partir de 1887, com o crescimento econômico da região, da cultura cafeeira e a repercussão positiva dos primeiros investimentos industriais, novas fábricas têxteis foram surgindo em Juiz de Fora. A Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas, importante empreendimento do setor, foi fundada neste mesmo ano. A fábrica iniciou suas atividades em maio de 1888, com 60 teares ingleses, produzindo linho e brins de algodão. Podemos citar também a Fiação e Tecelagem de Malha, fundada em 1896, a Companhia Fabril Juiz de Fora, fundada em 26 de maio de 1914, Companhia Fiação e Tecelagem Santa Cruz, funcionando desde maio de 1914 à Rua de São Sebastião, como sociedade anônima de fiação e tecelagem de algodão. A Companhia Fiação e Tecelagem Moraes Sarmento em 1905, a Fiação e Tecelagem Antônio Meurer em 1911, a Companhia Fiação e Tecelagem São Vicente em 1924 e neste mesmo ano, a Sociedade Anônima Fábrica de Tecidos São João Evangelista. A cidade, nos anos 1890, atingiu uma estrutura muito mais complexa e assumiu, de maneira efetiva, sua característica industrial<sup>21</sup>.

De uma forma geral, os acontecimentos relacionados a essas empresas, tal como ocorrido anteriormente na Industrial Mineira, tanto no momento da inauguração, como na instalação de novos equipamentos e maquinários, eram sempre divulgados e prestigiados, principalmente pela imprensa local<sup>22</sup>. As melhorias tecnológicas e os novos empreendimentos

---

<sup>20</sup> Id., p.180.

<sup>21</sup> Ibid., p.129.

<sup>22</sup> O que também é ressaltado por Christina Musse em sua pesquisa sobre o *Diário Mercantil* de Juiz de Fora: “O jornal, respeitando uma tradição de décadas, sempre **foi apologista da cidade industrial**. Nas matérias que tratam desses assuntos é sempre enfatizado o lado colossal, grandioso dos empreendimentos, repetido em inúmeras matérias, que atravessaram a década, criando uma expectativa, que nem sempre chegou a ser preenchida”. (Grifos no original). MUSSE, Christina Ferraz. *Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006, p. 150.

fabris eram reconhecidamente vistos como conquistas para a cidade, se tornando motivo para festividades em que eram convidadas pessoas da elite social e política da cidade.

As ‘festas industriais’ ou do ‘trabalho’ representavam, então, mais do que meras demonstrações coletivas de regozijo pela entrada em operação de unidades manufatureiras e seções industriais recém-instaladas, ou mesmo de motores, máquinas e outros equipamentos tecnologicamente avançados para a época e, em geral, importados da Europa e dos Estados Unidos. Nesta perspectiva, entendo que tais eventos simbolizam perfeitamente como as elites de Juiz de Fora buscavam associar os novos tempos capitalistas, que se impunham de modo veloz, a um cenário idílico de progresso constante e prosperidade para todos os habitantes do lugar, independentemente de suas reais condições de vida e posição relativa na estrutura de classes<sup>23</sup>.

Segundo Oliveira, a imprensa local reforçava essa ideia, ao sempre veicular assuntos que buscavam associar as novas indústrias ao desenvolvimento, capazes de trazer o progresso para a cidade e aos que estavam ligados a ela.

O que é afirmado também nas palavras de James William Goodwin Junior:

O destaque dado a certos eventos, a frequência com que certos tipos de notícias aparecem, o lugar que estas ocupam, comentários feitos ao longo do texto, ou mesmo em outros espaços do jornal, tudo isso ajuda a compor o perfil de uma publicação. Desta forma, por exemplo, percebe-se claramente como o *Pharol*, de Juiz de Fora, difundia a ideologia do progresso entre seus leitores na década de 1880<sup>24</sup>.

Este fato pode ser bem exemplificado pelo artigo de José Braga, publicado no jornal *O Pharol* em 23 de março de 1887, o qual, além de exaltar o trabalho fabril na Industrial Mineira, cita as “vantagens” proporcionadas por este, ao ser executado também por mulheres e crianças, explicitando e justificando uma realidade muito comum na indústria têxtil da época.

Industrial Mineira – Fábrica de Tecidos *Morritt & C.* em Juiz de Fora – Centro de vida e de trabalho activo, onde o constante ruído civilizador da indústria faz esquecer a monotonia enervadora da ociosidade, distingue-se este estabelecimento pelas vantajosas condições em que se acha actualmente, tornando-se, por isso, digno de ser considerado um dos primeiros, senão o primeiro em seu gênero, nesta província. O edificio em que funciona tão importante fábrica é espaçoso e sólido, illuminado fartamente pela luz diurna que, através de amplas janellas, vae dar aos diversos grupos de operários de ambos os sexos, que alli se reúnem, o aspecto risonho e feliz, que não tem os habituez das lobregas tavernas. Em todos os sallões reina a actividade, que não precisa da voz asperamente incitadora do feitor,

<sup>23</sup> OLIVEIRA, Luís Eduardo de. *op. cit.*, p. 139.

<sup>24</sup> GOODWIN JUNIOR, James William. *op. cit.*, p. 84.

apresentando-se aos olhos do visitante, immerso em agradável contemplação, um bellissimo quadro, digno de ser reproduzido em outros pontos d'esta província que tantos e tão grandes benefícios pode auferir da indústria em suas múltiplas manifestações. Mulheres, homens e creanças, calmos dessa calma que produz a consciência do trabalho honesto, devidamente recompensado ocupam-se de vários misteres, trazendo impresso nos semblantes o reflexo de um espirito não perturbado por pensamentos tristes e sombrios. As creanças, principalmente, attraem-nos a attenção pela seriedade precoce de que se revestem, mostrando-se aptas para o trabalho, quando muitas outras se distinguem por diabólicas travessuras e pela habilidade com que se entregam aos brincos infantis. Tudo alli nos fala irresistivelmente do Progresso, enlevando-nos em doces scismas, que desenrolam a nossos olhos maravilhados a perspectiva de um futuro brilhante e rico de elementos, que nos tornem dignos do convívio das nações civilizadas<sup>25</sup>.

Complementando o artigo, em publicação no dia 25 do mesmo mês, o texto de Braga sugere ao leitor que não há dúvidas sobre os benefícios do trabalho industrial, pois em suas palavras:

A nenhum espirito por menos propenso que seja a considerações sociológicas pode passar despercebida a influência benéfica, que um estabelecimento nessas condições exerce sobre os costumes e as tendências dos representantes da classe operaria nelle empregados. Affazendo-os ao trabalho e desviando-os das irresistíveis attracções do vicio, desenvolve lhes noções de economia que, postas em pratica, hão de, forçosamente, pô-los ao abrigo da penúria, nos dias em que por qualquer circumstancia imperiosa o trabalho não lhes seja permitido<sup>26</sup>.

Com relação ao trabalho infantil e feminino, o texto revela ainda a visão de um caráter “pedagógico” deste para o autor:

Educadas sob esse regimen severo e dedicadas a elle em virtude de exemplos constantes, as creanças se tornarão um dia, mais facilmente do que os homens, accessiveis aos nobres sentimentos de sociabilidade e de respeito à Ordem, porque seu espirito se vae orientando, isento dos numerosos inconvenientes, que resultam da ociosidade absoluta.

Meninas em cuja frente graciosa tão cedo se desenvolvem os elevados pensamentos de amor ao trabalho, se converterão mais tarde em esposas exemplares, que se esforçarão por tornar suave e doce a vida do homem honrado e trabalhador, que a ellas tiver ligado para sempre o seu destino.

Ao passo que o adiantamento intellectual pode se effectuar, independente do louvável desenvolvimento moral, raras vezes este deixa de dar-se em indivíduos que, desde tenra idade, sujeitam-se a um regimen de trabalho, sob a direcção inteligente e zelosa de um chefe<sup>27</sup>.

Ao comentar sobre este mesmo artigo do referido jornal, Goodwin Junior ressalta que: “O trabalho era apresentado como elemento civilizatório, formador da moral pessoal, que

<sup>25</sup> BRAGA, José. *O Pharol*, 23 de março de 1887.

<sup>26</sup> Id., 25 de março de 1887.



protegeria o indivíduo educado a trabalhar contra a penúria e a miséria, servindo também como escudo contra a preguiça e outros comportamentos considerados infames<sup>28</sup>”. Nesse sentido, o autor conclui que o que se pretende instaurar é uma nova concepção de sociedade capitalista, na qual existe “um caráter educativo que transcende a necessidade econômica<sup>29</sup>”, impondo os valores em relação ao trabalho. Todos devem trabalhar mesmo aqueles que não precisariam fazê-lo, pois não devem fugir à sua responsabilidade social.

Segundo Goodwin Jr., o que era publicado no jornal municipal pretendia difundir e alterar valores arraigados na tradição social brasileira, tendo como ponto central as concepções sobre o trabalho. Seria necessário reverter a associação negativa que se formou entre trabalho e escravidão, encontrando formas de incentivar o novo trabalhador a assumir e investir nos novos valores capitalistas.

Devido ao seu crescimento industrial, que iniciou uma cultura de valorização da indústria e do trabalho, incentivando os estabelecimentos fabris e relacionando-os ao progresso, Juiz de Fora continuou se desenvolvendo industrialmente, chegando a se destacar na Zona da Mata e ser conhecida nacionalmente. Alcançando uma grande tradição no setor, a cidade recebeu a denominação de *Manchester Mineira*, título conquistado pela característica arquitetônica da maioria de suas construções fabris, que mantinham o mesmo estilo das construções inglesas do século XIX.

Em 1886, na Exposição Industrial de Juiz de Fora<sup>30</sup>, a Industrial Mineira, Fábrica de Tecidos Morrit e Cia., foi premiada com a Medalha de Ouro e o Diploma de Honra, como ostenta o anúncio publicado no *Almanach* em 1897 e 1898. (Figura 2).

---

<sup>27</sup> Id.

<sup>28</sup> GOODWIN JUNIOR, James William. *op. cit.*, p. 231.

<sup>29</sup> Id., p. 233.

<sup>30</sup> Conforme consta em publicação do jornal *Pharol* de Quarta-feira, 9 de Fevereiro de 1887. Segundo Jair Lessa, esta Exposição foi o maior acontecimento daquela época, a maior propaganda que a cidade teve. Não foi iniciativa apenas local para repercutir no município e cidades vizinhas. Foi de repercussão nacional, em convênio com o ministério da Agricultura. (LESSA, Jair. *Juiz de Fora e seus pioneiros (do Caminho Novo à Proclamação)*. Juiz de Fora: UFJF/ FUNALFA, 1985, p. 189).

310

**COMPANHIA**

—DE—

**\*FIAÇÃO E TECELAGEM\***

**Industrial Mineira**

Premiada com a grande Medalha de Ouro e o diploma de Honra  
NA EXPOSIÇÃO DE JUIZ DE FORA DE 1886

*Neste estabelecimento fabrica-se com material  
de 1ª qualidade e com toda a perfeição*

Tecidos de algodão brancos e de cores,  
americanos de diversas marcas, lisos finos,  
lisos grossos, trançados superiores, maripos-  
sas, cassineta mineira superior, xadrez, tran-  
çados, riscados de varias qualidades, oxford,  
pannos para saccoes, etc., etc.

Fio em novellos e meadas de superior  
qualidade.

**\*MARIANO PROCOPIO\***

Estrada de Ferro Central do Brasil



ESTADO DE MINAS GERAES

Figura 2: *Almanach de Juiz de Fora* para 1897 e 1898  
Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Nesta época, no ano de 1886, a fábrica apresentava uma estrutura de trabalho com 120 homens e 90 mulheres, entre os quais havia algumas crianças, totalizando um número próximo de 210 funcionários, o que já demonstrava o crescimento ocorrido em comparação aos 150 operários, que compunham o quadro da fábrica dois anos antes.

Em *Juiz de Fora e seus pioneiros (do caminho novo à proclamação)*, Jair Lessa, relatando sobre o ano de 1888, destacou alguns melhoramentos que foram introduzidos na cidade pela Industrial Mineira:

A onze de janeiro, a fábrica de tecidos dos ingleses fundava uma escola noturna gratuita para os operários e seus filhos. Por essa ocasião, a fábrica era dona do serviço telefônico local, que possuía cerca de cem aparelhos. Mister Riley, em 25 de julho, muda a central para o Largo Riachuelo (Figura 3) e faz doação de um telefone

para o Fórum e um para a Santa Casa e comunica que, além de outros melhoramentos, a companhia estava fornecendo agora um modelo moderno, marca William<sup>31</sup>.



Figura 3: *Diário de Minas*, Sábado, 28 de Julho de 1888  
Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Na Fábrica de Tecidos Industrial Mineira se fez o uso da luz elétrica pela primeira vez na cidade, através da usina alimentada pela Cachoeira de Ribeirão de São Pedro, de sua propriedade<sup>32</sup>, antes mesmo da iluminação pública realizada por Bernardo Mascarenhas. Foi também a firma Morrirt e Cia. que introduziu o telefone na cidade, através da experiência de utilização das primeiras linhas telefônicas iniciada pelo engenheiro Riley em 1887.

Em oito de março de 1889, a firma Morrirt e Cia. se transformou em sociedade anônima com o nome de Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira, instituída no dia vinte e um de março do mesmo ano, com a aprovação de todos os sócios da firma.<sup>33</sup> A

<sup>31</sup> LESSA, Jair. *op. cit.*, p. 209.

<sup>32</sup> De acordo com um jornal local: “Perante grande número de pessoas gradas desta cidade realisou-se hontem, às 7 horas da noite, a inauguração da luz electrica por lâmpadas incandescentes, na fabrica de tecidos Industrial Mineira dos srs. *Morrirt & C.* A luz é fornecida directamente por dynamo, produzindo 150 focos de um poder luminosos de 20 vellas ou dois bicos de gaz cada um; o dynamo é movido pela turbina da mesma fabrica. O dynamo electrico é de systema “*Brush*”, já bastante conhecido entre nós e do qual é agente o sr. Pedro *Kurczyn.* A luz perfeitamente fixa agradou a todos os visitantes que a convite dos proprietários da fabrica concorreram a apreciar o deslumbrante aspecto que àquellas horas apresentava o estabelecimento. A aplicação que conhecemos é a mais pratica e parece-nos até mais econômica. Todo o trabalho foi executado pelo sr. *Lèon Rodde*, que em pessoa montou todo o material. A todos os convidados obsequiou o dr. *Riley*, digno gerente do estabelecimento, e a quem felicitamos igualmente com os srs. *Morrirt & C.* pelo grande e vantajoso melhoramento.” (Jornal *Pharol*, 2 agosto 1887).

<sup>33</sup> Sócios da firma em comandita *Morrirt & Cia.*: *John M. Morrirt, Andrew Steele, Henry Miller, John Steele, John Henry de Castro Bellamy, D. Antônia Izabel Graham Bellamy e William Twedell Gepp.* Foram eleitos e proclamados diretores os senhores *Andrew Stelle, Henry Miller e William Twedell Gepp.* Como consta na Ata de Assembleia Geral de Instalação da Companhia e no Estatuto da Companhia de Fiação e Tecelagem industrial Mineira.

sede da Companhia passou a ser no Rio de Janeiro, onde funcionava o escritório central da empresa.

Em 1908, a Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira já atingia uma produção diária de 11.000 metros de tecidos em Juiz de Fora. Tinha 400 operários, praticamente o dobro de funcionários que trabalhavam na sua fábrica em 1887, 132 teares e o maquinário, acionado por turbina de força de 320 cavalos e motor elétrico, sendo a energia fornecida pela cachoeira de sua propriedade. Utilizava fio preparado na própria fábrica e, conforme anúncio no jornal *Pharol*, comprava toda e qualquer quantidade de algodão em caroço produzido na cidade. Com edificação em terreno próprio, dispunha também de vinte casas para operários, ferraria, carpintaria, armazéns e almoxarifado<sup>34</sup>.

A Companhia tinha também um clube de futebol, o Esporte Clube Industrial Mineira, inicialmente chamado de Industrial Mineira *Football Club*, que foi fundado em fevereiro de 1919 como agremiação da Indústria de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira. Harry Sutcliffe, inglês nascido em 1873, que foi sócio-gerente da Industrial Mineira, foi um dos fundadores do Industrial Mineira *Football Club*, cujo escudo tinha as cores azul, vermelho e branco em homenagem à bandeira britânica. O Esporte Clube Industrial Mineira tornou-se a quinta equipe a filiar-se na história da Liga de Juiz de Fora e foi campeão juiz-forano em 1922. O Clube foi extinto em 15 de julho de 1930, sendo reativado na década de 50 com o mesmo nome.

Em 1914, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial e a desestruturação do mercado europeu, houve a procura pelos produtos brasileiros, ocasionando um momento favorável para a indústria têxtil no Brasil<sup>35</sup>. Porém, no final da década de 20, o país entrou em um período marcado por dificuldades econômicas, que incluíam além da crise na produção cafeeira, a eclosão da Crise de 1929 e a Revolução de 1930 no Brasil. Estes fatores geraram reflexos no comércio local e culminaram em uma crise econômica e política, com a ampliação do número de falências das pequenas, médias e grandes firmas industriais na década de 30 em Juiz de Fora<sup>36</sup>. Nesse período, em janeiro de 1933, a Cia. de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira passou também por uma crise que gerou dificuldades de exportação e vendas e a tornou

---

<sup>34</sup> Informações disponíveis no jornal *Pharol*, Sexta-feira, 11 de setembro de 1908.

<sup>35</sup> Informações disponíveis em *A Cia. Têxtil Ferreira Guimarães e seus 75 anos*, 1981. Ver também OLIVEIRA, Luís Eduardo de. *op. cit.*, p. 398.

insolvente, o que acarretou o seu fechamento e sua primeira falência. Em 1934, passou para as mãos de um grupo de brasileiros, à frente do qual estava o jornalista pernambucano Joaquim Inojosa de Andrade<sup>37</sup>. A partir desta incorporação, a Companhia foi reorganizada, passando a ter como presidente Antônio Carlos Ribeiro de Andrada<sup>38</sup>; vice-presidente, João Pessoa de Queiroz; diretor-gerente, Joaquim Inojosa e diretor tesoureiro, Plínio Lima<sup>39</sup>.

Mesmo após esta reorganização, a Industrial Mineira passou por dificuldades de vendas, principalmente a partir de 1941, devido à Segunda Guerra Mundial (1939-1944). Entre 1941 e 1942, o grupo Ferreira Guimarães, que já possuía uma fábrica em Valença no Rio de Janeiro, começou a adquirir os títulos da Companhia. Em maio de 1943, assumiu o seu controle e, judicialmente, conseguiu a sua reabilitação.

O grupo Ferreira Guimarães teve os primórdios de sua trajetória têxtil através da instalação da primeira Fábrica de Tecidos em Valença, a Companhia Industrial de Valença<sup>40</sup>, em 18 de janeiro de 1906, cujos fundadores foram Benjamin Ferreira Guimarães e José de

<sup>36</sup>BARROS, Nicélio do Amaral. *Relações políticas e des(envolvimento) regional: uma análise do comportamento dos setores industriais de Juiz de Fora e Belo Horizonte entre 1925 e 1940*. Cadernos de História, vol. IV, n.º 2, ano 2, p. 208-229. UFOP, 2007.

<sup>37</sup>Joaquim Inojosa foi um escritor, advogado e jornalista que nasceu em Pernambuco, no município de Timbaúba, em 27 de março de 1901. Ligou-se aos expoentes da Semana de Arte Moderna de 1922, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Menotti Del Picchia, e ainda manteve correspondência e contato com Manuel Bandeira, Câmara Cascudo, Austregésilo de Athayde, entre outros, como se observa na ficha catalográfica de seu arquivo pessoal, à Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Com o advento da Revolução de 1930, por meio de um salvo-conduto, conseguiu abandonar o Nordeste e chegar ao Rio de Janeiro, onde se empregou em *O Jornal*, órgão da cadeia dos Diários Associados de Assis Chateaubriand. Em 1934, reorganizou uma indústria de tecidos em Minas Gerais, a “Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira”, que faliu em 1939. O nome da empresa se encontra em um trecho de um artigo publicado por Oswald de Andrade na primeira edição do *Meio-Dia*, do dia 1 de março de 1939. Em março do mesmo ano fundou o vespertino *Meio-Dia*, que circulou até outubro de 1942, data a partir da qual Inojosa afastou-se da imprensa, atividade que retomou apenas em 1948. Depois de grande produção intelectual, morreu em 12 de janeiro de 1987. Em 85 anos de vida publicou muitas obras, com destaque para *O movimento modernista em Pernambuco, No pomar vizinho, Os Andrades e outros aspectos do modernismo*, dentre outras. Informações obtidas em *Joaquim Inojosa e o jornal Meio-Dia (1939-1942)* de João Arthur Ciciliato Franzolin - Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

<sup>38</sup> Antônio Carlos Ribeiro de Andrada nasceu em Barbacena (MG) em 1870. Iniciou a carreira política ainda no final do século XIX, como vereador em Juiz de Fora, e em 1902 foi nomeado secretário de Finanças de Minas Gerais. Foi Governador do Estado de 1926 a 1930. Após o golpe do Estado Novo, abandonou a atividade política para se dedicar a seus negócios privados. Fonte: *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Segundo informações de Márcio Arcuri, que trabalhou como responsável pela área de Recursos Humanos da Cia. Têxtil Ferreira Guimarães, não consta em lugar nenhum esta passagem dele pela empresa, apenas nos relatórios da Companhia.

<sup>39</sup> Informações disponíveis no jornal *O Imparcial*, Quinta-feira 15-09-1938, p. 11. (Com nota sobre o jornal de circulação interna, *Nossa Revista*, órgão do pessoal da Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira).

<sup>40</sup> A Companhia Industrial de Valença iniciou suas atividades com 60 teares, 2000 fusos e uma produção diária de 4000 metros de tecido, funcionando 10 horas por dia. Passou por sucessivas transformações de sua estrutura social, se convertendo em sociedade limitada em 1924, com o nome de Ferreira Guimarães e Cia., que por sua vez, se transformou em sociedade anônima em 1937, sob a designação de Sociedade Anônima Ferreira

Siqueira Silva da Fonseca. Posteriormente, outras fábricas foram adquiridas pela empresa<sup>41</sup> e foram negociadas. Em 1932, a Ferreira Guimarães adquiriu também a Cia. de Fiação e Tecelagem Barbacenense<sup>42</sup>, cuja fábrica, em Barbacena, foi o primeiro empreendimento industrial têxtil da cidade.

Sérgio Neumann<sup>43</sup>, que trabalhou na Companhia Têxtil Ferreira Guimarães, assumindo a gerência de fábricas, tanto na cidade de Valença quanto em Juiz de Fora, disse em seu depoimento:

A Ferreira Guimarães realmente nasceu foi em Valença. (...) E, como ela nasceu ali, a história da Ferreira com relação à cidade é muito mais íntima. Diversas pessoas, grande parte da cidade, parentes trabalharam... Trabalhavam na fábrica. Então, tinham notícias disso. Os próprios fundadores, sócios fundadores e herdeiros dos sócios fundadores também moravam lá, apesar de morarem às vezes no Rio de Janeiro, mas muitos moravam lá, os ramos das famílias tinham relação, então a cidade era muito mais próxima da fábrica<sup>44</sup>.

O ano de 1943 marcou o início da história da Ferreira Guimarães em Juiz de Fora, ainda que a razão social da empresa tenha sido mantida como Cia. de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira (Figura 4). Somente a partir dos anos setenta o nome da empresa foi alterado. Em 30 de novembro de 1974, a Cia. Têxtil Ferreira Guimarães, Sociedade Anônima de Capital Aberto, incorporou a Cia. de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira, de cujo capital social já participava.

---

Guimarães. E, por fim, adotou a denominação de Companhia Têxtil Ferreira Guimarães a partir de dezembro de 1940.

<sup>41</sup> Em 1915, a Ferreira Guimarães iniciou a exploração de uma fábrica em Cachoeiro do Itapemirim (ES). Em 1917, adquiriu a Cia. Oliveira Industrial com fábrica em Oliveira (MG). Em 1921, adquiriu a Cia. de Fiação e Tecelagem São João Del Rei (MG) com fábrica na mesma cidade.

<sup>42</sup> Fundada em 30 de dezembro de 1907, as obras de construção do prédio da empresa tiveram início em 1908 e findaram em 1909, período em que a diretoria da Companhia Barbacenense dedicou-se as obras necessárias e a aquisição do maquinário para funcionamento da mesma, sendo a inauguração da fábrica em 1910. Teve como primeiros diretores Senna Figueiredo e Frederico Abranches. Passando por diversas dificuldades financeiras, no ano de 1920, a Companhia Barbacenense foi adquirida por um grupo de industriais ingleses, liderados por Tom Pilkington. Após o ano de 1925, houve o fechamento da fábrica e a demissão de todos os seus funcionários. Só houve a sua reabertura anos mais tarde, após 1930, quando foi adquirida pela Companhia Têxtil Ferreira Guimarães.

<sup>43</sup> Sérgio Luiz Neumann foi gerente da Fábrica de Fiação e Tecelagem em Juiz de Fora por sete anos, de 1985 a 1992. Também assumiu a gerência da Fábrica de Valença durante quatro anos, de 1992 a 1996/97, retornando posteriormente para Juiz de Fora, sendo responsável pela gerência da Fábrica de Acabamentos Celso Gomes Filho.



Figura 4: Fiação Industrial Mineira, janeiro 1964 - Disponível em [www.mariadoresguardo.com.br](http://www.mariadoresguardo.com.br)

No período em que se manteve o nome da Industrial Mineira, todo o material de divulgação da empresa, assim como as correspondências e mostruário de tecidos (Figura 5), apresentava a logomarca da Industrial Mineira associada ao nome da Companhia Têxtil Ferreira Guimarães. Possivelmente, sendo a Industrial Mineira uma firma já conhecida e com uma boa aceitação no mercado, a Ferreira Guimarães, ao perceber isso, resolveu associar o seu nome ao da empresa, para assim conquistar a sua credibilidade na cidade.



Figura 5: Mostruário de tecido com a logomarca da Industrial Mineira associada ao nome da Companhia Têxtil Ferreira Guimarães (Foto Claudia Gaspar Cimino, 2013).

As fábricas de Valença, Barbacena e Juiz de Fora foram as que se mantiveram por mais tempo ao longo da história da Companhia Têxtil Ferreira Guimarães. Em cada uma destas cidades, a empresa construiu uma história particular, desenvolvendo diferentes traços na formação de desenhos outros. Contudo, o foco deste trabalho é definir o contorno desta

<sup>44</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Sérgio Neumann em 21 de janeiro de 2014.

história apenas na cidade de Juiz de Fora, traçando as linhas que se formaram na construção deste desenho em especial.

## 1.2- A FERREIRA GUIMARÃES EM JUIZ DE FORA



Figura 6: Detalhe da fachada da Unidade de Fiação e Tecelagem de Juiz de Fora, construída em 1889.  
Imagem: *A Cia. Textil Ferreira Guimarães e seus 75 anos*. 1981.

Em 1942, o grupo Ferreira Guimarães adquiriu o controle da Cia. de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira, na cidade de Juiz de Fora, mantendo o nome da empresa e reorganizando-a em 31 de maio de 1943<sup>45</sup>. A sede da empresa continuou no Rio de Janeiro, onde ficavam também a Diretoria de Finanças, sob a responsabilidade de Celso Gomes Filho e a Diretoria Comercial, nas mãos de Benjamin Vieira Damasceno. O Diretor Superintendente da firma era Paulo Mourão Guimarães. Na fábrica em Juiz de Fora, ficava a Diretoria de Produção, entregue a José de Almeida Paiva.

---

<sup>45</sup> Reorganizou-a, aumentando o capital de Cr\$4.000,00 para Cr\$20.000,00 na Assembleia Geral de 31 de maio de 1943. A Industrial Mineira atingiu, em 1972, um capital e reserva de Cr\$25.536.536,05, sendo uma empresa de capital aberto.



Robison Piazzi<sup>46</sup>, dentista e ex-funcionário da empresa, afirmou que: “Em 1956 começou uma nova estrutura da firma e quando chegou a década de 60, ela estava completamente organizada. Tinha um departamento de Produção e Qualidade muito bom.” Disse que este controlava a fábrica toda. E que a fábrica sempre buscou estar atualizada. Em suas palavras: “A fábrica sempre seguiu o modernismo, e, eu considerava uma das melhores em Juiz de Fora<sup>47</sup>”.

No ano de 1972, no Suplemento Especial dos 60 anos do *Diário Mercantil* sobre a Realidade Industrial de Juiz de Fora, foi dedicada uma página inteira para a Industrial Mineira, que contava então com a produção de aproximadamente 950.000 metros tecidos de na média de 70 batidas por polegada, utilizava 450 teares automáticos para uma linha de produtos que incluía fios, popelines<sup>48</sup> e tecidos lisos e trançados, em algodão<sup>49</sup>.

De acordo com o mesmo suplemento, a partir dessa época, foram feitos vários investimentos em reformas e máquinas, com recursos próprios da empresa. A administração buscava investir em mão de obra especializada. Em junho, conforme nota publicada no jornal *Ação Periódico dos Empregados da Industrial Mineira* (Figura 7) houve a contratação de um técnico têxtil suíço, Kurt Walter Maurer, especializado em acabamento, para gerenciar o mesmo setor na fábrica em Juiz de Fora e nas unidades de Barbacena e Valença.

---

<sup>46</sup> Robison Pedro Piazzi, dentista e ex-funcionário da empresa, iniciou suas atividades na Industrial Mineira em 1953, aposentando-se em 1982, após vinte e nove anos de serviço na Companhia. Foi responsável pela chefia do Departamento de Controle de Qualidade de Produção da Fábrica, de 1958 a 1967, durante oito anos, e após esse período foi transferido para o Setor Odontológico, onde permaneceu até encerrar suas atividades na fábrica.

<sup>47</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Robison Pedro Piazzi em 13 de janeiro de 2014.

<sup>48</sup> Nome comercial do tafetá. Também chamado de *Popelina*: O nome vem do tecido *papalino*, que era feito na cidade *papal* de Avignon, França, e do tecido francês *popeline*, que era usado para vestes clericais. (*Dicionário da moda: guia de referência de termos do mercado têxtil e moda*. Cataguases, 2002).

<sup>49</sup> Segundo o mesmo suplemento do jornal *Diário Mercantil* de Juiz de Fora, 1972, a fábrica possuía noveleiras da marca *Schlafhorst*, totalmente automáticas, com purgadores eletrônicos *Loepfe*, 18.800 fusos de alta estiragem *Sussen*, maçarqueiras e passadores *Ingolstadt* e cardas modernizadas, que garantiam alta qualidade, grande produtividade e uma excelente produção, que era comercializada no mercado nacional e internacional, com exportação para a Europa e Estados Unidos.

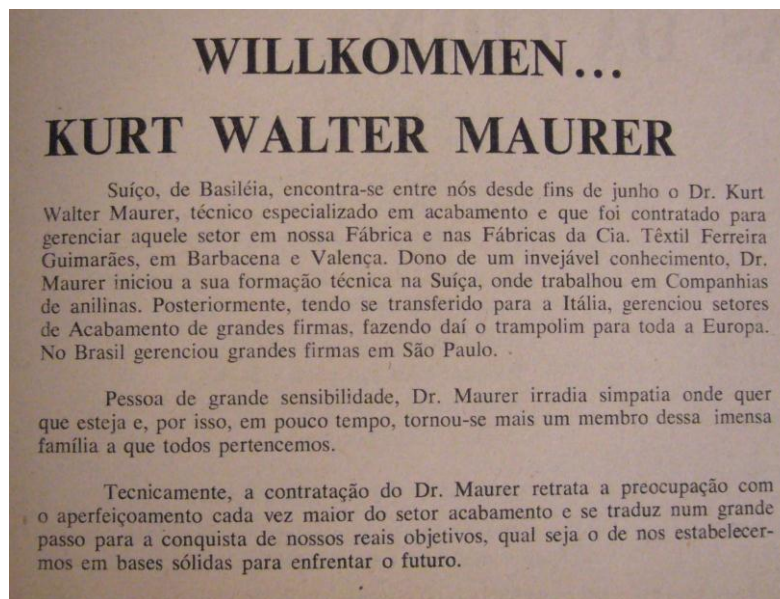


Figura 7: Jornal *Ação* Periódico dos Empregados da Companhia Industrial Mineira. Ano VIII – Juiz de Fora – Agosto de 1972 – Nº 93 - P. 7.

Foram instituídos departamentos internos para cada setor da produção e controle de qualidade e eram feitas auditorias frequentes para acerto dos direcionamentos da produção. De acordo com o texto do *Diário Mercantil*:

A Ferreira Guimarães, ao assumir a Industrial Mineira, buscou estruturar uma política de pessoal, iniciando a formação do Departamento de Pessoal, que depois passou a ser o Departamento de Relações Industriais. Aos 700 empregados da firma era oferecido um bom ambiente de trabalho e tratamento com base em um critério de justiça no trato recíproco<sup>50</sup>.

Os funcionários recebiam assistência médico-dentária e farmacêutica, inclusive para os familiares. Havia sempre cursos de treinamento e aprimoramento interno e eram concedidas bolsas de estudo para formação em cursos externos, incluindo os de nível universitário, além de cursos em instituições como SENAI e Fundação Getúlio Vargas, entre outros. Nesse sentido, a Companhia também oferecia estágios a estudantes.

Segundo texto sobre a história da prática do assistente social na Cia. Têxtil Ferreira Guimarães<sup>51</sup>, monografia realizada em 1992, “a implantação do serviço Social na empresa ocorreu em abril de 1961, constituindo-se uma iniciativa do SESI e da Faculdade de Serviço

<sup>50</sup> *Diário Mercantil* de Juiz de Fora, 1972, Suplemento Especial.

<sup>51</sup> POGGIANELLA, Andréa Alves. et. al. *Companhia Têxtil Ferreira Guimarães: um espaço a ser retomado pelo assistente social*. Monografia. UFJF/Faculdade de Serviço Social. Juiz de Fora, 1992. Cap. 1, p. 7.

Social da UFJF, visando ampliar os campos de estágio,” sendo que a primeira contratação ocorreu em 1963.

Na ótica da empresa, antes da intervenção profissional, o trabalhador era considerado não apenas um ‘motor humano’, máquina, como um simples complemento ou suplemento de máquinas. Ocorria o reconhecimento de direitos que cabem a uma categoria social – a dos trabalhadores – por aquilo que cada um deles representa no conjunto da sociedade, por sua condição de pessoa humana e, pela sua contribuição para o desenvolvimento geral.

Reconhecendo que o homem não era apenas instrumento, mas a própria razão de ser de qualquer atividade, a empresa procurava manter todos os serviços de assistências e cooperação social sob a forma de assistência médica, assistência cultural, assistência recreativa, assistência moral, de modo que o empregado encontrasse ali todos os recursos para melhorar o seu bem estar<sup>52</sup>.

Entre as medidas tomadas a partir da década de 1960 estavam: a criação de uma vila operária e a prevenção de acidentes de trabalho, com a distribuição de lanche diário gratuito - leite e pão. Posteriormente, estes serviços assistenciais foram ampliados, incluindo: assistência habitacional, com a construção de residências em terrenos de propriedade da fábrica; assistência alimentar, com a criação do refeitório; assistência educacional, com a Escola de Alfabetização e cursos de aperfeiçoamento; assistência médica, com atendimento interno diário, incluindo dois cirurgiões, um clínico e uma enfermeira, também para dependentes diretos dos funcionários; assistência dentária, onde o empregado pagava somente o material utilizado; e assistência recreativa, no clube esportivo.

O departamento de Serviço Social da Industrial Mineira também mantinha contato com órgãos assistenciais da cidade, conseguindo benefícios para os funcionários da empresa, entre eles: Ministério de Educação e Cultura - MEC, Serviço Social da Indústria (SESI), Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários - I.A.P.I., Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Empregados de Transporte e Carga - I.A.P.E.T.C., Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Juiz de Fora e Ministério do Trabalho<sup>53</sup>.

Na Companhia, em fins da década de sessenta, foi criado o Departamento de Relações Industriais – DRI, demonstrando por parte da empresa, maior atenção aos problemas de

---

<sup>52</sup> Id., p. 7-8.

<sup>53</sup> HALLACK, Elisa Abrahão. *Realizações do Serviço Social na Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira*. Monografia. UFJF/Faculdade de Serviço Social. Juiz de Fora, 1962, p. 110-115.

recrutamento, seleção de pessoal e à legislação trabalhista. A partir de então, os funcionários passaram a ser identificados por um número de registro e não mais apenas por seus nomes<sup>54</sup>.

Esta política assistencialista foi uma prática comum na indústria têxtil brasileira mesmo que de outras formas, desde o fim do século XIX, como podemos perceber na citação de Heloisa Cardoso ao falar sobre a Companhia de Fiação e Tecidos Cedro e Cachoeira<sup>55</sup> em sua dissertação:

Acontece que disciplinar o trabalhador para o espaço da produção e deixá-lo livre fora dele nessa conjuntura não resultaria na introjeção dos valores constituídos e a fábrica passou então a cuidar de toda a vida de seus empregados, fornecendo-lhes casa na Vila Operária, alimentação e vestuário no armazém da Companhia, assistência médica, educação com a criação das escolas noturnas, além de ditar as normas de conduta, consubstanciadas no regulamento interno e externo da fábrica<sup>56</sup>.

Domingos Giroletti, em *Fábrica: convento e disciplina* ressalta que as vilas operárias tinham regulamentos, muitas vezes, inclusive, com toque de recolher. Sobre a questão da disciplina, reforça a existência do controle do tempo e das atividades dos operários na intenção da “domesticação dos corpos” dessa mão de obra industrial. Com base em Foucault<sup>57</sup>, o referido autor aponta:

O conteúdo ideológico, numa estratégia de formação de mão de obra, define-se em termos específicos pela assimilação de valores, de normas, pela mudança de mentalidade, pela adoção de uma nova concepção de mundo, por um novo modo de pensar e sentir a vida. O específico do componente disciplinar, partindo da formulação de Foucault, refere-se basicamente à “submissão das forças e corpos”<sup>58</sup>.

A historiografia que trata dos subordinados, como operários, escravos ou imigrantes chama a atenção para a construção de laços de solidariedade permeados por conflitos. A construção da identidade operária e os laços que unem esses trabalhadores foram, ao longo de anos, sendo estabelecidos pela domesticação e educação regidas sob essa nova realidade do trabalho, que, de certa forma, foi também disseminada pelas crenças familiares e sociais.

<sup>54</sup> POGGIANELLA, Andréa Alves. et. al. *op. cit.*, p. 18.

<sup>55</sup> “Em 1872, a Fábrica do Cedro começou a funcionar sob a firma “Mascarenhas e Irmãos”, formada por Antônio Cândido, Caetano e Bernardo, localizada em Taboleiro Grande (atual Paraopeba, MG). Em 1877 entrou em funcionamento a Fábrica da Cachoeira, sob a firma “Mascarenhas Irmãos e Barbosa”. Em 1883, constituiu-se a Companhia de Fiação e Tecidos Cedro e Cachoeira, pela união das fábricas do Cedro e da Cachoeira, como a primeira sociedade anônima brasileira”. CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. *op. cit.*, p. 58.

<sup>56</sup> Id., p. 92.

<sup>57</sup> Sobre este assunto ver FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 33ª edição. Petrópolis: Vozes, 2007 e ainda FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Editora Graal, 2007.

Assim, o assistencialismo e o paternalismo surgiram também como políticas de compensação por esta postura da mão de obra operária, na busca de amenizar possíveis conflitos existenciais.

Segundo informado ainda no trabalho desenvolvido em 1992, o procedimento técnico mais utilizado na Companhia pela assistente social, na década de 1960, era o tratamento de casos e o trabalho de grupos. A prática assistencialista baseava-se na visão paternalista das relações de trabalho e na cultura de uma grande “Família Industrial Mineira”, que posteriormente viria a transformar-se na “Família Ferreira Guimarães”.

A perspectiva de trabalho dentro de uma linha de Desenvolvimento e Organização de Comunidade foi realizada a partir de uma visão harmoniosa, consolidada no lema de que todos os trabalhadores que ali trabalhavam eram membros da ‘**grande família Industrial Mineira**’. Esta era compreendida como uma comunidade de trabalho pelo Serviço Social e amplamente difundida pela diretoria da empresa. Assim, a profissional encontrou amplo campo para desenvolver sua **prática assistencialista**, visto que a ideologia que permeava a administração era **paternalista**, sob a égide de valores que tinham como pano de fundo a manutenção do sistema e das condições de vida do trabalhador<sup>59</sup>. (Grifos meus)

Nos anos de 1960 e 1970, a ideia da “grande família” foi amplamente divulgada e, possivelmente, construída nos Diários Associados<sup>60</sup>, conforme observa Christina Ferraz Musse. Com base nos depoimentos coletados sobre o Jornal *Diário Mercantil*, ela comenta: “Pelo que se pode perceber, **havia pouca rotatividade de pessoal**, o que criava laços mais profundos entre os trabalhadores, sendo que muitos deles se referiam à empresa como ‘a família dos Associados’<sup>61</sup>”. (Grifos no original). Havia festas com farta distribuição de brindes e presentes, onde participavam toda a família dos funcionários. Sobre este aspecto também assinala Rita de Cássia Vianna Rosa: “As comemorações de Páscoa ou de Natal dos funcionários do Grupo de Assis Chateaubriand em Juiz de Fora eram noticiadas como sendo festividades da ‘Família Associada’<sup>62</sup>”.

No depoimento sobre o tempo em que trabalhou na Industrial Mineira, Robison Piazzzi exemplificou a eficiência dessa estratégia adotada pela Companhia ao afirmar:

---

<sup>58</sup> GIROLETTI, Domingos. *op. cit.*, p.186.

<sup>59</sup> POGGIANELLA, Andréa Alves. et. al. *op. cit.*, p. 17.

<sup>60</sup> MUSSE, Christina Ferraz. *op. cit.*, 2006. Segundo a pesquisadora, o Jornal *Diário Mercantil*, Jornal *Diário da Tarde* e *Rádio B-3* pertenciam ao grupo dirigido por Assis Chateaubriand, a “Família Associada”.

<sup>61</sup> Id., p. 140.

<sup>62</sup> ROSA, Rita de Cássia Vianna. *As mulheres de “Paraiburgo”: representações de gênero em jornais de Juiz de Fora/MG (1964-1975)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, 2009, p. 36.

Mas aquilo ali era uma mãe. Você precisava ver Festa de Natal lá, que beleza que era! O diretor reunia a família dos empregados tudo da fábrica, fazia missa dentro da fábrica, distribuía brinquedo pras crianças, pano pros empregados, era uma verdadeira festa, entendeu? A fábrica tinha lá caminhão, tinha Kombi, então, os empregados da fábrica que lutavam com muita dificuldade, às vezes, iam fazer uma casa, precisavam de um carreto, vamos supor de tijolo, o Dr. Gentil mesmo emprestava o caminhão para pessoa carregar os tijolos até a casa deles, e outras coisas. Essa casa minha aqui quando eu fiz, trouxeram muito tijolo pra mim aqui. Então, era uma verdadeira família Industrial Mineira. Nem falava que era Industrial Mineira, era Família Industrial Mineira<sup>63</sup>.

Os melhoramentos institucionais da Companhia faziam parte de uma nova política assistencialista que buscava consolidar os laços dos trabalhadores com a Companhia, o que, de certa forma, teve boa receptividade pelos funcionários.

Cristina Sirimarco, que foi telefonista da empresa durante muitos anos, em seu depoimento comentou:

Olha, tinha também, na época, que eu ainda não estava, em 1971, por aí, tinha uma parte que chamava assim: Assistência Social. Então, a fábrica contratava assistente social, pra cuidar da psicologia dos funcionários. Por exemplo, tinha um... Vamos supor, eu... Ah! A Cristina tá revoltada, tá isso, ou tá aquilo, tá brigando com todo mundo ou não tá, aí, ela ia lá pra ajudar, era como se fosse uma psicóloga. Tinha muito isso... Chamava a família pra ver o que é que estava acontecendo, ajudava assim, quem estava precisando de um dinheiro pra comprar um gás. Muito interessante, né? Essa parte de assistente social<sup>64</sup>.

Incluídos na política assistencialista da Companhia, e financiados pela mesma, mas com a participação dos empregados, havia um Clube de Diversões, Cooperativa de Crédito<sup>65</sup> e um Jornal Interno. Também eram promovidas festas, organizadas pela Assistente Social, com a direção e o apoio da empresa e cooperação dos funcionários, tais como: Festas de Natal, Comemoração de Páscoa, Festas Juninas, bailes, além de “amigo ocultos” e das confraternizações internas.

---

<sup>63</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Robison Pedro Piazza em 13 de janeiro de 2014.

<sup>64</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Cristina Sirimarco em 26 de julho de 2013.

<sup>65</sup> A Cooperativa de Crédito da Companhia Industrial Mineira – COCRECIM – tinha em 30 de junho de 1971 um total de 693 associados. Neste mesmo mês, junho/71, o Conselho de Crédito concedeu empréstimos a 56 associados, num total de Cr\$26.335,00. De janeiro a junho de 1971, emprestou um total de Cr\$169.475,00 a 302 associados e desde a fundação da COCRECIM, em novembro de 1962 até junho de 1971, emprestou Cr\$1.099.019,49 num total de 4.608 associados. Informações obtidas no Jornal *Ação* Periódico dos Empregados da Companhia Industrial Mineira.

O clube tinha uma atuação abrangente no que diz respeito ao aspecto social, promovendo festas, bailes, brincadeiras dançantes e torneios de diversas atividades, tais como jogos de cartas, buraco, pingue-pongue, dama e xadrez. No dia 30 de julho de 1972 foi inaugurada a Sala de Leitura do Clube, que ficava instalada em sua secretaria. Segundo ressaltava o informativo, “os associados podiam ter acesso às principais revistas que circulavam no Brasil<sup>66</sup>”.

Como um dos exemplos significativos das festas promovidas pela Companhia, que também buscavam fortalecer essa relação assistencialista entre empresa e funcionário, podemos citar o 3º Movimento Pascal na Companhia Industrial Mineira (Figuras 8 e 9), organizado, em 1962, pelo Serviço Social e uma equipe de operários da fábrica. No dia 17 de junho às oito horas, foi celebrada a Missa, dirigida pelo Padre Bonifácio, em comemoração à Festa da Páscoa. Terminada a celebração, foi servido um café, “abriram-se as portas da fábrica e vários empregados, com grande entusiasmo, passaram com seus familiares a percorrer as diversas dependências<sup>67</sup>”.



Figuras 8 e 9: Fotos da Missa na Festa da Páscoa no interior da Companhia Industrial Mineira. Data: 17 de junho de 1962. In HALLACK, Elisa. Realizações do Serviço Social na Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira. UFJF, 1962, p. 88.

Antônio Aparecido da Cruz trabalhou por 41 anos na empresa. Começou como Auxiliar de Controle de Qualidade, em 1960, com quatorze anos. Passou por diversas atividades e atualmente é Supervisor de Produção na empresa desde 2011. Foi Supervisor da Fiação em 1965, Supervisor de Tinturaria em 1966, Gerente de Produção da Acabadora em

<sup>66</sup> Informações obtidas no Jornal *Ação* Periódico dos Empregados da Companhia Industrial Mineira. Revistas listadas no jornal: *Cruzeiro*, *Manchete*, *Pais e Filhos*, *Realidade*, *Veja*, *Cláudia*, *Enciclopédia Bloch*, *Bom Apetite*, *Banas*, e também os jornais *Ação*, *Jornal do Brasil* e *Jornal dos Esportes*.

<sup>67</sup> HALLACK, Elisa. *op. cit.*, p. 87.

1994 e Prestador de Serviços Técnicos em 2000. Em seu depoimento sobre a Ferreira Guimarães disse que a empresa “preocupava-se com o desenvolvimento dos seus empregados, sempre dando oportunidades de crescimento. Premiavam pela qualidade do serviço prestado. Existiam cursos internos e externos para desenvolvimento profissional.” Seu pai também foi funcionário da Companhia e trabalhou na empresa durante muitos anos. Em um programa exibido na TVE em 25/06/2012, *Mosaico XXIX*, ao ser entrevistado sobre o que a Ferreira Guimarães representou na sua vida, Antônio respondeu:

Olha, pra mim é uma satisfação. Quando eu era criança, meu pai trabalhava aqui. Chegava em casa, contava como se processava tecido, como é que fazia e eu achei aquilo uma maravilha! Na ocasião da Páscoa havia uma Missa em que eram convidados os familiares dos funcionários e depois uma visita. E eu me empolguei com isso e quando eu tinha quatorze anos, tive a sorte de trabalhar nesse grupo. E até hoje<sup>68</sup>.

Através do depoimento do funcionário Antônio Aparecido, podemos entender como essas festas sociais e as visitas à fábrica exerciam fascínio sobre os mais jovens, que acabavam, mais tarde, por se tornar funcionários da empresa, seguindo a tradição familiar.

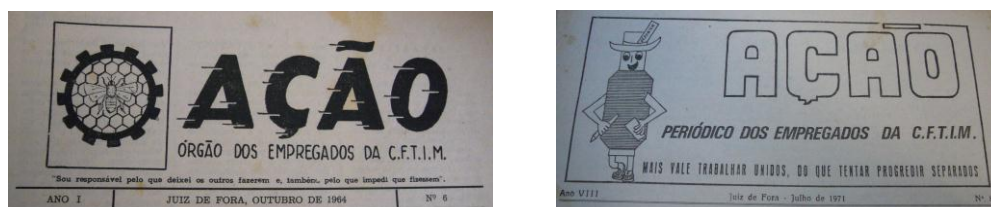


Figura 10: Jornal *Ação* Periódico dos Empregados da Companhia Industrial Mineira.

O jornal *Ação* (Figura 10), criado em 1964, era um informativo dos empregados da Cia. de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira, financiado pela empresa e organizado pelo serviço social em conjunto com uma equipe de funcionários. O jornal também se configura como exemplo das ações que buscavam a aproximação entre a Companhia e os funcionários, criando um clima de companheirismo. Era utilizado para comunicações internas, entrevistas com funcionários, divulgação de cursos, eventos e novidades da empresa. Nele havia também uma parte para recados e brincadeiras entre os funcionários.

<sup>68</sup> Entrevista temática através de roteiro/questionário de perguntas realizada com Antônio Aparecido da Cruz em 10/07/2013.



Na figura abaixo (Figura 11), publicada no jornal *Ação*, funcionários da Industrial Mineira desfilam no dia 7 de setembro, no ano de 1970.

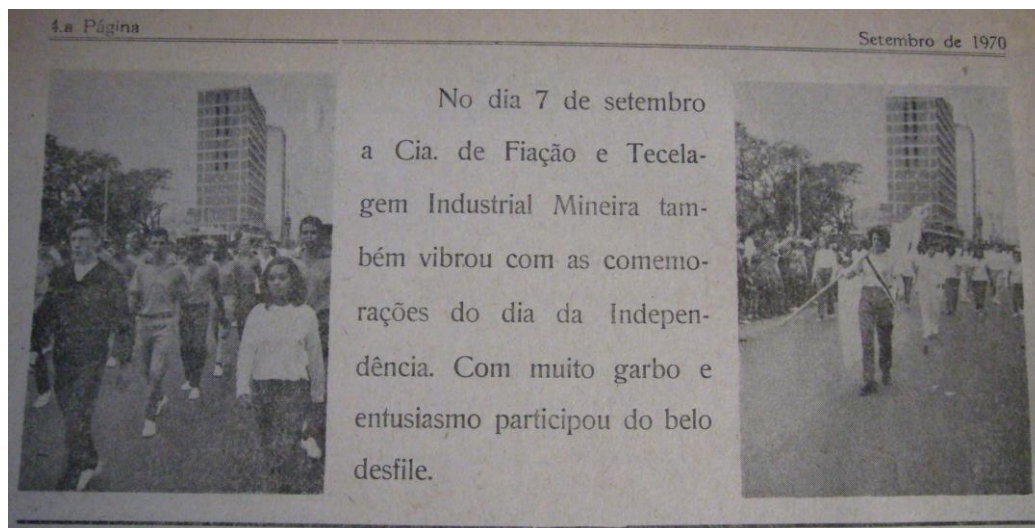


Figura 11: Jornal *Ação* Periódico dos Empregados da Companhia Industrial Mineira. Setembro 1970. Página 4.

Havia também a Vila Operária, que foi construída nas proximidades da fábrica, onde existiam residências em que eram alojados funcionários que tinham grande envolvimento com a mesma e também fazia parte dessa política assistencialista da Companhia.

Mas, o panorama do setor têxtil em Juiz de Fora, a partir da década de 1960, alterou-se bastante, uma vez que várias unidades fabris, que no passado contribuíram para o epíteto de "Manchester Mineira", como Meurer e Bernardo Mascarenhas, encerraram suas atividades, como assinala Rita de Cássia Vianna Rosa, "deixando desempregados homens e mulheres e seus espaços cederam lugar à modernidade<sup>69</sup>".

Assim, entre os anos de 1973 a 1976, de acordo com o texto sobre a prática do Serviço Social na Companhia, o mesmo se manteve inoperante, devido a uma fase de racionalização de custos que a empresa estava passando, gerando "demissão, austeridade na área financeira e do corte de tudo que era considerado regalia para os funcionários<sup>70</sup>", e que teve como consequência a demissão da Assistente Social.

Robison Piazzzi comentou em seu depoimento, sobre esse período de contenção de despesas, devido às mudanças ocorridas na empresa.

<sup>69</sup> ROSA, Rita de Cássia Vianna. *op. cit.*, p. 24.

<sup>70</sup> POGGIANELLA, Andréa Alves. *et. al. op. cit.*, p. 17.

A fábrica tinha mil e trezentos a mil e quatrocentos empregados, mas com o negócio da redução passou pra mil duzentos e poucos funcionários. (...) Proibiu o tratamento dentário dos dependentes, dos familiares, que o tratamento dentário era por conta da fábrica. Proibiu os familiares de consultar com os médicos da fábrica. Foi proibindo tudo... Foi acabando com tudo<sup>71</sup>.

Porém, no final de 1977, foi contratada outra Assistente Social, a fim de retomar as práticas educativas e assistenciais, atuar no relacionamento interno e integração social da empresa.

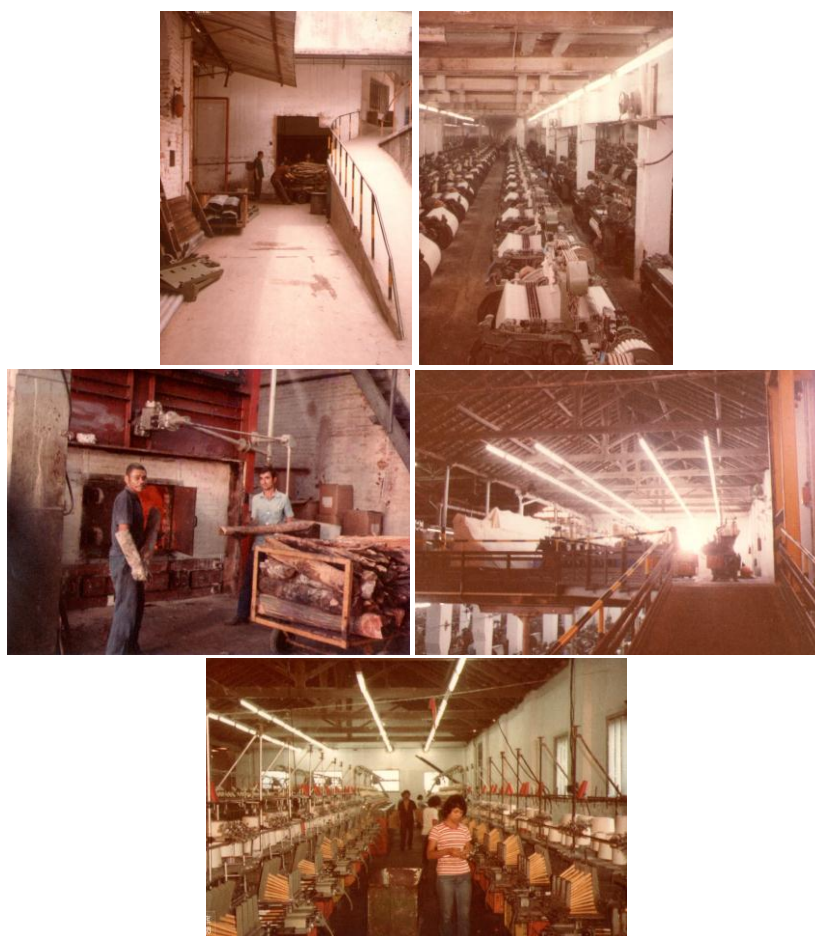


Figura 12: Imagens internas da unidade de Fiação e Tecelagem da Cia. Têxtil Ferreira Guimarães (Foto arquivo CTFG).

Através de um projeto de expansão industrial, com incentivo inicial do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, que pensava dotar Juiz de Fora de uma empresa com essa finalidade, a Cia. Têxtil Ferreira Guimarães começou os estudos para a construção de uma

<sup>71</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Robison Piazzini em 13 de janeiro de 2014.

Central Acabadora de Tecidos<sup>72</sup>. Em meados de 1976/77, teve início a execução do projeto da futura Acabadora de Tecidos Celso Gomes Filho.



Figura 13: Vista parcial da Central de Acabamento “Celso Gomes Filho” em Juiz de Fora.  
Imagem: A Cia. Têxtil Ferreira Guimarães e seus 75 anos. 1981.

No dia oito de abril de 1981, foi inaugurada a Central de Acabamentos de Tecidos<sup>73</sup> (Figura 13) em Juiz de Fora. A unidade recebeu o nome de Central de Acabamento Celso Gomes Filho<sup>74</sup>, em homenagem a um dos diretores da empresa.

<sup>72</sup> Apesar da não concretização do negócio com o Banco, a Ferreira Guimarães continuou com os seus propósitos, contratando a consultoria da *Werner Tex*, empresa especializada, que concluiu, em fins de 1975, com a viabilidade do empreendimento. O projeto feito pela PROJEST Engenharia e Projetos Ltda., sob a responsabilidade de Justino Ferreira Gomes, teve início em 1976, com a preparação do terreno que exigiu movimentação de mais de 150.000 m<sup>3</sup> de terra, marcando o início das fundações. Esse projeto previa a construção de uma moderna Fábrica Acabadora de Tecidos com capacidade de processamento de aproximadamente 6.000.000 metros de tecidos por mês, cujos investimentos eram na ordem de cem milhões de cruzeiros, em construções, máquinas e equipamentos nacionais e importados. Informações disponíveis no *Jornal Diário Mercantil*, 6 de março de 1977, p. 9.

<sup>73</sup> As obras da nova Central de Acabamentos tiveram início em 1976, sob a responsabilidade técnica do engenheiro José Márcio Paschoalino Souza Lima e projeto de engenharia civil de autoria de PROJEST Engenharia e Projetos Ltda. Em 1977, o então prefeito de Juiz de Fora, Francisco Antônio de Mello Reis, acompanhado do Secretário de Negócios Jurídicos, Joaquim Falci Castelões e do Secretário do Planejamento, José Roberto dos Reis Saleh, em visita à fábrica Ferreira Guimarães, puderam conhecer de perto sua capacidade de produção e acompanhar as obras do projeto de expansão industrial da empresa. Foram recebidos pelos diretores Paulo Mourão Guimarães e Celso Gomes Filho, que vieram do Rio de Janeiro especialmente para recebê-los nesta visita, acompanhando o gerente da fábrica de Juiz de Fora, Juarez Campos Oliveira. Cf. *Diário Mercantil*, 6 de março de 1977, p. 9.

<sup>74</sup> Celso Gomes Filho foi diretor da Cia. Têxtil Ferreira Guimarães e um dos maiores responsáveis pelo crescimento da empresa, juntamente com Paulo Guimarães. Empresário e engenheiro que sempre se preocupou com o meio ambiente, teve grande envolvimento na urbanização do Vale do Ipê e Parque Imperial em Juiz de Fora e, nesse sentido, recebeu em 1979 a Comenda do Mérito Florestal pelos serviços prestados na preservação da Mata do Cristo. Na ocasião, também recebeu uma homenagem da Prefeitura Municipal e fez um pronunciamento destacando a importância do homem na preservação do meio ambiente. Interessado nos problemas nacionais era ligado ao Sindicato Têxtil do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, presidente da

Instalada com equipamentos modernos para tingimento e estamparia, a unidade de acabamento Celso Gomes Filho (Figura 14) foi especialmente planejada para o beneficiamento do tecido. Com um percurso direcionado, o tecido recebia um fluxo de diversos processos e maquinários de acabamento, até ser encaminhado para o setor de expedição. (Ver em Anexos: Tabela 1- Setores de acabamento e etapas de preparação têxtil – Fábrica de Acabamentos Celso Gomes Filho).



Figura 14: Vista parcial da Central de Acabamento de Juiz de Fora. Imagem: *A Cia. Têxtil Ferreira Guimarães e seus 75 anos*. 1981.

Com a inauguração da Acabadora de Tecidos, a fábrica iniciou uma nova fase em seu desenvolvimento industrial, proporcionando aos tecidos um acabamento diferenciado que se tornou reconhecido no mercado. Recebendo os tecidos produzidos pelas fábricas de Valença e Barbacena e também da unidade de Fiação e Tecelagem de Juiz de Fora, além de tecidos de outras companhias para beneficiamento, a unidade de Acabamento Celso Gomes Filho atingiu um alto nível de produção têxtil.

Entre os produtos da empresa, além dos índigos diferenciados, incluíam popelines e tricolines<sup>75</sup> de algodão, fustão, sarjados, tecidos com misturas de fibras, elastano<sup>76</sup> e poliéster, tintos ou estampados e fios tintos, todos com acabamentos especiais.

---

Associação Comercial, fundador e presidente do Rotary Clube de Barbacena. Faleceu aos 59 anos, vítima de um acidente de avião onde morreram seis pessoas na cidade de Barbacena. Cf. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, Sábado, 6 de setembro de 1980, p. 4.

<sup>75</sup> Tricoline é um tecido de armação tafetá, produzido com fios finos 100% em algodão. É a base da camisaria de boa qualidade no mundo inteiro, seja lisa ou em padrões xadrezes e listrados. (*Dicionário da moda: guia de referência de termos do mercado têxtil e moda*. Cataguases, 2002).

### 1.3- TRAÇOS DA DESCONSTRUÇÃO DA FERREIRA GUIMARÃES EM JUIZ DE FORA



Figura 15: Vista aérea do parque fabril da Cia. Têxtil Ferreira Guimarães (Foto arquivo CTFG).

Manter-se em um mercado exigente requer de uma empresa inovações ininterruptas. Assim, ao longo da história da Cia. Têxtil Ferreira Guimarães, em todos os anos, desde a sua fundação, a empresa passou por vários desafios e transformações, tanto econômicas, quanto políticas e sociais. As tentativas para vencer os obstáculos foram constantes, envolvendo desde o acompanhamento das novas tecnologias, investimentos em máquinas e equipamentos, quanto de mão de obra qualificada.

Mas, em função da conjuntura nacional e internacional<sup>77</sup>, após aproximadamente 65 anos de existência em Juiz de Fora, a Companhia apresentou os primeiros traços de sua

---

<sup>76</sup> Fio elastano, (*Spandex*): Fibra artificial proveniente do poliuretano, mais conhecida comercialmente como Lycra. Provém da família das fibras químicas de maior elasticidade, o que lhe confere a capacidade de esticar e retornar ao seu estado inicial sem danificações. O fio de *Spandex* é muito utilizado em roupas que necessitam de movimentos livres, como artigos da linha *activewear*. Misturadas a tecidos como o algodão, proporciona conforto, elasticidade, boa transpiração e ótima resistência ao calor e ao frio. (*Dicionário da moda: guia de referência de termos do mercado têxtil e moda*. Cataguases, 2002).

<sup>77</sup> “A década de 1990 foi marcada por grandes mudanças na economia brasileira. Primeiramente, a renegociação da dívida externa significou o retorno do país ao circuito financeiro internacional como receptor de recursos externos. Em segundo lugar, dava-se a intensificação da abertura comercial, após período de políticas voltadas para a obtenção dos saldos positivos da balança comercial. Em terceiro, a estabilização da moeda desde 1994,

desconstrução. Em meados do ano de 1995, houve a primeira perda significativa na história da Ferreira Guimarães na cidade. A unidade de Fiação e Tecelagem (Figura 16) situada na Avenida dos Andradas, onde antes havia funcionado a Industrial Mineira, fechou as portas, encerrando as atividades. Os funcionários foram demitidos em massa, enquanto alguns poucos foram transferidos para a unidade de Acabamento Celso Gomes Filho, que continuou em funcionamento, beneficiando os tecidos produzidos nas fábricas de Barbacena e Valença.



Figura 16: Imagem da Fiação e Tecelagem da Cia. Têxtil Ferreira Guimarães - Processo de Tombamento DIPAC/ P.JF.

Em reportagem no jornal *Tribuna de Minas*, com manchete que dizia “Ferreira Guimarães fecha indústria em JF”, a crise do setor e a falta de incentivos fiscais foram apontadas como a razão da decisão sobre o fechamento desta unidade têxtil.

Ferreira Guimarães fecha indústria em JF – A crise do setor e a falta de incentivos fiscais são apontadas como razão da decisão – A falta de incentivos fiscais do Município para investimentos na modernização da unidade de tecelagem da Companhia Têxtil Ferreira Guimarães foi um fator decisivo para o fechamento da fábrica em Juiz de Fora, deixando cerca de 780 trabalhadores desempregados, afirma o diretor geral e de relações comerciais da empresa, Antônio César Berenguer Gomes. (...) Berenguer explica que a fábrica de Juiz de Fora necessitaria de um investimento entre US\$12 e US\$15 milhões, sem contar a reforma do prédio. A

---

após fase de altas taxas de inflação e frustradas tentativas de estabilização, revertia a importância do endividamento externo, com a âncora cambial. (...) Outro aspecto, não menos importante, diz respeito à queda da inflação, ligando -se ao Plano Real. Na indústria têxtil, o efeito dessas transformações evidenciou-se, sobretudo, a partir da abertura da economia, exercendo forte impacto na balança comercial e na organização do parque industrial local incidindo diretamente, portanto, sobre a produção e o nível de emprego”. MASSUDA, Ely Mitie. *A indústria têxtil brasileira sob o impacto da abertura econômica 1992 – 1999*. Acta Sci. Human Soc. Sci. Maringá, v. 28, n. 1, 2006, p. 122.

unidade produzia 30% menos com mão de obra 40% maior que a de Barbacena. Quanto ao destino do prédio, onde é realizada apenas a manutenção das máquinas, o diretor diz que quatro projetos estão sendo estudados e não descarta a hipótese de venda. A empresa também alega crise no mercado de tecidos, com a concorrência dos importados.

A fábrica estava funcionando com redução de pessoal desde julho, quando 246 funcionários foram demitidos. Em agosto, mais 12 empregados foram demitidos e em setembro e outubro, 195, quando a indústria produzia para acabar com o estoque de matéria prima<sup>78</sup>.

Além desses dois fatores, o diretor comercial da Ferreira Guimarães, Antônio César Berenguer Gomes, também apontou a crise no mercado de tecidos, com a concorrência dos importados, como uma justificativa para o fechamento da Fiação e Tecelagem.

Conforme publicado na mesma reportagem, cerca de 780 funcionários ficaram desempregados, além dos 453 que já haviam sido demitidos de julho a outubro do mesmo ano, totalizando um número em torno de 1233 funcionários sem emprego.

Segundo Massuda:

A abertura da economia brasileira representou forte impacto sobre o ramo têxtil, que ficou exposto à competição internacional. A reestruturação da indústria têxtil brasileira refletiu, pois, negativamente sobre o número de empregos. Isso manifesta o fato de que a modernização esteja associada à obtenção de ganhos de produtividade. Eles estão vinculados ao aumento ou estabilização da produção com redução de empregos e à elevação do conteúdo importado na composição do produto local<sup>79</sup>.

O fechamento da Fábrica de Fiação da Ferreira Guimarães ocorreu em um contexto nacional em que ocorria a implementação de uma política econômica neoliberal, com o advento da globalização e a reestruturação produtiva em vários setores. De acordo com Alberto Jorge Chan: “Dentro da indústria têxtil a abertura comercial afetou toda a cadeia produtiva, mostrando que cada setor está interligado e que a mudança ocorrida em um setor afeta todos os outros<sup>80</sup>”.

O setor têxtil, acostumado até então com a tradição protecionista brasileira, foi forçado a um processo de reestruturação, modernizando seu parque fabril e buscando soluções para um mercado competitivo. Nas palavras de Fernanda Sartori de Camargo e Joaquim Guilhoto:

<sup>78</sup> *Tribuna de Minas*, Terça-feira, 10 de outubro de 1995, p. 7.

<sup>79</sup> MASSUDA, Ely Mitie. *op. cit.*, p. 125.

<sup>80</sup> CHAN, Alberto Jorge. *Os efeitos da globalização na indústria têxtil*. Dissertação de Mestrado. Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 1999, p. 52.

Instaura-se, dessa forma, a partir dos anos 90, a abertura econômica e uma política que deixava de ser protecionista e buscava um aumento de produtividade, eficiência e qualidade para inserção mundial. E é nesse contexto que se origina o processo de reestruturação do setor têxtil brasileiro, bastante fragilizado com a forte concorrência dos produtos importados em virtude da defasagem tecnológica do parque industrial e da falta de competitividade, oriundas em parte devido à proteção alfandegária<sup>81</sup>.

Assim, algum tempo depois do fechamento da Fiação e Tecelagem da Cia. Têxtil Ferreira Guimarães, teve início a demolição de alguns dos galpões antigos da fábrica. (Figura 17). No local, iriam ficar apenas os imóveis que estavam em processo de tombamento junto a Prefeitura Municipal de Juiz de Fora: as duas torres e o prédio construído pela firma Pantaleoni Arcuri, onde funcionava o escritório da empresa.



Figura 17: Início da demolição dos galpões da Ferreira Guimarães, março 1998 (Foto cedida por Cristina Sirimarco).

Em junho de 2003, o jornal *Tribuna de Minas* publicou a reportagem “Ferreira Guimarães: Adeus à pioneira” sobre a conclusão da demolição das instalações da Companhia, que foi realizada pela construtora Moraes Cardoso. No local, seriam construídos um loteamento comercial, uma rua e uma praça.

---

<sup>81</sup> CAMARGO, Fernanda Sartori de; GUILHOTO, Joaquim J. M. *O impacto da globalização na indústria têxtil, 1990 a 1999*. Universidade de São Paulo, Anais do II Encontro de Estudos Regionais e Urbanos, 2002.





Figuras 18, 19 e 20: Fotos Jornal *Tribuna de Minas*, domingo, 15 de junho de 2003, Caderno B, p. 1.

Segundo o mesmo jornal, a Prefeitura de Juiz de Fora acompanhou toda a demolição junto à firma responsável, através dos setores de patrimônio e meio ambiente. O engenheiro Carlos Henrique Cardoso, sócio da construtora, disse que havia no terreno treze galpões de ferro inglês e madeira de pinho de riga, cujas ferragens e madeiras foram vendidas. Também disse ter descoberto um fosso que dava acesso subterrâneo à fábrica e uma parede com saída para a rua. “Existia uma caverna debaixo da Rua Benjamim Guimarães”, contou, imaginando que poderiam ser caminhos secretos construídos pelos ingleses<sup>82</sup>.

Porém, em entrevista realizada com um antigo funcionário da companhia, Antônio Aparecido da Cruz, o mesmo disse ter uma foto de um lote no local, onde foi encontrado o Canal da Turbina da Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira (Figura 21). Acrescentou ainda que, em 04/01/1960 quando foi admitido na Fábrica, teve a oportunidade de presenciar esta Turbina movimentando uma transmissão, que acionava uma parte da Tecelagem, isto é, a Sala mais antiga da mesma. Antes de 1960, segundo seu Pai, que também havia trabalhado na empresa, “uma polia desta transmissão foi lançada acidentalmente com tanta força, que vazou o teto da Tecelagem e foi parar na Estação de Trem Mariano Procópio,

<sup>82</sup> *Tribuna de Minas*, 15 de junho de 2003, Caderno B, p. 1.

mas não chegou a ferir ninguém<sup>83</sup>”. Possivelmente, este canal seria o fosso subterrâneo que havia sido encontrado durante a demolição da fábrica.



Figura 21: Lote com o Canal da Turbina da Cia. de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira.  
Foto cedida por Antônio Aparecido da Cruz

A reportagem do jornal *Tribuna de Minas* ainda dava um enfoque ao fato de que a Companhia chegou a ter, no seu auge, 2.5 mil funcionários, ressaltando a tristeza de muitos ao presenciar o fim de suas instalações.

Lamento – Desde que a demolição começou, em fevereiro, operários e engenheiros da construtora acostumaram-se a ver antigos funcionários da Companhia aproximarem-se do local para lamentar a destruição da fábrica, chorar e contar histórias do tempo em que trabalharam lá, em muitos casos por quase toda a vida. Gente que entrou jovem e saiu aposentado. Que conheceu mulher ou marido na fábrica. Que criou família trabalhando na tecelagem. O engenheiro Alexandre Moraes, sócio da Moraes Cardoso, conta sobre um senhor de 88 anos que passou todo o último domingo diante das ruínas da fábrica, acompanhando a demolição. Era um antigo funcionário que ali começara a trabalhar aos 17 anos<sup>84</sup>.

Nesta reportagem, também foram entrevistados alguns ex-funcionários que têm uma trajetória de vida que se identifica com a da própria Companhia, entre os quais se destacam Cecília Clemente, que começou a trabalhar na fábrica quando ainda tinha apenas 13 anos, em 1955, ficando até 1983, quando completou vinte e oito anos no emprego e Ignácio Gasparette, que ingressou na tecelagem com 14 anos como varredor, trabalhou como contramestre de fiação e chegou à subgerente, trabalhando na Companhia por mais de quarenta anos. Ignácio disse não ter saudades apenas do trabalho, mas também dos grandes bailes da empresa, que

---

<sup>83</sup> Entrevista temática através de roteiro/questionário de perguntas realizada com Antônio Aparecido da Cruz em 10/07/2013.

<sup>84</sup> *Tribuna de Minas*, 15 de junho de 2003, Caderno B, p. 1.

aconteciam no enorme salão do Clube da Companhia, onde hoje funciona o Hospital Universitário e do campo de futebol no Morro da Glória.

Carlito Gonçalves Filho foi outro funcionário que trabalhou na empresa, de 1952 a 1965, principalmente como supervisor do departamento de controle de qualidade. Conheceu a esposa na fábrica e três de seus filhos nasceram enquanto trabalhava na tecelagem. As recordações dos espaços geográficos da fábrica, das sessões onde trabalhou e das apresentações de teatro da fábrica, das quais também participou, apareceram nítidas em sua memória ao descrever a história de sua trajetória de vida junto à Companhia nesta entrevista concedida para o jornal *Tribuna de Minas*.

O imóvel remanescente, cujo processo de tombamento se encontrava em fase final, foi colocado à venda (Figura 22).

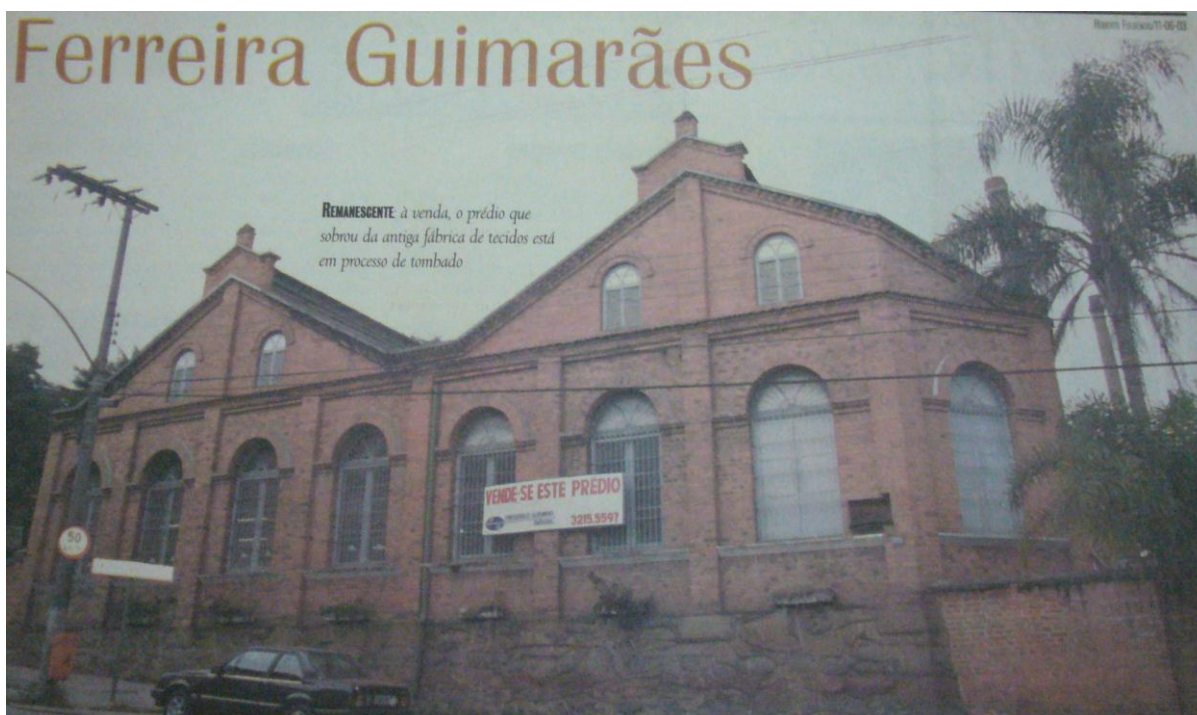


Figura 22: Foto Jornal *Tribuna de Minas*, quinta-feira, 19 de junho de 2003, Caderno Dois, p. 6.

Apesar da repercussão causada pelo fechamento da unidade de Fiação e Tecelagem, tanto para a Ferreira Guimarães e os funcionários quanto para a cidade, a empresa continuou em funcionamento normal nas demais unidades fabris, em Valença e Barbacena, e inclusive na Acabadora em Juiz de Fora, que contava na época com aproximadamente 300 funcionários.

Buscando acompanhar as modernizações e novidades em equipamento e técnicas, a Cia. Têxtil Ferreira Guimarães se manteve no mercado industrial, conquistando mais uma década de existência. Ao completar 100 anos no ano de 2006, a Cia. Têxtil Ferreira Guimarães promoveu uma série de atividades internas, enviando uma carta de agradecimento (Figura 23) a todos os funcionários, fornecedores, representantes e parceiros que ajudaram a construir a história desta conquista.

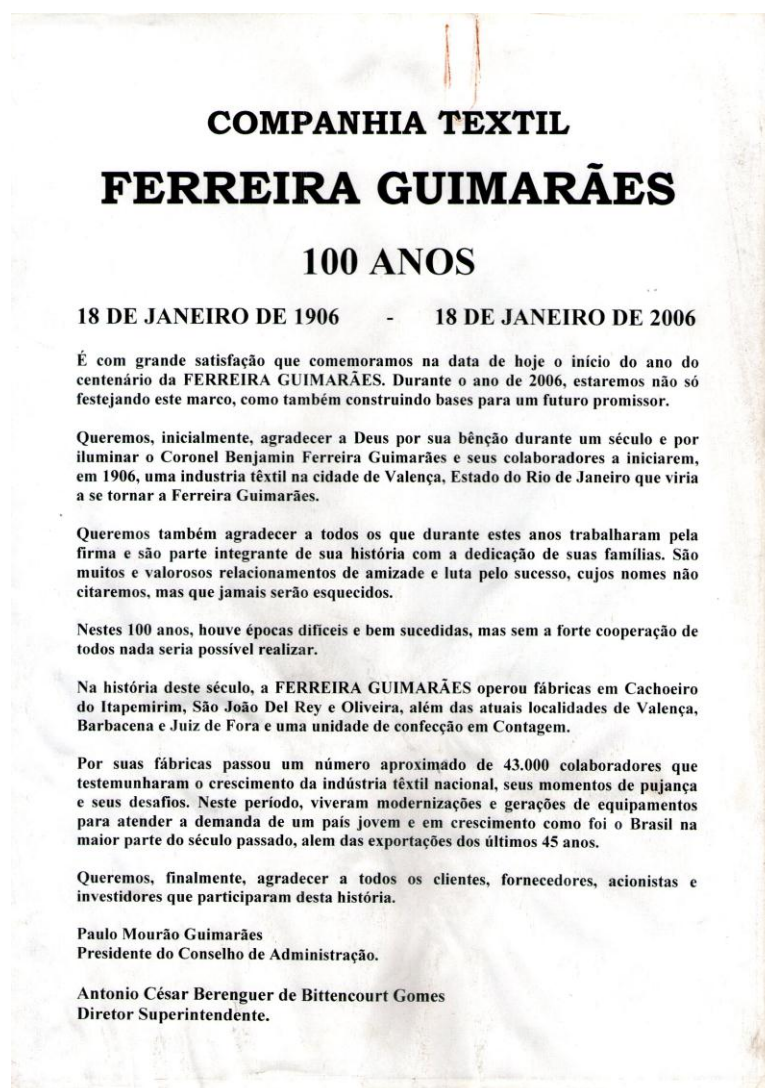


Figura 23: “Carta 100 Anos Ferreira Guimarães” (Foto Claudia Gaspar Cimino, 2013).

Nestes 100 anos, houve épocas difíceis e bem sucedidas, mas sem a forte cooperação de todos nada seria possível realizar.

Na história deste século, a FERREIRA GUIMARÃES operou fábricas em Cachoeiro do Itapemirim, São João Del Rey e Oliveira, além das atuais localidades de Valença, Barbacena e Juiz de Fora e uma unidade de confecção em Contagem.

Por suas fábricas passou um número aproximado de 43.000 colaboradores que testemunharam o crescimento da indústria têxtil nacional, seus momentos de pujança e seus desafios. Neste período, viveram modernizações e gerações de equipamentos

para atender a demanda de um país jovem e em crescimento como foi o Brasil na maior parte do século passado, além das exportações dos últimos 45 anos<sup>85</sup>.

Em novembro de 2007, após um período em que a empresa vinha passando por grandes dificuldades financeiras e comerciais, entre elas, a inadequação de maquinários para produção de pequenos lotes comerciais e a concorrência com os tecidos importados, a Ferreira Guimarães praticamente encerrou suas atividades. Na ocasião, enviou um comunicado à maioria dos seus funcionários através de telegrama:

Comunicamos extinção contrato trabalho a partir de 09/11/2007 pela redução drástica atividades operacionais fábrica. Observando a lei estamos providenciando cálculo seu crédito. Comunicaremos providências tomadas oportunamente regularização sua situação. Cia. Têxtil Ferreira Guimarães<sup>86</sup>.

A partir desta data a empresa entrou em recuperação judicial, ficando apenas um número reduzido de funcionários e precário funcionamento na fábrica de acabamentos em Juiz de Fora. Anteriormente a isso, já havia fechado as duas unidades de Valença.

O processo de Recuperação Judicial da Companhia Têxtil Ferreira Guimarães teve início em 05/12/2007, porém, como o mesmo se tornou inviável, em 14/07/2009, foi decretada a falência da sociedade, com a continuação provisória de suas atividades nas fábricas de Barbacena e Juiz de Fora.

A indústria têxtil Ferreira Guimarães, que está com suas atividades suspensas desde setembro, teve aprovado ontem o plano de recuperação judicial, para garantir que seu funcionamento não seja interrompido. Segundo a direção da empresa, a prioridade será a garantia dos direitos trabalhistas dos funcionários, que estão com os salários atrasados. Os demitidos também não receberam as rescisões contratuais<sup>87</sup>.

Embora a empresa tenha falido e seu patrimônio material tenha sido em parte destruído, existia outro patrimônio que ainda resistia... De cunho predominantemente imaterial, porém marcado pela força de sua longa trajetória têxtil na cidade. No

---

<sup>85</sup> Retirado da “Carta 100 anos Cia. Têxtil Ferreira Guimarães”.

<sup>86</sup> Texto retirado de telegrama enviado pela Ferreira Guimarães a seus funcionários, novembro de 2007.

<sup>87</sup> *Jornal Tribuna de Minas*, 13/12/2007.

entrelaçamento das linhas desta história, a Ferreira Guimarães já havia deixado suas marcas pelo caminho...

## **CAPÍTULO 2- A ESTAMPARIA NA FERREIRA GUIMARÃES: Traçando um desenho à parte**

A ideia de que o desenho têxtil ou o tecido estampado pode vir a se tornar uma referência para a construção da memória visual em relação à Ferreira Guimarães, representando um patrimônio têxtil, levou à necessidade de fazer uma pequena pausa para traçar algumas considerações sobre a evolução da estamparia na empresa. Fazer a construção desse desenho em especial, um capítulo à parte sobre a estamparia, porque foi através deste ponto que teve início esta história que é, também, minha história. E, a partir dele, foi construída uma trajetória de vida que culminou na realização deste trabalho.

Este ponto é o diferencial. É o que transforma esta história em um desenho através da memória. Retomando as linhas dessa construção, o lugar de onde se fala, ou se escreve, é também o lugar de quem vivenciou parte dessa mesma história, pelos laços dos desenhos da estamparia... Ao contar esta história, ao fazer as escolhas sobre o que pesquisar, fez-se a opção de desenhar as linhas através desse olhar... Um olhar acostumado a traçar contornos que se transformam em desenhos.

Também nesse sentido, esta parte da história não trata de algo tão desconhecido. Torna-se difícil apagar isso e esquecer esse detalhe... Porém, procurou-se, através das fontes, encontrar indícios da realidade e evitar desvios longos demais... Pois como sinaliza Koselleck: “As fontes têm poder de veto. (...) nos impedem de cometer erros, mas não nos revelam o que devemos dizer<sup>1</sup>”.

E justamente pelo fato de ter tido esta vivência, em especial no desenvolvimento de tecidos estampados, de ter compartilhado tantos momentos de trabalho nesse cotidiano fabril, é que nessa pesquisa eu reforço a importância da estamparia como forma de memória da história desta mesma vivência na fábrica têxtil.

Com o produto final, o tecido, especialmente o estampado, torna-se possível criar referências, desenhos de memória. Estampas que, por sua possibilidade de utilização e circulação em aplicações diversas, facilitam reconhecer as etapas vivenciadas ao longo da história, são como o registro da memória através de marcas na imagem do tecido.

O tecido entra na vida humana pela necessidade de proteção e abrigo. Não se pode arbitrar em que momento este tecido tornou-se também linguagem, assim como não se pode arbitrar o momento em que a pintura rupestre se tornou arte. Sabe-se, porém, que a necessidade de comunicação, de pertencimento e distinção acompanham a trajetória humana, para além da necessidade primaz de sobrevivência. O tecido está atrelado e entrelaçado a essas manifestações e necessidades. Agasalha o corpo físico e cultural, é veículo de comunicação, por ser um código reconhecido entre os membros de uma comunidade, é signo de pertencimento e distinção, por suas formas e valores reconhecíveis. Portanto, desde muito cedo na história da humanidade, o tecido ocupa vários lugares e migra, ao ser levado pelo próprio homem, para a modernidade, como trabalho, riqueza e construção social<sup>2</sup>.

O tecido tem uma longa história e sua evolução deu-se inicialmente com a utilização do tear manual<sup>3</sup>, onde conforme o tipo de material têxtil e a maneira usada para tecer, o resultado da apresentação do mesmo pode variar em termos de espessura, maciez e com relação ao próprio desenho da trama. Além da cor, que pode trazer uma enorme diversidade para os padrões obtidos<sup>4</sup>.

A estamparia é uma das formas de arte mais antigas. Embora existam divergências quanto à origem exata da arte de estampar, é certo que os homens já a utilizavam há milhares de anos. Com a evolução através dos tempos, tornou-se uma das mais exigentes técnicas têxteis e, segundo uma grande maioria, a que mais se aproxima da arte. “O tecido é para o estilista o que a tinta é para o artista: meio de expressão criativa<sup>5</sup>”, como arremata Sue Jenkin Jones. Por outro lado, Chataignier afirma que:

Estampar ou imprimir designa de maneira genérica diferentes procedimentos que têm como finalidade produzir desenhos (...) na superfície de um tecido, como se fosse uma pintura localizada que se repete ao longo da metragem da peça e aplicada

---

<sup>1</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006, p. 188.

<sup>2</sup> SILVA, Hilzes de Oliveira. *Matéria, técnica e expressão: o tecido na pintura de gênero no Rio de Janeiro de entresséculos*. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais. UFRJ/EBA. Rio de Janeiro, 2012, p. 157.

<sup>3</sup> “A tecelagem ou tecedura é considerada um grande marco na evolução do ser humano e na sua inclusão social. Consta que era um trabalho exclusivamente feminino até por volta de 1270 da era cristã e, pelo seu passo a passo que durou milênios, proporcionou um estágio de vida diferenciado, no qual se foi misturando arte, costumes e tradições e, posteriormente, ciência e tecnologia. As técnicas de tecelagem evoluíram de forma mais vigorosa nos séculos XVIII e XIX, graças aos novos sistemas que substituíram os trabalhos manuais, sem que esses, entretanto, nunca tenham sido de todo abandonados”. CHATAIGNIER, Gilda. *Fio a Fio: Tecidos, Moda e Linguagem*. São Paulo: Estação das Letras, 2006, p.21.

<sup>4</sup> FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA, *Tecelagem Manual no Triângulo Mineiro*. Rio de Janeiro, 1984, p. 34.

<sup>5</sup> JONES, Sue Jenkin. *Fashion Design: Manual do estilista*. Tradução Iara Biderman. São Paulo: Cosac Nalfy, 2005, p. 122.



no seu lado conhecido como lado direito. A palavra estamparia é proveniente da língua inglesa, mais exatamente *printwork*, ou seja, trabalho pintado<sup>6</sup>.

O desenho tem uma grande importância no que se refere ao valor que é acrescido ao tecido estampado. Muitas vezes, o êxito comercial do artigo têxtil depende principalmente desse valor. Para que um desenho estampado agregue esse valor, alguns fatores devem ser considerados, além dos motivos que compõem o desenho e a cor do mesmo. A forma de desenvolvimento do desenho, o tipo de repetição utilizado (*rapport*<sup>7</sup>) e a adequação as tendências da moda.

Segundo a análise de Liana D'Urso de Souza Mendes:

Na moda refletem-se valores psicológicos individuais ou coletivos dos consumidores, fatores econômicos, sociológicos e até técnicos. A renovação sazonal de vestuário mantém o ritmo da produção da indústria têxtil, as mudanças tecnológicas são decisivas para a moda na medida em que ela favorece a inovação e renovação dos artigos têxteis. Fatores econômicos, como uma época de crise financeira, são importantes também, pois podem determinar limitações às características estéticas e funcionais dos materiais utilizados na confecção dos artigos que serão vendidos como moda.

Na área têxtil, tanto para a decoração quanto para o vestuário, a moda traduzida em tendências de cores e estilos de desenho tem sua base nas grandes indústrias químicas mundiais, que determinam que corantes e pigmentos vão ser utilizados naquela estação (primavera-verão / outono-inverno)<sup>8</sup>.



<sup>6</sup> CHATAIGNIER, Gilda. *op. cit.*, p. 82.

<sup>7</sup> *Rapport* é a dimensão total de um desenho que se repete tanto no comprimento quanto na largura do tecido. Figura de repetição, ligamento. Indispensável ao processo de estamparia. (*Dicionário da moda: guia de referência de termos do mercado têxtil e moda*. Cataguases, 2002).

<sup>8</sup> MENDES, Liana D'Urso de Souza. *Análise ergonômica dos processos informatizados introduzidos na estamparia da indústria têxtil: um estudo de caso em indústrias do sudeste brasileiro*. Dissertação de Mestrado. PUC/RJ. Rio de Janeiro, 2000, p. 64.



Figura 24: Catálogos de Tendências de Moda de Indústrias Químicas (Fotos: Claudia Gaspar Cimino, 2013).

As tendências de moda surgem a partir dos catálogos e cartelas de cores que são desenvolvidos pelas principais indústrias químicas mundiais (Figura 24), e que servem como base para a criação das cores, estampas e estilos da próxima estação.

Uma estampa, para ser comercial e garantir qualidade ao artigo têxtil, deve ser atrativa, criativa, ter o encaixe do desenho perfeito, ter solidez e harmonia nas cores estampadas e ter um bom acabamento no tecido, além de estar dentro das tendências atuais da moda.

Hilzes de Oliveira Silva aponta:

O tema moda como história e cultura é bastante proveitoso por seus entrecruzamentos com outras manifestações sociais e as relações de comunicações que se instauram, bem como seu caráter antropológico. Nesse sentido, textos recentes têm sido publicados com interessantes recortes, especialmente os que propõem uma intertextualidade entre moda e literatura. Esses textos apontam o quanto os personagens revelam de si através de suas escolhas têxteis<sup>9</sup>.

Nesse sentido, a moda e, conseqüentemente, as estampas refletem escolhas temporais que se inserem em épocas específicas e revelam a tradição e/ou evolução cultural de um povo.

## 2.1- OS PRIMEIROS TRAÇOS DA ESTAMPARIA NA FERREIRA GUIMARÃES

De acordo com as pesquisas realizadas, por volta de 1957/58, na Industrial Mineira houve a produção de tecidos estampados, conforme mostruário existente em arquivo interno no livro de produtos da Companhia. As amostras de tecidos produzidos naquela época

<sup>9</sup> SILVA, Hilzes de Oliveira. *op. cit.*, p. 12.

apresentavam desenhos bicolores, basicamente flores e poás, nas versões: estampa em branco sobre fundo tinto, com várias opções de cor de fundo para a padronagem ou com a estampa colorida sobre tecido com fundo branco, neste caso variando as cores dos padrões, conforme podemos verificar na imagem abaixo (Figura 25).



Figura 25: Mostuário de tecidos da Industrial Mineira – Arquivo interno CTFG (Foto Claudia Gaspar Cimino, 2013).

A unidade de Fiação e Tecelagem de Juiz de Fora, na época em que a Industrial Mineira já fazia parte do grupo Ferreira Guimarães, em meados de 1973, iniciou uma produção de tecidos estampados de forma incipiente. Segundo informações de Antônio Aparecido da Cruz, que trabalhou na empresa no período, foi desenvolvido um sistema de estampa chamado *Policromatic*, com a produção de listrados.

A seguir, algumas imagens dos referidos tecidos listrados, encontrados no arquivo interno da Companhia (Figura 26):





Figura 26: Mostruário estamparia tecidos listrados CTFG (Foto Claudia Gaspar Cimino, 2013).

Ao relembrar sobre o mesmo período, Leci Miranda Teixeira, também funcionária da empresa desde julho de 1975, contou que logo depois que entrou para a Ferreira Guimarães, teve início alguns testes de estamparia, só com listras. Tecidos nessa padronagem tiveram grande aceitação na época, em que se “usavam as primeiras batas na moda, chamadas de ‘judocas’<sup>10</sup>”, e que a empresa lançou muito dessa popeline estampada em listras. E complementou:

Aí, no final do ano a gente ficava aguardando quem é que ia ganhar um daqueles, daquelas novidades, né? Que eram as listras... Foram os primeiros testes de estamparia, numa máquina ainda limitada nas condições, pra depois ampliar pra estampa em si, e nos tecidos, que até hoje é referência<sup>11</sup>.

Nessa mesma época foram feitas as experiências de tecido com dupla-face, comentou Antônio Carlos Teixeira, marido de Leci: “Tecido um lado de uma cor, o outro lado, outra. O mesmo tecido. Eram feitos nessa época também, além dos manchados<sup>12</sup>”.

Mas foi somente após a inauguração da unidade de Acabamento Celso Gomes Filho, cujo projeto foi especialmente traçado também para a produção de tecidos estampados, que a estamparia na Cia. Têxtil Ferreira Guimarães alavancou seu desenvolvimento.

Como relata Leci:

<sup>10</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Leci Teixeira em 22 de janeiro de 2014.

<sup>11</sup> Id.

<sup>12</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Antônio Carlos Teixeira em 22 de janeiro de 2014.

E depois, foi o período em que fomos transferidos para a Acabadora. Na Acabadora, já foi uma outra época, de fazer parte de uma nova unidade, onde a tinturaria era mais ampliada, os acabamentos mais ampliados, e aí que surgiu a estamparia. Foi o período que a estamparia começou com o Sr. Geraldo, que foi um dos primeiros a fazer parte, o Antônio, já trabalhando também na parte de desenho, e eu, no setor de Custos, fui premiada pra contar o percentual de área estampada que tinha em cada tecido. Eu que fazia essa parte, por muito tempo eu fiz isso. Pegava a estampa e calculava o percentual de área estampada para efeito de custo, né, então, a gente participava indiretamente de todo o trabalho da Acabadora, desde quando entrava o tecido cru até quando saía ou tinto, ou estampado. É o período que a Ferreira exportava tecido cru e fazia a tentativa de ampliar suas exportações. A gente participava também acompanhando as amostras que seriam enviadas para avaliação<sup>13</sup>.

A unidade de Acabamento foi dotada de uma máquina de estamparia rotativa, que é de origem italiana, da marca *Reggiani*, com capacidade de produzir cinquenta metros de tecidos estampados por minuto em até oito cores. A montagem da máquina de estampar teve início aproximadamente em 1977 e sua conclusão se deu em 1979, quando começaram novos testes de estamparia que duraram cerca de três anos. A partir de 1982, a equipe foi sendo montada e a fábrica aos poucos foi conquistando um lugar no mercado de estampados<sup>14</sup>.

Nesta época, internamente eram produzidos desfiles de moda (Figuras 27 e 28), em que os próprios funcionários desfilavam com roupas confeccionadas utilizando os tecidos fabricados pela Companhia.



Figuras 27 e 28: Desfile interno na CTFG (Fotos cedidas por Cristina Sirimarco).

Cristina Sirimarco, ao (re)ver as fotografias aqui reproduzidas, lembrou:

<sup>13</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Leci Teixeira em 22 de janeiro de 2014.

<sup>14</sup> Parágrafo redigido com base na entrevista temática através de roteiro/questionário de perguntas realizada com Francisco Rocha Moreira em 30/07/2013.

Isso é um desfile. Abril de 81. É um desfile com os próprios funcionários, a assistente social que escolhia os funcionários. Dos tecidos da Ferreira. Então, eles fizeram a calça com o tecido da Ferreira, a camisa com o tecido da Ferreira, o vestido com o tecido da Ferreira, estamparia da Ferreira, oh, não é legal? Os próprios funcionários desfilando<sup>15</sup>...



Figuras 29 e 30: Desfile interno na CTFG com fotos dos funcionários Antônio, Roseny e Leci (Fotos cedidas por Antônio Carlos Teixeira e Leci Miranda Teixeira).

Leci Teixeira, ao mostrar as fotos antigas que ela e Antônio Carlos Teixeira guardavam da época em que trabalharam na Ferreira Guimarães (Figuras 29 e 30) também comentou sobre os desfiles, enfatizando sua percepção de que eles eram uma forma de estimular os funcionários para o trabalho têxtil.

Os desfiles foram uma forma de estimular o trabalhador, né, de estimular essa convivência, trazer esse entusiasmo desse trabalho e, quem desfilava, tinha direito à roupa. A gente ganhava o tecido, mandava confeccionar, era escolhido o modelo e a gente ganhava. E a gente fazia... Que nestes desfiles foram os primeiros estampados. Foram os primeiros testes da estamparia nova, da máquina nova na Acabadora. O Antônio tá com uma camisa estampada assim no desfile. Eu também, a minha era uma verde também, ‘estampadinha’ (Figura 31). As primeiras estampas... É tipo um dominó. São as primeiras experiências que eram feitas. Ainda o acabamento não era tão macio (risos). Era meio ainda áspero, né, mas depois, foi evoluindo, foi melhorando muito, bastante<sup>16</sup>.

<sup>15</sup> Entrevista de história oral temática com Cristina Sirimarco em 26 de julho de 2013.

<sup>16</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Leci Teixeira em 22 de janeiro de 2014.



Figura 31: Desfile interno – Leci com blusa tecido estampado tipo dominó. Padrão 3 - verde (Foto cedida por Leci Teixeira)  
 Figura 32: Estampa Dominó. Cia. Têxtil Ferreira Guimarães. (Foto Claudia Gaspar Cimino, 2013).

Com base nestes depoimentos, pode-se dizer que os desfiles internos promovidos pela Companhia eram de fato ações que incentivavam o gosto pelo trabalho, estimulando o convívio entre os funcionários e o uso dos tecidos da empresa. Segundo as palavras de Cristina Sirimarco citadas anteriormente, “a assistente social que escolhia os funcionários”, podemos perceber também o envolvimento do setor assistencial da Companhia na organização dos desfiles, o que demonstra a possibilidade da relação destes com a construção de um ambiente harmonioso e familiar. A proximidade e o pertencimento à história da fábrica são questões que podem estar relacionadas com a ideia de formação da grande "família Ferreira Guimarães".

Os desenhos produzidos em torno de 1979/81 eram predominantemente florais, listras, poás e xadrezes simples bicolores. Desenhos que são clássicos, seguindo um estilo que sempre eram importantes na composição das coleções.

Nas imagens abaixo (Figura 33), temos alguns exemplos dessas estampas, retiradas do mostruário da Ferreira Guimarães.

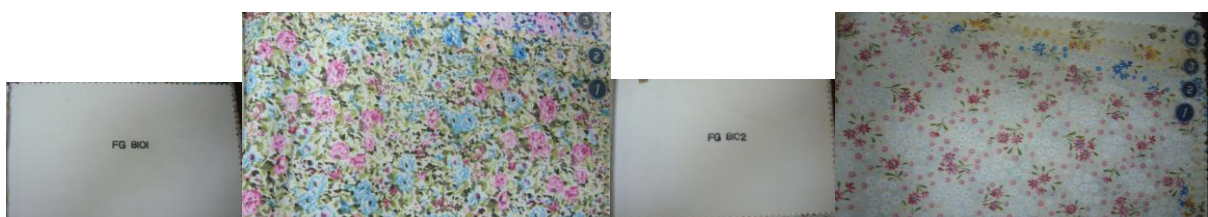




Figura 33: Mostruário estamparia com desenhos florais, poás e xadrez (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).

Antônio Carlos Teixeira trabalhou no Setor de Desenho praticamente desde o seu início. Começou suas atividades na Ferreira Guimarães em setembro de 1977, e ao falar sobre a transferência da fábrica de fiação e tecelagem para a Acabadora, lembrou-se:

A gente pegou aquela área bem rústica, mas de muito aprendizado e companheirismo. Eu fazia a parte de desenho, que era feita toda em prancheta, era filetado tudo com bico de pena. Tirava cópias, né, depois, pra poder fazer preenchimento das cores separadamente e aí, este trabalho, na maioria das vezes, era coletivo. Várias pessoas que faziam. (...) Vários trabalhos foram feitos assim, vindo desenhos de fora pra gente copiar, mas alguns desenhos foram criados. Depois eles contrataram pessoas pra poder fazer esse tipo de trabalho, que foi com a chegada do Fernando Pimentel. Ele incrementou a estamparia<sup>17</sup>.

<sup>17</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Antônio Carlos Teixeira em 22 de janeiro de 2014.



Fernando Valente Pimentel foi um grande incentivador da estamparia na Ferreira Guimarães. Em suas palavras:

Quanto à estamparia, ela veio junto com a CGF. Ficou um tempo operando de forma intermitente, depois ficou parada e começou a voltar no início dos anos 80, quando assumi a responsabilidade por este setor. De lá para cá a máquina funcionou, e ainda funciona, de forma contínua<sup>18</sup>.

No ano de 1986 a produção de estampados já atingia um volume de grandes quantidades e os desenhos englobavam diversos estilos, com tamanhos variados e de coloração vibrante (Figura 34). Foi um período de grandes produções, em que os desenhos eram estampados em metragens de tecido que garantiam lucro na produtividade alcançada em termos de vendas.



Figura 34: Mostruário estamparia CTFG (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).

Inicialmente, na maioria das vezes, os desenhos estampados eram basicamente adaptados ou “copiados” de tecidos oriundos da Europa, comprados em viagens. Esta era uma prática relativamente comum no setor têxtil, conforme aponta Luz Garcia Neira:

A indústria têxtil nacional estava habituada, definitivamente, a adquirir padrões no exterior ou adaptar/copiar desenhos estrangeiros, preferencialmente aqueles mais fáceis de serem comercializados<sup>19</sup>.

Outros desenhos foram desenvolvidos pelo estúdio *Crown Design*, especializado em criação de desenhos para estamparia, do designer Paulo Crown Guimarães, e adquiridos pela Ferreira Guimarães.

<sup>18</sup> Informações obtidas com Fernando Valente Pimentel, que iniciou suas atividades na empresa no início dos anos 80, assumindo a responsabilidade pelo Setor de Estamparia. Posteriormente, assumiu o cargo de Diretor Comercial e de Marketing da Cia. Têxtil Ferreira Guimarães. Hoje ocupa o cargo de Diretor Superintendente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT).

Paulo Crown<sup>20</sup> que, em 1981, encontrava-se em Londres, cursando uma Pós-graduação em Ilustração, teve a oportunidade de fazer um estágio em um estúdio de desenhos para estamperia em Como, uma pequena cidade italiana, na época em que a Ferreira Guimarães adquiriu a máquina de estampar da Reggiani. A partir de então, começou a desenvolver desenhos para a Ferreira Guimarães e, ao retornar para o Brasil, por volta de 1985, montou seu próprio estúdio de desenhos, atendendo também outras empresas têxteis, como a Cedro e Cachoeira, a Santanense, e algumas fábricas especializadas em produção de seda na cidade de Petrópolis.

Ele relata:

Foi aí que eu iniciei nessa história da estamperia e aprendi lá com os italianos, que são maravilhosos, são muito competentes no trabalho deles. (...) Tive contato com gente que me impressionou muito, artistas mesmo, gente que desenhava muito bem e o trabalho era todo 100% feito à mão. Era tinta e papel. Não existia computador, não existia nada disso<sup>21</sup>.

O final da década de 80 marcou definitivamente o desenvolvimento da estamperia na Companhia Têxtil Ferreira Guimarães. O mercado de estampados passou a ser visto pela empresa como um caminho especial para a diferenciação no que se referia ao beneficiamento do tecido. A estampa poderia ser o que faltava para atrair o cliente e manter sua fidelização no ato da compra. A valorização do tecido através das cores e do desenho...

## 2.2- A ESTAMPARIA NA FERREIRA GUIMARÃES: Os domínios da moda

A Ferreira Guimarães, buscando um aprimoramento do setor de desenho, começou então a investir na formação de uma equipe especializada em criação e desenvolvimento de desenhos. Ao novo setor competia desenvolver a pesquisa das tendências de moda

---

<sup>19</sup> NEIRA, Luz García. *Estampas na tecelagem brasileira. Da origem à originalidade*. Tese de Doutorado. São Paulo, 2012, p. 202.

<sup>20</sup> Filho de Paulo Mourão Guimarães e Carmen Dora Guimarães, Paulo Crown Guimarães está envolvido com a história da Ferreira Guimarães desde que nasceu, pois a empresa foi fundada por seu bisavô, Benjamin Guimarães. Formou-se em Design na PUC/RJ, em 1979, e, posteriormente, foi fazer uma Pós-graduação em Ilustração, na cidade de Londres. Morou na França, em Paris e na Itália, na cidade de Como, retornando ao Brasil em 1984/85.

<sup>21</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Paulo Crown Guimarães em 30 de janeiro de 2014.

direcionando o desenvolvimento e criação das coleções de estamparia, com a supervisão da Coordenação Central<sup>22</sup> que ficava no escritório do Rio de Janeiro.

A pesquisa era realizada através de viagens aos principais centros de lançamento da moda, como França, Inglaterra e Itália, onde eram feitas visitas a feiras de lançamento das tendências da moda (Figura 35), como a feira do *Indigo* e a *Première Vision* em Paris, *MODA IN Tessuto & Accessori* em Milão. Busca de informação também nos *bureaux* especializados, entre eles, a *Promostyl*, que fazia lançamentos de Cadernos de Tendências de Moda em cada estação (Primavera/Verão e Outono/Inverno) e revistas internacionais especializadas em moda.



Figura 35: Material informativo de feiras têxteis (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).

Os desenhos para as coleções eram criados com base nas tendências da moda, e outros, continuaram sendo adquiridos em estúdios especializados em criação de desenhos, entre eles, *Green* e *Vernet*, estúdios franceses. Alguns desenhos ainda eram baseados em amostras adquiridas em viagens ao exterior, sendo feitas pequenas alterações e adaptações necessárias às limitações técnicas do maquinário existente na Companhia. Para cada desenho eram desenvolvidas as variantes de cor, normalmente apresentadas em torno de três opções.

<sup>22</sup> A coordenação do Setor de Desenvolvimento de Produtos, nesta época, já estava sob a responsabilidade de Anita Crown Guimarães, que também está envolvida com a história da Ferreira Guimarães desde que nasceu, pois é irmã de Paulo Crown Guimarães, filha de Paulo Mourão Guimarães e Carmen Dora Guimarães. Trabalhou na empresa desde 1980, atuando como coordenadora de moda e estilo.

Para o lançamento das coleções, que aconteciam aproximadamente duas vezes ao ano, os desenhos tinham que ser produzidos na máquina de estampar, com uma metragem mínima ideal em termos de custo, a fim de serem confeccionadas as cartelas de amostras, como nas imagens apresentadas abaixo (Figura 36 e 37). Para cada estampa eram confeccionadas cartelas com todas as variantes de cor do desenho, que depois eram enviadas para toda a equipe de vendas, incluindo representantes, escritórios e alguns clientes especiais.



Figura 36: Arara com mostruário Ferreira Guimarães - Cartelas cabide (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).



Figura 37: Mostruário estamparia CTFG – Cartelas cabide (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).

Eventualmente, para aprovação do desenho e desenvolvimento das variantes de cor, era utilizada a “Mesa de Amostras”, um maquinário que possibilitava a produção manual do tecido estampado. A mesa permitia estampar até cinco metros de tecido, manualmente, em

que cada cor era estampada separadamente, com a ajuda de um funcionário que empurrava o maquinário deslocando e movimentando o cilindro sobre o tecido esticado e preso na mesa. Os cilindros eram estampados um a um, gerando grande dificuldade no encaixe do desenho. Por ser um processo manual, além de haver grande oscilação da pressão do cilindro sobre o tecido, o efeito final da estampa geralmente ficava diferenciado, visto que o tempo gasto para a troca de cada cilindro possibilitava a secagem da cor que havia sido estampada antes, não obtendo o efeito de sobreposição de cores que ocorreria quando o desenho fosse ser realmente produzido na máquina de estampar.

Cada desenho da coleção era analisado em termos de custo de produção, havendo a verificação de alguns itens para cálculo do mesmo, tais como: número de cores do desenho, percentual de área estampada por cor, cores utilizadas para cada variante (ou padrão), dados técnicos dos cilindros, metragem estampada por padrão, entre outros. Apesar dessa análise de custos antecipada para produção dos desenhos estampados, muitas vezes estes ainda acabavam gerando estoque quando não tinham uma boa aceitação no mercado, visto que a produção inicial para montagem das cartelas de amostras era em torno de mil metros por padrão e os desenhos ainda não haviam sido vendidos no mercado.

A Ferreira Guimarães também participava de feiras de moda no Brasil, como a FENIT<sup>23</sup> - Feira Internacional da Indústria Têxtil e FENATEC - Feira Internacional de Tecelagem, que acontecia duas vezes por ano em São Paulo, além de feiras internacionais. O sistema de vendas adotado pela empresa era através de representação comercial têxtil e na ocasião das feiras, ocorriam os encontros com a área de vendas, denominados de “Convenção de Vendas” com os representantes de todo o Brasil e do comércio internacional. Na convenção, além de palestras, eram apresentados os novos produtos que estavam sendo lançados nas feiras (Figura 38), assim como a coleção de estamparia e a cartela de cores para a nova estação.

---

<sup>23</sup> Em 1971, foi o primeiro ano que a fábrica participou da feira de tecidos FENIT na cidade de São Paulo, ocorrida no Parque Anhembi. “Com um novo sistema de vendas, a feira inaugura um imenso parque nacional de vendas têxteis e com boa aceitação, a Industrial Mineira e a Ferreira Guimarães apresentaram seus produtos para os visitantes da maior feira têxtil nacional”. *Jornal Ação Periódico dos Empregados da Companhia Industrial Mineira*, Julho de 1971, p. 6.



Figura 38: Catálogos, Cadernos de Tendência de Moda e Informações de Viagem da Ferreira Guimarães. (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).

Em 1987, o lançamento do livro *80 Anos de Moda no Brasil* (Figura 39) marcou as comemorações dos 80 anos da Cia Têxtil Ferreira Guimarães, cuja trajetória e desenvolvimento se confundem com a própria história da indústria têxtil e da moda brasileiras<sup>24</sup>.



Figura 39: Livro *80 anos de Moda no Brasil* – Silvana Gontijo. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987. (Foto Claudia Gaspar Cimino, 2013).

O livro apresenta uma evolução da moda no Brasil, mostrando década a década, como se vestiu a sociedade brasileira desde o início do século XX até os anos oitenta e servindo

como uma das primeiras fontes de referência em termo de moda para o período. Com texto de Silvana Gontijo e pesquisa de Jussara Câmara, o lançamento do livro *80 anos de Moda no Brasil* foi um marco importante na construção da memória da empresa, sendo hoje uma referência para pesquisa historiográfica sobre moda no Brasil.

A Ferreira Guimarães começou também a investir em publicidade nos anos 80. Buscando a divulgação do jeans, produto que despontou com grande sucesso naquela década, sendo que a primeira campanha publicitária da Companhia procurou associar o tecido à imagem do cantor Erasmo Carlos (Figura 40), que tinha grande popularidade no período. A campanha foi direcionada principalmente aos clientes atacadistas e confeccionistas que produziam para o público em geral, conforme apresentação da campanha<sup>25</sup> veiculada nas seguintes revistas especializadas: *Guia Oficial da Moda Brasileira*, *Jeans Sportswear*, *Toda Moda*, *Desfile Coleções*, *Cláudia Moda*, *Moda Brasil* e *Moda Mercado*.

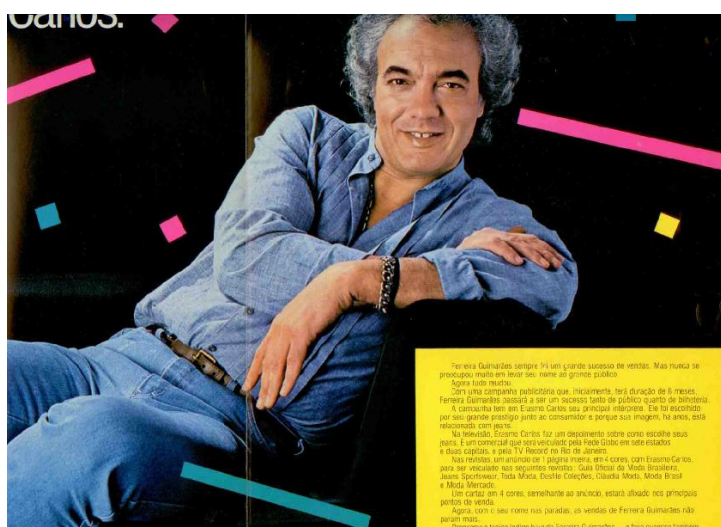


Figura 40: Anúncio da Ferreira Guimarães publicado na revista *Guia Oficial da Moda* com o cantor Erasmo Carlos (Material cedido por Fernando Valente Pimentel).

<sup>24</sup> GONTIJO, Silvana. *80 Anos de Moda no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.

<sup>25</sup> Texto de apresentação da campanha publicitária impresso na lateral do anúncio: “Ferreira Guimarães sempre foi um grande sucesso de vendas. Mas nunca se preocupou muito em levar seu nome ao grande público. Agora tudo mudou. Com uma campanha publicitária que, inicialmente terá a duração de 6 meses, a Ferreira Guimarães passará a ser um sucesso tanto de público quanto de bilheteria. A campanha tem em Erasmo Carlos seu principal intérprete. Ele foi escolhido por seu grande prestígio junto ao consumidor e porque sua imagem, há anos, está relacionada com jeans. Na televisão, Erasmo Carlos faz um depoimento sobre como escolhe seus jeans. É um comercial que será veiculado pela Rede Globo em sete estados e duas capitais, e pela TV Record no Rio de Janeiro. Nas revistas, um anúncio de 1 página inteira, em quatro cores, com Erasmo Carlos, para ser veiculado nas seguintes revistas: *Guia Oficial da Moda Brasileira*, *Jeans Sportswear*, *Toda Moda*, *Desfile Coleções*, *Cláudia Moda*, *Moda Brasil* e *Moda Mercado*. Um cartaz em 4 cores, semelhante ao anúncio, estará afixado nos principais pontos de venda. Agora, com o seu nome nas paradas, as vendas de Ferreira Guimarães não param mais. Programe o tecido índigo blue da Ferreira Guimarães – e faça sucesso também”.

Outras campanhas publicitárias, que seguiram esta mesma linha de marketing foram com o grupo Roupas Nova, ainda com foco no jeans (tecido índigo blue), que tinha como slogan “Cia. Têxtil Ferreira Guimarães: Tecido para o sucesso” e a campanha com as modelos Doris Giesse, Virgínia Punko e Sílvia Pfeifer, cujo slogan era “Toda nudez será bem vestida<sup>26</sup>” (Figuras 41 e 42). Esta última foi uma das que trouxe maior visibilidade à Ferreira Guimarães, veiculada nos anos 80/90, em comerciais de aproximadamente 15 segundos na televisão e em anúncios nas principais revistas da época. A propaganda foi tão popular que se tornou motivo de paródia<sup>27</sup> em programas humorísticos da televisão brasileira, como foi o caso da *TV Pirata*, o que acabou tornando a marca mais conhecida e divulgando os tecidos da Ferreira Guimarães. O slogan publicitário foi fundamental nesse sentido, atraindo a atenção do público para o produto através do apelo à memória individual e coletiva. Sendo conhecido, popularizado e aceito pelas pessoas, acabou por gerar um sucesso de vendas da marca, sobretudo porque incorporou a imagem da empresa.



Figura 41: Anúncios da Ferreira Guimarães publicados na revista *Moda Brasil*. (Fotos Claudia Gaspar Cimino).

<sup>26</sup> Esta campanha foi premiada no XI Prêmio Colunistas Rio de Janeiro em 1992, na Área de Campanhas, Categoria: Moda, Vestuário e Acessórios Pessoais, medalha de Prata: "Toda nudez será bem vestida", da VS Escala para Cia. Têxtil Ferreira Guimarães. Diretor de Criação: Lula Vieira. Redação: Paulo César Costa e Lula Vieira. Direção de Arte: Roberto Carlos Ribeiro. Produtora: Zohar. Diretor do Comercial: Lula, Maurício e Isabelle. Atendimento: Cristina Lobo. Aprovação: Fernando Pimentel. Informações disponíveis no site <http://www.colunistas.com/>

<sup>27</sup> No caso da Ferreira Guimarães o slogan publicitário foi uma adaptação do nome da Peça Teatral de Nelson Rodrigues, “Toda nudez será castigada” (1965) transformado em “Toda nudez será bem vestida”, com sentido oposto, fato que facilitou o sucesso da campanha publicitária e a paródia no programa *TV Pirata*. JESUS, Paula Renata Camargo de. *Slogan publicitário é isso aí!* Revista Imes, janeiro/junho 2002, p. 37.





Figura 42: Outdoor Ferreira Guimarães – Disponível em <http://www.monsantodesign.com.br/vscom/bau/peca11.html>

Posteriormente, com o slogan “Vista-se. Descubra-se.” (Figura 43), a Ferreira Guimarães inovou e apresentou uma campanha publicitária que chamou mais uma vez a atenção do público. Estas propagandas tornaram possível a divulgação da marca a um número maior de pessoas, gerando uma consolidação da empresa e do tecido Ferreira Guimarães como nome de vanguarda na moda.



Figura 43: Campanha publicitária da Ferreira Guimarães veiculada na televisão.

Em torno de 1990, com um processo de estamparia já bastante desenvolvido, a Ferreira Guimarães deu início às pesquisas para informatização do setor, com a aquisição e

implantação de um sistema CAD/CAM<sup>28</sup> para estamperia têxtil, sendo uma das primeiras empresas brasileiras a conquistar esta modernização. Como afirma Luz García Neira em sua tese de doutorado, no Brasil esta fase na indústria têxtil teve início em meados dos anos oitenta.

A primeira etapa de digitalização da estamperia têxtil ocorreu no momento do desenho, também chamado arte-final. Em meados dos anos de 1980, no Brasil, os softwares gráficos comerciais passaram a substituir o desenho manual (parcial ou integralmente), a separação cromática e também a impressão de fotolitos para a gravação de matrizes<sup>29</sup>.

Paulo Crown Guimarães, que iniciou as atividades como funcionário da Ferreira Guimarães em 1991, foi indicado como responsável por definir qual seria o melhor programa de informática a ser utilizado pela empresa dentro das novas tecnologias.

Eu fui trabalhar na Ferreira e foi uma época muito bacana, porque foi uma época de implantação de novas tecnologias. Porque a Ferreira ainda fazia tudo nos moldes tradicionais, aquele jeito de desenhar filme à mão. Tinha lá o Francisco, com a equipe dele. Eram aqueles fotolitos, fazia aquele monte de fotolito, que eram oito cores, aquela história toda. E no início da década de 90 começou essa história de CAD pra estamperia e os programas começaram a surgir no mercado. Tinham basicamente dois concorrentes, (...) mas essa questão demorou uns dois anos. Foi um processo demorado. Mas eu acabei optando por esse, que é espanhol. Tivemos que comprar os equipamentos todos, não existiam *tablets* no Brasil, era coisa toda que tinha que ser importada e tinha que ter o *tablet* e a caneta pra trabalhar... Depois também a parte de finalização tinha que entrar junto, que era a plotadora, pra plotar o desenho que estava sendo feito no computador. Tinha que fazer o CAM, né? O CAD era o desenho no computador e o CAM era o *out put* que era dado nessa máquina, no plotter pra fazer os filmes. Foi uma época muito legal, porque quando se está começando uma coisa nova é muito estimulante, tudo novidade, foi muito bacana mesmo<sup>30</sup>.

O sistema de informática adquirido foi um programa de origem espanhola, denominado *PixelArt*<sup>31</sup>, com representação no Brasil pela empresa *Secret Style*. A informatização do setor possibilitou desenvolvimentos expressivos em termos de qualidade nas coleções da Ferreira Guimarães e agilidade no atendimento a clientes, atendendo às

<sup>28</sup> Sistema CAD – Computer Aided Design ou Projeto Assistido por Computador / Sistema CAM – Computer Aided Manufacturing. (MENDES, Liana D’Urso de Souza. *op. cit.*, p. 4).

<sup>29</sup> NEIRA, Luz García. *op. cit.*, p. 57.

<sup>30</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Paulo Crown Guimarães em 30 de janeiro de 2014.

<sup>31</sup> A estação de trabalho *PixelArt* era dividida em módulos, específicos para desenvolvimento de estamperia têxtil: *Pixel Scantra* – Programa para operar o scanner, que faz a leitura do desenho original para posterior retrabalho e redução de cores. *Pixel Studio* – Programa para criação de desenhos e adaptação de originais. *Pixel Color* – Programa para desenvolvimento das variantes de cor para o desenho. *Pixel Grav* – Programa para impressão dos filmes de cor do desenho que seriam utilizados para gravação dos cilindros. *Pixel Print* – Programa para gerenciar a impressão dos desenhos na impressora de jato de tinta sobre o papel.

necessidades de criação, desenvolvimento, coloração e impressão de desenhos para estamparia.

Inicialmente, houve uma fase de transição, em que as coleções eram lançadas em papel e alguns desenhos produzidos também em tecido. Isto porque a conquista deste mercado diferenciado levou algum tempo, visto que o cliente não estava acostumado a comprar em papel e até se alcançar a credibilidade de que o que ele estava vendo impresso no papel seria o que iria receber no tecido como produção final, a empresa teve que investir em um tipo de mostruário em que eram fornecidas amostras em papel e tecido do mesmo desenho, para que pudessem ser comparados os resultados finais.

O uso do PANTONE<sup>32</sup>, Sistema Profissional de Cores utilizado em larga escala na indústria gráfica, na arquitetura e decoração de interiores, tornou-se um guia indispensável na indústria têxtil e de moda. Através do PANTONE TÊXTIL a empresa garantia que as cores apresentadas em papel para o desenho seriam estampadas de acordo com a numeração especificada no guia apresentado, aumentando a credibilidade do cliente sobre o produto final.

Com o passar dos anos e a entrada da maioria das fábricas têxteis neste processo de produção, as coleções passaram a ser lançadas quase que apenas em papel. Isto possibilitou a redução de custo e tempo, evitando que fosse preciso produzir o tecido antecipadamente para depois vendê-lo e garantiu agilidade e flexibilidade no lançamento das coleções de estamparia.

A adequação do mostruário de tecidos também teve que ser desenvolvida, tanto no que se refere aos tecidos planos tintos quanto à estamparia. O mostruário precisava ser feito de forma ágil, rápida e com um custo muito bom, pois o mercado necessitava ser inundado com novidades a cada mês. E esses mostruários eram em uma quantidade razoavelmente grande, pois eram muitos representantes de vendas da Ferreira Guimarães. Assim, foi realizada uma parceria com a Xerox e o mostruário, principalmente de estamparia, começou a ser impresso em máquinas copiadoras. Cada desenho era impresso com aproximadamente, cento e oitenta

---

<sup>32</sup> A marca PANTONE® foi criada pela Pantone Inc. que está sediada em *Carlstadt*, Nova Jersey, EUA. Considerada hoje uma autoridade em cores, é mundialmente conhecida pelos seus sistemas e tecnologias de ponta criada para os processos que envolvem cores com reprodução precisa, nas etapas de seleção, comunicação e controle de cores. O nome PANTONE® é conhecido mundialmente como a linguagem padrão para a comunicação em todas as fases do processo de gerenciamento de cores, desde o designer até o fabricante, desde o revendedor e até o consumidor, em várias indústrias. (Disponível em [www.pantonebr.com.br/](http://www.pantonebr.com.br/)).

cópias<sup>33</sup>, que seriam distribuídas aos agentes de vendas, escritórios da empresa e alguns clientes especiais.

Abaixo, imagens de desenhos impressos em papel (Figura 44):

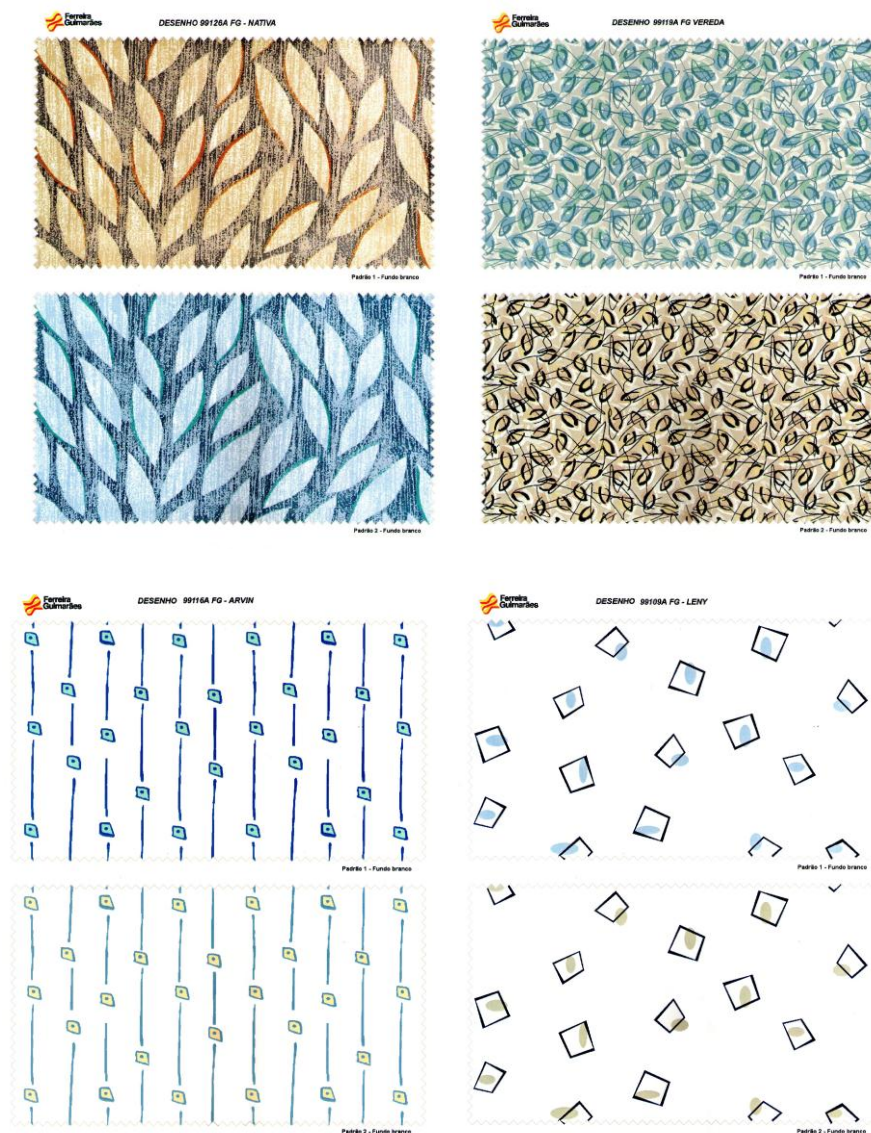


Figura 44: Desenhos da coleção estamparia Ferreira Guimarães impressos no papel (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).

Sobre a opção adotada, comentou Paulo Crown:

Precisava resolver uma maneira que esse mostruário de estamparia fosse também rápido e preciso, então foi aí que a gente fez essa parceria com a Xerox, com umas máquinas a laser também que estavam sendo lançadas no mercado brasileiro, era novidade, e a gente começou a trabalhar com a Xerox. A gente tinha duas máquinas grandes, de alta produção. Porque a Xerox era pra fazer as variantes, o desenho e as

<sup>33</sup> As cópias eram impressas em papel branco formato Carta (Letter).

variantes, e uma vez você resolvia o que é que queria em termos de coloração, então a Xerox fazia isso tudo perfeito, igualzinho<sup>34</sup>.

Outras formas de se trabalhar com desenhos estampados surgiram decorrentes desta evolução, como por exemplo, uma maior procura por desenhos exclusivos e metragens menores de produção. O atendimento a desenhos exclusivos para clientes gerou uma nova filosofia de comércio para a estamparia têxtil e um atendimento mais próximo ao cliente para garantir a qualidade do serviço prestado.

Com a evolução da estamparia, foi criada mais uma unidade de desenvolvimento de desenhos no Escritório da Ferreira Guimarães em São Paulo. Devido à localização, o setor de criação e desenvolvimento de desenhos de São Paulo facilitou esse atendimento direto ao cliente, concentrando grande parte do serviço de atendimento com exclusividade a clientes.

A Ferreira Guimarães estampou com exclusividade em seus tecidos para grandes marcas conhecidas em todo o Brasil, tais como: Vide Bula, Richards, Fourteen, Hering, Zoomp, Dudalina, Ônix/Guadalajara, C&A, entre outras. Também estampou para atacadistas que lançavam coleções exclusivas para seus clientes, onde se destaca Fernando Maluhy, sobretudo na área infantil e no segmento de decorações em São Paulo.

Os produtos da empresa eram divididos em três linhas: *Sport & Casual Wear*, *Blue & Color Jeans* e *Millenium*. Os tecidos da linha *Sport & Casual Wear* (Figura 45) incluíam os básicos e diferenciados, podendo conter em sua composição elastano, poliamida ou *poliéster*<sup>35</sup>. Tecidos leves como a tricoline 100% algodão e fios tintos, sempre trazendo um toque de refinamento, ideais para a camisaria masculina. Tecidos em sarja ou tafetá e cotelê<sup>36</sup>, em gramaturas diversas e com um segmento de cores atualizado e seguindo as principais tendências da moda. Nesta linha também estavam incluídos a maioria dos tecidos estampados.

---

<sup>34</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Paulo Crown Guimarães em 30 de janeiro de 2014.

<sup>35</sup> Poliamida é uma matéria que constitui um grupo de fibras têxteis sintéticas, como o náilon. Poliéster é uma fibra sintética usada com mais frequência em confecção de roupas. Entre suas características, não amarrota, não deforma e seca rapidamente. Lançada em 1941. (*Dicionário da moda: guia de referência de termos do mercado têxtil e moda*. Cataguases, 2002).

<sup>36</sup> Cotelê é um tecido com estrias (costelas) em sua superfície, as quais são cortadas, formando o pelo. Tipo de veludo. (*Dicionário da moda: guia de referência de termos do mercado têxtil e moda*. Cataguases, 2002).



Figura 45: Cartela de Produtos *Sport & Casual Wear* - Ferreira Guimarães (Foto Claudia Gaspar Cimino, 2013).

Nas linhas *Blue & Color Jeans* e *Millenium* (Figura 46) estavam os tecidos em índigos, leves, médios e pesados, básicos e diferenciados, 100% algodão ou com misturas de elastano. Os fios tintos em índigo. Indicados para uso em calças, jaquetas, jardineiras, camisas, bermudas, coletes, shorts, roupas femininas e infantis.

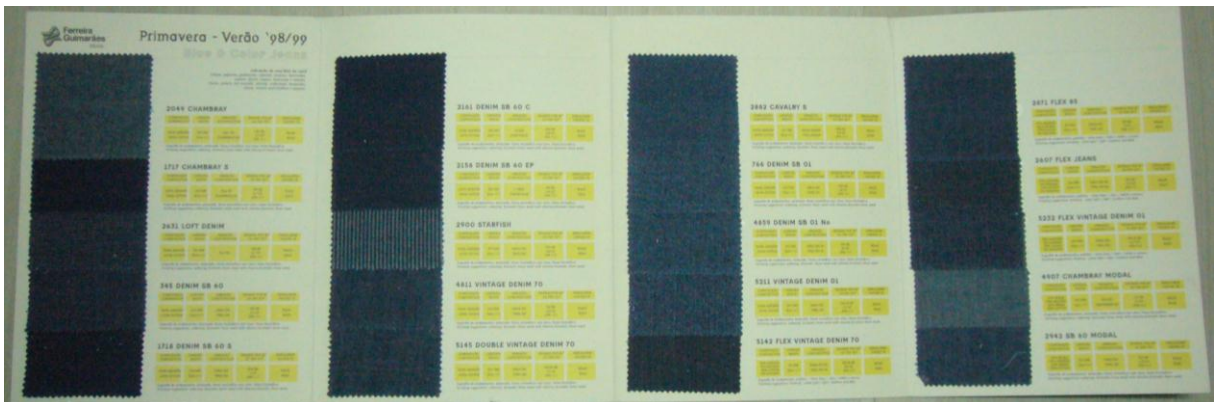


Figura 46: Cartela de Produtos *Blue & Color Jeans* - Ferreira Guimarães (Foto Claudia Gaspar Cimino, 2013).

A Cartela de Cores da Ferreira Guimarães (Figuras 47 e 48) tinha lançamento duas vezes por ano, nas principais estações (Primavera/Verão e Outono/Inverno). Composta com aproximadamente quarenta cores, disponíveis nas principais telas, incluía cores dos tons claros aos mais escuros. Sempre era atualizada de acordo com as tendências da moda, porém existiam as cores básicas e clássicas que não saíam do sortimento de cores.



Figura 47: Cartelas de Cores da Ferreira Guimarães - Capas (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).



Figura 48: Cartela de Cores da Ferreira Guimarães - Parte interna (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).

Tecidos com acabamentos especiais também compunham a linha de produtos da Ferreira Guimarães, modificando o toque e a aparência visual dos tecidos, tornando-os mais nobres e valorizados no mercado de moda.

Em um dos Catálogos de Produtos da Ferreira Guimarães, “*Summer Collection 1999/2000*”, a empresa apresenta-se com o seguinte Histórico:

A Cia. Têxtil Ferreira Guimarães é uma indústria têxtil de fiação, tecelagem e acabamento de tecidos. No passado, sua produção estava voltada para o mercado de commodities, basicamente índigo e popeline, e suas vendas concentravam-se no atacado. O início da década de 90 foi marcado por uma forte recessão e pela concorrência de produtos importados a nível mundial. Para se manter competitiva neste novo cenário, a empresa precisou redefinir sua estratégia de atuação. Esta nova estratégia está baseada, principalmente, na mudança de perfil de sua carteira de clientes e, conseqüentemente, capacitação de sua linha de produção e sistema de gestão.

Após completa reestruturação finalizada em 1996, atualmente produz índigos diferenciados e tecidos mais finos, como a tricoline, em lotes reduzidos, diferenciados e exclusivos. Estes produtos, de maior valor agregado, permitem maiores margens e menor exposição à concorrência dos importados. Seus principais clientes são as confecções e a linha de produtos está direcionada para atender ao mercado de moda.

Para lançamento dos produtos, principalmente durante as feiras (FENIT/FENATEC) eram confeccionadas peças de vestuário (Figura 49) com alguns dos tecidos, selecionados de acordo com as tendências da moda. O foco da produção comercial da Ferreira Guimarães, especialmente dos tecidos estampados, era a linha de camisaria.



Figura 49: Camisas confeccionadas com tecidos estampados Ferreira Guimarães (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).

A visualização da camisa confeccionada, juntamente com a cartela de amostra do tecido estampado (Figura 50) se transformava em um apoio fundamental para a comercialização do produto, visto que o cliente conseguia perceber mais facilmente qual seria a utilização do tecido na sua linha de produção.



Figura 50: Cartela e camisa confeccionada com tecido Ferreira Guimarães (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).



Na ocasião da FENATEC 2006, que ocorreu de 7 a 9 de março do mesmo ano, no Pavilhão de Exposições do Anhembi em São Paulo, a Companhia Têxtil Ferreira Guimarães convidou a Ação Comunitária do Brasil/RJ para participar do evento, confeccionando peças diferenciadas com os tecidos da fábrica. Abrindo o calendário oficial de lançamentos das indústrias têxteis no Brasil, a 57<sup>a</sup> FENATEC<sup>37</sup> teve como tema "Você investe, o mundo veste", reunindo todas as matérias-primas que são necessárias à indústria da confecção. Uma inovação ocorrida nesta feira foi a organização de desfiles com tecidos das empresas expositoras, cujo objetivo era mostrar aos confeccionistas a versatilidade, textura e caimento dos produtos comercializados pelas mesmas.

A última cartela de cores lançada pela Ferreira Guimarães foi a cartela *Primavera Verão 2007/2008* (Figura 51) com um sortimento de quarenta cores, que incluíam o branco e o preto, além dos neutros clássicos e coloridos. Em relação aos desenhos estampados, não houve lançamento de nova coleção, mas foi desenvolvido um CD (Figura 52), em que constavam fotos e imagens com as tendências de estamparia para a nova estação.



Figura 51: Cartela de cores *Primavera Verão 2007/2008* - Ferreira Guimarães (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).



Figura 52: CD Tendências Estamparia *Verão 2007/2008* - Ferreira Guimarães (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).

<sup>37</sup> A tradicional feira da indústria têxtil brasileira, organizada pela Alcântara Machado, apresentou a partir deste ano, novo visual, com a padronização dos estandes, ao estilo das feiras europeias em que a grande vedete é o produto e não a arquitetura dos espaços. Dentro das novas propostas, também incluiu a apresentação dos desfiles com tecidos dos expositores.

A Ferreira Guimarães, no século XX, investiu de forma intensa no desenvolvimento de novos produtos e na pesquisa das tendências, realizando diversas viagens aos centros de moda, feiras e exposições e inovando em cores, texturas e estampas têxteis.

No Caderno de Tendências Verão 1990/1991 da Companhia, o texto apresenta:

O mundo e a moda caminham juntos. Derrubam muros, mudam de posições, repensam seus valores. A Ferreira Guimarães, após uma pesquisa feita internacionalmente, não revela somente as tendências e padrões do Verão 90-91. Revela também as próprias tendências mundiais. A preocupação com a ecologia, com as culturas primitivas e a nostalgia dos bons tempos. Sempre deixando o sol do verão aquecer os ânimos e trazer a alegria de volta. Por isso, do ecológico ao retrô, do solar ao tribal, a Ferreira Guimarães apresenta o mundo e a moda para você. Vire as páginas e descubra<sup>38</sup>.

No desenvolver de todo seu trabalho, a empresa também deixou no caminho as marcas de sua passagem na história da moda brasileira. Através dos tecidos, das estampas e das cores podemos descobrir as linhas que compõem a trama desse desenho e definem a trajetória da Ferreira Guimarães. Cores e desenhos que ficaram na história... E que jamais serão esquecidos.

---

<sup>38</sup> Texto retirado do Caderno de Tendências Verão 1990/91 da Companhia Têxtil Ferreira Guimarães.

### **CAPÍTULO 3- A FERREIRA GUIMARÃES COMO PATRIMÔNIO: As tramas do tecido na formação das linhas da Memória e da História**

Ao criar com as mãos, ao organizar o universo visível, o homem está estruturando a própria realidade<sup>1</sup>.

As escolhas feitas pelo ser humano definem as linhas de percurso da vida, os caminhos que determinam no desenrolar desta construção. A linha é o fio condutor de uma ideia ou palavra, de uma história. Fazendo um paralelo com a nossa vida, nossas escolhas definem o desenho que traça a linha da nossa história. Cada linha se transforma em uma história de vida que, em contato com outras vidas, constroem uma teia de relacionamento, um tecido que se modifica a cada instante. Neste tecido a tela é formada pelas linhas individuais e coletivas que tramam a história. Os pontos de contato entre as diversas linhas individuais e/ou coletivas constituem os nós, o elo, a união de pensamentos e ações que vão delineando o contorno da evolução histórica de cada época.

Assim, nas reflexões de Marcos Olender:

Estes nós, estes pontos/encontros, são fundamentais no ofício do historiador, pois consideramos que o trabalho deste assemelha-se, ou pelo menos deve assemelhar-se, ao daquele que faz as tramas dos tecidos, as rendas e os bordados<sup>2</sup>.

As formas e tramas que evoluem das linhas constroem, através da união de seus pontos, um desenho e um ritmo que se incorporam à evolução de cada história. Nessa construção, cada escolha passa a definir um traço do desenho e a constituir um elo entre a memória e a história de uma vida. Uma analogia que se estende até o conceito do que é relacionado ao que as mãos criam e traçam (ou trançam) e ao desenho que se transforma. Estão lá as palavras e o sentimento que simbolizam o motivo de sua existência.

Conforme questiona Maurice Halbwachs:

Se bem que a sociedade se assemelhe a essas tramas de fios obtidos passando um sobre o outro, de modo que eles escalonam regularmente, numa série de fibras

---

<sup>1</sup> KLINTOVITZ, Jacob. *Trançado Brasileiro. Projeto Cultural Rhodia*. São Paulo: Raízes Artes Gráficas, 1985, p. 36.

<sup>2</sup> OLENDER, Marcos. *Ornamento, ponto e nó: da urdidura pantaleônica às tramas arquitetônicas de Raphael Arcuri*. Juiz de Fora: FUNALFA/Editora UFJF, 2011, p. 15.

animais ou vegetais, ou de preferência, no tecido, que resulta do entrecruzamento de todos esses fios. É verdade que o tecido de algodão ou seda se divide e que as linhas de divisão correspondem ao objetivo de um modelo ou de um desenho. Será que acontece isso mesmo na sucessão de gerações?<sup>3</sup>

E, além disso, o foco sempre muda. Muda dependendo do indivíduo e do coletivo. Depende da vivência e do tempo. Tempo que existe (ou existiu) para viver e reviver, ainda ter motivos para lembrar. Existem motivos enquanto as pessoas que valorizam o feito e o vivido ainda existem. São elas que podem fazer a narrativa, contar a história. Por isto, a memória é herdada<sup>4</sup>. A memória é uma linha contínua, cuja construção se faz sempre no presente. No ponto onde termina, pode começar a história. “É porque geralmente a história começa somente no ponto onde acaba a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social<sup>5</sup>”; pontua Halbwachs. A memória faz a história de hoje.

Porém, se a memória é contínua, precisa de que existam elementos na história para que ela possa ser mantida presente, passada de geração em geração, como se o desenho se repetisse. As tramas do tecido da vida utilizam o objeto gráfico para contar a história ou, como nos mostra Violet Morin, o objeto biográfico<sup>6</sup>. Neste sentido, a memória é mantida através dos objetos, das pessoas e das histórias, relíquias de uma tradição, guardadas por aqueles que a conhecem e fazem ou fizeram parte dela.

Marcos Olender esclarece:

Porque essas estampas, como todas as estampas, tramas têxteis e bordados, nunca param de serem “trabalhadas” pelo processo histórico, ou seja, continuam sendo esgarçadas, desbotadas, rasgadas, cozidas e recozidas no desenrolar das diversas tramas e urdiduras dos contextos. E, conseqüentemente, é o que acontece, também, com os nossos bordados-escritos históricos. Bordados e tecidos que sempre são um pequeno segmento de outros bordados e tecidos com os quais compartilham os mesmos fios e, muitas vezes, as mesmas tramas e texturas<sup>7</sup>.

Por isso, a linha que trama a vida é a mesma que traça o desenho, escrevendo a história nas páginas do tempo, através das palavras, das imagens, das construções, dos estilos, dos ornamentos e da arquitetura.

<sup>3</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 87.

<sup>4</sup> Id., p. 51-56.

<sup>5</sup> Ibid., p. 85.

<sup>6</sup> MORIN, Violette. *L'objet biographique*. *Communications*, 1969. Volume 13, p. 131-139.

<sup>7</sup> OLENDER, Marcos. *op. cit.*, p. 19.

### 3.1- MEMÓRIA DO COTIDIANO E DO TRABALHO TÊXTIL: Lembranças de antigos funcionários da Ferreira Guimarães na construção da memória social e afetiva

O grupo é o suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado<sup>8</sup>.

A história da Ferreira Guimarães, como vimos, incorporou indústrias que a antecederam em Juiz de Fora. Obviamente, as relações de trabalho e o cotidiano fabril que a definem, ao longo de todos esses anos, não ficaram isentos de vivenciar grande parte dos problemas, enfrentados especialmente pela classe trabalhadora, assim como a utilização de práticas de domínio capitalista para o seu crescimento.

Mas durante esse tempo, o cotidiano do trabalho fabril passou também por evoluções, que foram alcançadas através de reações, mobilizações e lutas por melhorias, tanto nas condições de trabalho como de vida em geral. Essa construção histórica e a vivência desse cotidiano servem como pano de fundo para delinear as marcas e as lembranças que ficaram para todos os que conviveram com esta história, funcionários da empresa que participaram dessa construção, especialmente a partir do século XX.

Nesse sentido, é importante lembrar, que essas pessoas que nos contam suas histórias em relação à Ferreira Guimarães tiveram uma relação intrínseca com a empresa. São pessoas que, em primeiro lugar, escolheram a Ferreira Guimarães como local de trabalho, ou, pelo menos, optaram por permanecer na empresa no decorrer de suas vidas. E que, justamente por valorizar o feito, procuram ressaltar os fatos ou situações que venham justificar o valor da empresa e a sua própria escolha de vida. Afinal, a maioria dessas pessoas dedicou grande parte de suas vidas ao trabalho na Ferreira Guimarães. Assim, “lembrar agora é fazer<sup>9</sup>” e reviver através da lembrança a história vivida.

A lembrança de cada pessoa, de cada funcionário, ao falar da empresa, aparece carregada dos aspectos positivos, dos motivos que se constituíram permanentes escolhas de manutenção do seu trabalho na empresa. Motivos que contêm uma grande carga afetiva e sentimental. Histórias pessoais, familiares e profissionais que se entrelaçam.

---

<sup>8</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 414.

As palavras de Cristina Sirimarco demonstram esse pensamento: “Afinal, estamos aqui pra lembrar das coisas boas da Ferreira Guimarães, né? Deixem que outros falem mal... Se nós ficamos lá por tanto tempo, é porque não era tão ruim assim<sup>10</sup>...”

Sem dúvida, existiram problemas. Sempre existe. Nesta mesma fala do depoimento citado anteriormente, está implícito que havia conflito e que nem todos os ex-funcionários compartilhavam da mesma visão em relação à empresa. Mas ficou perceptível também a importância da escolha de se “lembrar das coisas boas” em detrimento do que poderia ser “tão ruim assim”, justificada pelo tempo de permanência na Companhia.

O conceito de nostalgia, no qual prevalece a visão da existência de um passado sempre melhor do que o presente e também do que o futuro, surge então, como aspecto que faz selecionar e trazer à tona as lembranças passadas de vivências felizes, sendo ainda um motivo para explicar a ausência de conflito nos depoimentos.

A recordação traz também um caráter de companheirismo, simbolizado nas palavras de muitos entrevistados ao dizer que a empresa para eles, era como uma grande família. A “Família Ferreira Guimarães”. Esse sentimento ou a percepção dessas pessoas em relação à fábrica, possivelmente possa ser um dos maiores motivos da escolha em permanecer na empresa por tanto tempo.

No dia treze de outubro de 1966, Marilza Cioni iniciou seu trabalho na Companhia Industrial Mineira. Entrou, primeiramente, no setor de espuladeira, que era a seção que fazia os cones dos fios para a tecelagem, passando depois para o setor de expedição. Foi telefonista e trabalhou também no setor de Varejo de Tecidos, sendo transferida posteriormente para o Escritório Contábil, onde permaneceu até 2007, quando se desvinculou da empresa, completando quarenta anos e quatro meses de trabalho. Através de seu depoimento podemos perceber claramente a existência da tradição familiar de se trabalhar na Companhia, as vantagens e os benefícios decorrentes disso, inclusive com evidências sobre a naturalidade com que o trabalho infantil era visto, e sobre a ideia de que todos formavam uma grande família.

É com muito prazer e emoção que eu falo sobre toda a minha trajetória na Cia. Têxtil Ferreira Guimarães (...) que primeiramente era Cia. de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira e em novembro de 1974, qualquer coisa assim, se não me falhe a

---

<sup>9</sup> Id., p. 480.

<sup>10</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Cristina Sirimarco em 26 de julho de 2013.

memória, houve a incorporação para a Cia. Têxtil Ferreira Guimarães, que já era dos donos, que era uma companhia de capital aberto e que foi uma época, assim, gloriosa. Com muitos funcionários, normalmente... Ali era uma empresa familiar que os pais tinham um prazer enorme levar os filhos. Era uma sequência, de pai pra filho e eu tive lá... saí em 2007, completando quarenta anos de trabalho e quatro meses. E foi, pra mim, um aprendizado de uma vida inteira, passei por vários setores, que me deixaram muito boas recordações. Minha vida toda eu passei lá. Fiquei em conjunto com uma grande família que era a Cia. Têxtil Ferreira Guimarães. Nós éramos uma grande família! Todos, amigos. E o lado profissional, eles davam oportunidade, os donos da empresa, a estrutura administrativa da empresa, das pessoas começarem do maquinário, irem melhorando de acordo com as suas estruturas e o profissional, o profissionalismo, ir aprendendo, estudando. Eles davam oportunidade pra gente poder melhorar. Foi o que aconteceu comigo. Cheguei a ser procuradora da empresa. (...) Fui chefe do Escritório Contábil, tinha acesso direto com fornecedores, com fiscalização, com a parte contábil da empresa, com a administração toda que era feita no Escritório Central do Rio de Janeiro, e foi uma época gloriosa pra mim, eu fui muito feliz lá. Tenho ótimas recordações! Foi um grande orgulho pra mim, porque eu vim de uma família que houve todo um histórico familiar lá dentro da empresa. Meu pai trabalhou lá por quarenta e seis anos, ainda na época da Industrial Mineira. Foi chefe da Oficina Mecânica, meu pai entrou lá, ele tinha oito anos de idade! Ele é de 1901... (risos) Ele tinha sete anos de idade quando ele entrou pra poder fazer limpeza. As crianças trabalhavam naquela época! Então, tive irmãos, quatro irmãos que trabalharam lá. Eu fui a última. Existe um vilarejo perto da fábrica que os proprietários davam preferência aos funcionários da Ferreira ou da Industrial Mineira, né? Que tinham chefias, responsabilidades. E eu nasci em uma das casas da Ferreira Guimarães que o meu pai morou por muitos anos, mais de trinta anos. Então, tinham belas festas no Clube, tinha um Clube de Futebol, belas Festas Juninas e desde que eu nasci e comecei a me entender por gente eu estava lá dentro, como filha de funcionário e depois, funcionária. Uma trajetória grande, né? E saí aposentada. Aprendi muita coisa. Tudo que eu soube na vida, do lado profissional, além do estudo que eu procurei me empenhar e me dedicar, foi lá dentro. Tive uma trajetória lá muito feliz<sup>11</sup>!

Este tipo de tradição familiar, em que a trajetória profissional permeia caminhos iniciados pelos antepassados, foi uma prática comum nas histórias contadas por funcionários da Companhia. As pessoas, desde funcionários, familiares, e até mesmo clientes, fornecedores e amigos, que ao longo deste tempo, fizeram a empresa crescer e ajudaram a construir a história da Companhia Têxtil Ferreira Guimarães, podem ser consideradas como uma das maiores relíquias desta história.

História que se entrelaça com a dessas mesmas pessoas. Algumas que vieram para Juiz de Fora desde o século passado, como imigrantes. Como Domingos Sirimarco e Maria da Conception Consentino Sirimarco, italianos que vieram para a cidade e têm grande relação com a história da Companhia.

Domingos Sirimarco foi admitido na Cia. de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira em 1940 como Mestre Pedreiro, onde se aposentou em 1958. Ele e sua esposa, Maria da

---

<sup>11</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Marilza Cioni em 17 de janeiro de 2014.

Conception, também residiram em uma das casas da Companhia. Após a morte de Domingos, sua esposa continuou morando na mesma casa com familiares: o seu filho Rubens Sirimarco, esposa e filhos e sua filha Haidée Sirimarco. Estes, a pedido da fábrica, tiveram que deixar a casa apenas após a morte de Maria da Conception Sirimarco.

Rubens Sirimarco também trabalhou na Companhia, por mais de 30 anos, onde se aposentou. Casou-se com Zita Coelho Sirimarco e, dos seus três filhos, Maria Cristina, Regina Célia e Marcelo, dois também trabalharam na Companhia por bastante tempo.

Maria Cristina Sirimarco, mais conhecida como Cristina Sirimarco, entrou para trabalhar no escritório da Industrial Mineira em 1974, após ter concluído o curso para professora, antigo Normal, mas pouco tempo depois passou a ser uma das telefonistas da Companhia, onde se manteve até o ano de 2007. Em seu depoimento, disse que passou por vários tipos de aparelhos de telefone e ainda pegou aquela época em que, para se falar para outra cidade, tinha que pedir a telefonista para ligar... “Para falar com a fábrica da Ferreira Guimarães em Valença, era uma dificuldade. Já para Barbacena e o Rio era mais fácil, mas mesmo assim”... Depois foi passando, veio o DDD, foi cada vez mais evoluindo “e eu peguei esta evolução toda do telefone.” Quando houve a alteração do nome da Companhia, em novembro de 1974, ela disse ter sido orientada para, ao invés de dizer “Industrial Mineira” quando fosse atender ao telefone, falar “Cia. Têxtil Ferreira Guimarães”.

No depoimento, ela disse também que as lembranças, os nomes das pessoas que trabalharam na Companhia, e até os números dos telefones de alguns funcionários, ela ainda sabia de cor. Os casos, engraçados ou tristes, e os dias que ficaram marcados na história iam surgindo com naturalidade. Tudo havia sido gravado como se ela estivesse falando de sua própria vida. E, de certa forma, era, realmente, a sua vida.

Ao falar sobre a Companhia, a Cristina também enumerou vários benefícios, muitos dos quais foram mencionados pelos outros depoentes:

A Ferreira fez tudo para os funcionários: Ela tinha médicos, dava consulta médica, dentária, cooperativa, Festa de Natal (Figuras 53 e 54), Festa Junina, futebol, Sessão de filmes (por mês, não sei), bailes. Ela era assim, muito à frente do tempo, era como se fosse hoje, proativa, é... trabalho em equipe. Claro que tinha os seus defeitos, é lógico, todo lugar tem, mas ela pensava nos funcionários. Os aposentados todo ano iam lá para pegar um corte de tecido, todo fim de ano eles ganhavam. Ela nunca esquecia de ninguém. Desde que eu entrei na fábrica era assim. Ela dava casa para os funcionários morarem, como nós moramos. A gente pagava uma valor pequeno, irrisório, mas nem luz a gente pagava. Só depois de muito tempo chegou uma conta de luz...nem conta de luz nem de água. Eu acho que era uma indústria que



estava muito à frente de muita indústria por aí. Depois começou a fornecer almoço, ticket alimentação. Ela pensava em tudo<sup>12</sup>.



Figura 53: Festa de Natal 1977 – Entrega da Cesta de Natal na CTFG – Fábrica de Fiação e Tecelagem (Fotos cedidas por Cristina Sirimarco).



Figura 54: Festa de Natal 1988 na CTFG – Unidade de acabamento CGF (Foto arquivo Ferreira Guimarães).

Leci Teixeira contou em seu depoimento, que começou a trabalhar na Ferreira em julho de 1975, com quinze anos, e como ela disse:

A Ferreira passou a fazer parte da minha vida, porque a minha adolescência, né, foi lá dentro, o círculo de amigos. Na época, a Ferreira tinha promoção de esportes,

<sup>12</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Cristina Sirimarco em 26 de julho de 2013.

tinha jogos de vôlei, de queimada, futebol e a gente fazia parte desses grupos de intercâmbio com as outras fábricas, com as outras malharias<sup>13</sup>.

Leci começou no Setor de Expedição, trabalhou muitos anos preparando amostras de mostruário para vendas, embalando tecido, cortando e avaliando. Segundo ela mesma disse, na expedição, trabalhou em todos os setores, menos maquinista, porque era somente homem que trabalhava, mas do serviço feminino, ela participou de todos eles. Depois, foi trabalhar na tinturaria, que era ao lado de onde hoje é a chaminé da caldeira, ainda na fábrica antiga. Foi transferida para a tinturaria para facilitar os estudos, porque passou para o horário das 5h às 13h20min, fazia estágio em hospital à tarde e estudava enfermagem à noite. Na tinturaria, auxiliava a fazer os testes, como um treinamento para a futura ampliação da tinturaria, que existiu após a instalação da Acabadora. Paralelo a esse trabalho, fazia também o controle do consumo de pigmentos, de material que usava na tinturaria, junto ao Departamento de Controle e acompanhava o trabalho de laboratório. Houve também outra época, talvez por volta de 1977/1978, em que ela foi escolhida, junto com outros dois companheiros, o Alair e o Joviano, para fazer inspeção de fios para exportação. Foram as primeiras etapas de exportação de fios da fábrica e foi nessa oportunidade que ela conheceu o Antônio, porque ele trabalhava no Departamento de Controle e passava para fazer os testes.

Nessa época, eu tive a oportunidade de conhecer as pessoas que trabalhavam na fiação e na tecelagem. Porque a gente trabalhava entre um setor e outro, aí, a oportunidade ampliava também a amizade, o conhecimento, fazer parte das muitas fofocas que aconteciam lá na empresa, as brincadeiras, a gente se lembra de cada um daqueles companheiros que fez parte desse período assim, bastante alegre que a gente participava<sup>14</sup>.

Depois, a Leci e o Antônio Teixeira foram transferidos para a Acabadora, ficaram noivos, casaram-se e veio a primeira filha.

Tudo nesse processo, eu trabalhando no Setor de Custo e participando dessa vida da Ferreira Guimarães. Aí tinham as confraternizações anuais, mas tinham as nossas confraternizações internas também, aniversários, amigo-oculto, a gente participava muito junto. E dessa forma a gente fez parte da Ferreira Guimarães<sup>15</sup>.

Após o nascimento da segunda filha, em 10 de fevereiro de 1989, em homenagem ao aniversário do Antônio, Leci saiu da Ferreira, porque era inviável cuidar das duas filhas e

---

<sup>13</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Leci Teixeira em 22 de janeiro de 2014.

<sup>14</sup> Id..

<sup>15</sup> Ibid..

trabalhar. Havia o propósito de voltar, esse era o combinado, mas como a Ferreira Guimarães começou a modificar o seu panorama, a ter as quedas, ela nem tentou voltar para o trabalho. “Continuei convivendo com os companheiros, com as pessoas, e, até hoje, quando encontramos aí, Antônio Aparecido pelo caminho, as pessoas que a gente convivia, são histórias e mais histórias pra gente relembrar e vivenciar, né<sup>16</sup>?”

Um diferencial no depoimento de Antônio Carlos Teixeira, o que chamou a atenção foi a importância com que o mesmo referiu-se ao número do registro de funcionário da Ferreira Guimarães, quando disse: “Até hoje, eu sei o número do meu registro de cor, mas não sei minha identidade e o número da minha carteira de trabalho, por exemplo.” O que significa que a sua relação com o trabalho era tão intensa, que a sua vida estava imersa na Companhia.

Outra coisa diferente também, Antônio Teixeira lembrou-se:

Ajuntavam as famílias, no final de ano, às vezes, porque tinham as cestas, que a gente recebia de Natal (Figura 55). E ano sim, ano não, tinha-se um cheque que era proporcional a um abono, mas que depois isso foi sendo cortado. Nós ganhávamos também cortes de tecido, né, e era assim, uma disputa pra ver quem é que ganhava a estampa que queria, né? Às vezes, fazíamos troca entre os cortes que a gente recebia e tudo, porque era uma festa! Às vezes eram cestas, duas, três cestas de Natal, mais o peru, que, às vezes, ficava difícil o funcionário carregar, então com isso, vinha os familiares pra auxiliar, pra carregar... Temos histórias engraçadas de peru que caía no meio da areia, era muito divertido<sup>17</sup>!



Figura 55: Antônio Carlos em Festa de Natal na Ferreira Guimarães – Fábrica de Fiação e Tecelagem (Foto cedida por Antônio Carlos Teixeira).

<sup>16</sup> Ibid.

Neste momento, Antônio é interrompido por sua esposa Leci, que ressaltou:

Eu estava lembrando quando o Antônio falou, além dos eventos, foram as melhores quadrilhas dançadas com os funcionários. Era uma casa, as festas eram no clube do trabalhador, as quadrilhas eram muito bem ensaiadas, todo mundo se empenhava nesses eventos. Além dos desfiles, tinham essas comemorações, formavam-se muitas excursões pra ir pras cidades históricas, pra outros lugares também, e funcionários da Ferreira, juntos, né? Então, assim, essas festas também a gente marca que eram muito boas<sup>18</sup>!

Lúcia Helena Oliveira começou a trabalhar na Ferreira Guimarães em 1987, permanecendo até o ano de 2007, completando vinte anos de atividades na empresa. “Foi uma época muito feliz da minha vida porque, graças a Deus, tudo que a gente conquistou: as amizades, o nosso lar, foi com o trabalho da Ferreira Guimarães”. Iniciou suas atividades na Sala do Pano, trabalhando das 5h às 13h20min, passando depois para o Setor de Amostras, onde trabalhou dezenove anos, vindo posteriormente a se tornar responsável pelo setor.

Na época que eu trabalhei na Sala do Pano foi uma experiência muito agradável, porque era um ambiente familiar, acima de tudo, as pessoas se gostavam, né? Tinha aqueles probleminhas próprios do ser humano, mas tinha um diferencial, porque na Ferreira Guimarães a gente era uma família e quando falava de Ferreira Guimarães, a gente falava como se a gente fosse dono da Ferreira Guimarães, né? Porque a gente não falava ‘O patrão’, isso não, a gente vestia a camisa mesmo, e foi uma época muito gostosa da minha vida. Foi aonde eu aprendi a valorizar a amizade, a dividir a responsabilidade. Ah, conheci meu marido (risos), o Carlinhos. Onde eu conheci o Carlinhos. E meus melhores amigos também eu conheci na Ferreira<sup>19</sup>.

Carlos Augusto Oliveira iniciou suas atividades na Ferreira em 1988, seu segundo emprego, após ter trabalhado cerca de um ano em outra firma. Começou no setor de Expedição, despachando mercadoria. “A Ferreira era uma empresa assim, eu acho que ela dava oportunidade do empregado subir, de progredir dentro da própria empresa.” Foi o seu caso, pois após alguns anos, foi transferido para o Setor de Faturamento, no qual ficou aproximadamente seis anos. E depois, mais no final, passou para o Departamento de Pessoal, onde encerrou seu ciclo na Ferreira Guimarães.

Ao longo desse período todo, como a Lúcia mesmo já mencionou, nós nos conhecemos, acho que assim como outros... Também se formaram muitas famílias ali. A gente ouviu histórias de gente que trabalhou lá e construíram sua vida com um certo patrimônio, devido ao fato de ter trabalhado na Ferreira. (...) Enfim, foi um

---

<sup>17</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Antônio Carlos Teixeira em 22 de janeiro de 2014.

<sup>18</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Leci Teixeira em 22 de janeiro de 2014.

<sup>19</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Lúcia Helena de Oliveira em 23 de janeiro de 2014.

período feliz das nossas vidas, onde a gente deu um passo importante nas nossas vidas, nos casamos, foi um período feliz enquanto a gente estava lá<sup>20</sup>.

Sérgio Neumann iniciou na Ferreira Guimarães como engenheiro contratado, assumindo pouco tempo depois, a gerência da unidade de Fiação e Tecelagem. Segundo ele, encontrou conhecidos na fábrica que eram até meio parentes, que tinham, inclusive, ligações familiares. “Então, a fábrica tinha isso, como era um troço gigantesco, havia uma interligação muito grande familiar, entendeu?” Ao comentar sobre este período em seu depoimento, lembrou também dos momentos de crise internos, desde greve<sup>21</sup>, com reivindicações da categoria, a problemas diversos, inclusive operacionais. Eles existiram, mas apesar disso, as lembranças que ficaram foram boas.

Foram sete anos, com um relacionamento espetacular. De 1985 até 1992, como gerente da Fábrica I. Claro, as pessoas, o relacionamento das pessoas com a fábrica, sempre muito cordato. Tinha... Discutia-se muitas coisas. Tinha, teve greve, teve problema, discussões gerais, sindicato, eram os problemas da categoria como um todo, não especificamente dos funcionários<sup>22</sup>. Tinha-se problemas internos? Tinha problemas internos. A fábrica era antiga. Tinha muita dificuldade, teve muita coisa que dava trabalho. Era uma fábrica de sete níveis diferentes. Imagina movimentar matéria, matéria-prima, oito toneladas de algodão todo dia, dez toneladas de algodão todo dia, de diversas formas, em todas as direções? Subindo e descendo sete vezes,

<sup>20</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Carlos Augusto Oliveira em 23 de janeiro de 2014.

<sup>21</sup> Segundo Marco Aurélio Santana: “A década de 1980, caracterizada pela abertura política (em que o regime militar implantado no país em 1964 ia dando seus últimos suspiros) e pela transição para o regime democrático, pode ser considerada um período de ressurgimento, mobilização e ascensão do movimento dos trabalhadores, reintroduzindo este importante ator na cena política nacional. Já a década de 1990, marcada pelas mudanças econômicas que abriram a economia brasileira e intensificaram o que se convencionou chamar de reestruturação produtiva, se caracteriza, para o movimento dos trabalhadores como época de arrefecimento em termos mobilizatórios e reorientação de práticas e estratégias”. SANTANA, Marco Aurélio. “Trabalhadores em movimento: o sindicalismo brasileiro nos anos 1980-1990”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs.) *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 285. (O Brasil Republicano; v. 4). Também de acordo com Eduardo G. Noronha, “o ciclo excepcional de greves ocorrido recentemente no Brasil vincula-se às características da transição democrática brasileira, à superação do modelo desenvolvimentista e a um ambiente macroeconômico excepcionalmente instável. A redemocratização brasileira ocorreu sob governos com políticas públicas bastante diversas, polêmicas, por vezes radicalmente heterodoxas, gerando expectativas e oportunidades de ganhos em todas as classes e segmentos sociais”. NORONHA, Eduardo G. “Ciclo de greves, transição política e estabilização: Brasil, 1978-2007”. In: *Lua Nova*, São Paulo, 76: 119-168, 2009, p. 120.

<sup>22</sup> Conforme Eduardo Noronha: “O primeiro *grande ciclo de greves* (como passaremos a denominá-lo) durou cerca de 20 anos e está subdividido em três fases: a primeira, de expansão (1978-1984); a segunda, de explosão das greves (1985-1992) e a terceira, de resistência e declínio do ciclo (1993-1997)”. NORONHA, Eduardo G. Id., p. 121-122. As greves citadas no depoimento de Sérgio Neumann podem ser incluídas nesta segunda fase, de acordo com a definição do referido autor, ocorrida durante os governos Sarney (1985-1989) e Collor (1990-1992). No período em questão, para o mesmo: “A partir de 1985, o conflito passou a ser, fundamentalmente, entre cada sindicato de empregados e as empresas ou sindicatos patronais. (...) Mais tarde, com a nova Constituição de 1988, o direito de greve foi reafirmado. Enquanto nos anos anteriores os trabalhadores readquiriram cidadania política pela sua capacidade de pressão, não legitimada pelo Estado, a partir do governo Sarney as lideranças sindicais firmaram-se como interlocutores válidos do governo. Com as greves, consolidou-se um novo padrão de relações entre empregados e empregadores no Brasil, e abriu-se o caminho para a disseminação da negociação e a redução do poder discricionário dos empregadores”. NORONHA, Eduardo G. Id., p. 133.

três vezes pra cima e quatro pra baixo, ziguezagueando assim, sobe, desce dois, sobe mais um, desce mais um, porque era: depósito de algodão, pré-fiação, fiação, subia, pré-tecelagem, urdideira, descia uma unidade, urdideira, engomadeira, descia mais um, tecelagem, subia de volta, sala do pano, entendeu? Era muito difícil, era complicado o layout, porque a fábrica era muito antiga, ela foi feita, teve um crescimento orgânico, à medida que foram crescendo as máquinas, crescendo os espaços, foi-se anexando áreas<sup>23</sup>.

Nessa época, Sérgio Neumann também acompanhou a instalação da estação de tratamento de água, ao mesmo tempo em que cuidava da gerência de todo aquele conjunto fabril. Aproximadamente em 2005, desvinculou-se da fábrica, encerrando, com isso, um ciclo de vinte e um anos de história.

O que aprendi, e como isto afetou na minha vida: Primeiro, foi um excelente aprendizado. Na indústria têxtil, é uma indústria muito competitiva, você está sempre aprendendo alguma coisa. (...) Como engenheiro civil, era um horizonte novo para mim, bastante divertido, bastante interessante, e a indústria em si, ela é muito bonita, né? A indústria têxtil é muito bonita, porque, você transformar do algodão a um tecido acabado... é um negócio assim, que dá um, é toda uma transformação muito grande. Então, isso foi muito agradável pra mim. A empresa sempre foi muito favorável comigo, mas favorável no sentido é, sempre foi muito cordata. Apesar das dificuldades, de todas as dificuldades, teve períodos que a gente discutia e brigava muito, teve período de brigar muito, teve períodos difíceis, às vezes não compreensão de um lado, ou não compreensão do outro, isso faz parte de todos os relacionamentos humanos, mas num conjunto, ou numa visão geral, foi um grande aprendizado. Foi extremamente agradável pra mim, trabalhar lá. Eu gostava de trabalhar lá. Talvez em alguns, vários momentos... Houve oportunidade em outros setores, outras áreas. Optei por ficar lá por gosto, por lidar com gosto. Tanto o conjunto de pessoas, quanto a empresa como empresa, a parte física dela era muito agradável e as pessoas também são muito agradáveis. A gente discutia, discutia muito, e eu brigava, eu briguei muito! (risos) Eu brigava muito, por opiniões minhas e tudo e tal, mas, era uma vantagem na empresa pra mim, porque eles eram, toleravam. (...) Por isso é que era agradável trabalhar, entendeu? É duro, foi duro, exigia muito? Exigia muito. Mas todo trabalho exige<sup>24</sup>.

Todo trabalho exige. Mas quando existem motivos, gerados ou não por estratégias empresariais, além de outros fatores, principalmente psicológicos e sentimentais, que neutralizam essas exigências, que compensam os pesares, fica mais fácil trabalhar. Por isso, os conflitos e/ou as vozes dissonantes (ou divergentes) apontadas pelo entrevistado parecem ser compensadas para ele. Apesar das exigências ou do volume de trabalho, em seu depoimento, Neumann afirmou ter optado por ficar na empresa “por gosto”... O sentido familiar, o companheirismo, as pessoas, sempre são citados por todos os entrevistados como pontos de reforço para a valorização do trabalho na Ferreira Guimarães. E, para os que tiveram escolha, a opção de permanecer na empresa pode ter tido a influência destes aspectos.

<sup>23</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Sérgio Luiz Neumann em 21 de janeiro de 2014.

<sup>24</sup> Id.

Isto se torna muito claro quando, a partir da década de 1990, os funcionários têm que se deparar com uma crise e a possibilidade, depois confirmada, do fechamento de uma das unidades fabris da empresa. Sentimentos como perda e decepção são perceptíveis nos diversos depoimentos. E até mesmo após a falência da empresa em 2007 e a sua drástica redução das atividades, com a manutenção dos serviços apenas na unidade de Acabamento, funcionando com poucos funcionários e como massa falida.

Lúcia Oliveira ressaltou, referindo-se ao período em que a fábrica de Fiação e Tecelagem havia sido fechada, no ano de 1995:

Eu lembro que foi um baque muito grande, porque como eu já falei, na época que a gente ia receber décimo terceiro salário e pagamento, às vezes, você ficava na fila muito tempo, porque eram mais de mil funcionários. Então, a gente sentiu, não só com o fechamento da fábrica, né? Daquela unidade, mas por causa dos companheiros da gente, de trabalho, mesmo que tinha pessoa, às vezes, que você nem conhecia direito, mas mexeu muito com a gente. E o que o pessoal ia comentando quando começou a tirar também as máquinas, então, foi como se... Que a gente estava começando a perder parte também da história da vida da gente. Porque ali na Ferreira era uma família, era uma grande família, né? Porque quando você se lembra de Natal, que vinha o Natal, que tinha aquela festa ou era uma missa, ou pra você ir lá receber a cesta. Nossa! Aquilo ali eu nunca vi em lugar nenhum, né? Então, eu acho que quando fechou foi muito triste, muito triste, mesmo<sup>25</sup>.

Ao mesmo tempo, a aceitação e o conformismo são perceptíveis em vários momentos dos depoimentos. Cristina Sirimarco sentenciou:

E em matéria de tecnologia também, toda tecnologia que aparecia nova, a Ferreira também ia lá e abocanhava. Por exemplo, naquela época apareceu o telex... comprou. Depois apareceu o fax... também comprou. E assim sucessivamente. Ela nunca ficava pra trás. Era uma fábrica... Ela tinha tudo pra dar certo, não tinha? Ela tinha tudo pra continuar, porque era uma empresa muito bem organizada. Mas a gente nunca sabe o que é que há por trás, então, a gente não pode julgar, nem condenar, nem nada... Porque a gente não sabe, né<sup>26</sup>?

E ainda lembrou-se sobre o fechamento da Fábrica de Fiação e Tecelagem, conhecida internamente e denominada entre os funcionários como “Fábrica de baixo”:

É realmente, quando fechou lá embaixo, foi uma surpresa pra nós, porque ninguém esperava. Então, eu trabalhava como telefonista e eu ficava justamente ali, no escritório, dava pra ver tudo, o pessoal, todo mundo indo, sendo chamados para ir no Departamento Pessoal para acertar as contas, encerrar na carteira profissional o trabalho deles lá. Muitos funcionários estavam, assim, prestes a se aposentar, outros estavam, entraram naquele mês pra trabalhar na Ferreira Guimarães e já estavam saindo... Nem aproveitaram a Ferreira, realmente. Então, pra eles, pouco assim,

<sup>25</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Lúcia Helena de Oliveira em 23 de janeiro de 2014.

<sup>26</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Cristina Sirimarco em 26 de julho de 2013.

importava, mas pra quem trabalhava há muito tempo, foi muito triste. Então, as pessoas passavam lá chorando, tristes, e como eu era telefonista eles iam lá, pediam pra ligar pras casas, pra avisar que foram mandados embora, que a fábrica estava fechando. Muita gente... É... Homens também chorando, foi uma coisa assim incrível realmente. Foi uma coisa muito triste, o pessoal saiu muito decepcionado, muito triste e foi uma leva grande de pessoas pra ser mandada embora, muita gente mesmo. Então, foi uma coisa que deixou uma grande tristeza pra todo mundo e hoje, até hoje, quando a gente encontra com alguém de lá da fábrica de baixo, todo mundo fala, todo mundo recorda muito daquela turma que era muito unida, tinha muita amizade entre os funcionários. Então, isso tudo marcou muito quem ficou lá muito tempo, principalmente.<sup>27</sup>

Robison Pedro Piazzzi, que como já foi falado anteriormente, iniciou suas atividades na empresa em 1953, quando ainda era Industrial Mineira, aposentando-se em 1982, ao final de seu depoimento, demonstrou estar inconformado com o fechamento da Companhia:

Essa é a história de lá. Foi uma grande firma. Foi mesmo. Eu trabalhei lá 29 anos, saí de lá, senti, porque eu tinha uma amizade muito boa lá dentro. Graças a Deus, sempre me dei muito bem lá, apesar do cargo que eu exercia lá, era um cargo meio bronco, mas sempre me dei bem com todo mundo, entendeu? E durante o tempo que eu trabalhei lá mostrei minhas qualidades. Fui chefe de departamento quase dez anos, fui presidente da cooperativa<sup>28</sup>, dois anos, não fui mais porque eu aposentei e tive que sair. Levantei a cooperativa!(...) De forma que, eu só posso falar bem de lá. A única coisa que eu falo com qualquer um, e falo e repito, é que, para mim, a firma não faliu por falta de dinheiro, faliu por falta de administração... Nem por falta de modernismo, porque era a fábrica mais moderna de Juiz de Fora. É tanto, que uma que era uma das piores, tá rodando até hoje... Por que é que a melhor não podia tá rodando, não é<sup>29</sup>?

O fato de se referir ao cargo que exerceu como responsável pelo setor de produção da Companhia como “meio bronco”, possivelmente tem relação com a disciplina e a cobrança que eram exigidas de um chefe sobre seus subordinados, principalmente no período de sua atuação nesse tipo de trabalho<sup>30</sup>. Apesar de ter trabalhado em uma época mais antiga na empresa, de 1953 a 1982, a lembrança que tinha da Industrial Mineira, era a de uma Companhia que buscava se atualizar com equipamentos modernos. Por isso, justifica o seu fechamento com uma provável falha na administração da empresa.

Marcelo Sirimarco, irmão da Cristina, trabalhou no Setor de Custos e também na parte de Controle de Produção da Ferreira Guimarães, tendo uma visão bastante abrangente de toda

<sup>27</sup> Id..

<sup>28</sup> COCRECIM – Cooperativa de Crédito da Companhia Industrial Mineira.

<sup>29</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Robison Piazzzi em 13 de janeiro de 2014.

<sup>30</sup> “Para se exercer o controle sobre os trabalhadores, existiam nas fábricas regulamentos internos que cerceavam quaisquer tentativas de expressão autônoma dos trabalhadores e que eram assegurados pelos contramestres. Tais regulamentos eram a expressão da vontade patronal”. NEDER, Carolina Barbosa. *Memórias que não se apagam: o cotidiano de lutas das operárias na Manchester Mineira (1890-1954)*. Dissertação de Mestrado. UFJF/PPGHIS. Juiz de Fora, 2010, p. 42.



a Companhia, não só da unidade na qual trabalhou. Em seu depoimento, teceu alguns comentários sobre os motivos que, segundo ele, levaram ao fechamento desta unidade fabril. Marcelo relatou que, com relação ao fechamento da Fiação e Tecelagem de Juiz de Fora, seu primeiro pensamento foi que a argumentação apresentada pela empresa, de que a unidade seria encerrada por uma estratégia industrial fazia sentido, visto que, a fábrica tinha uma estrutura, um fluxo produtivo não muito adequado para o funcionamento. Para otimização do processo industrial e a ideia de modernização da Cia. também, se faria a desativação da Fiação e Tecelagem e essa necessidade produtiva seria realizada pelas outras unidades de Fiação e Tecelagem, em Barbacena e Valença.

Realmente, além da estrutura operacional, estrutura de local mesmo, a fábrica de Juiz de Fora também tinha o maquinário mais obsoleto em relação aos outros. Por exemplo, os teares batiam em média 150 RPM enquanto que os de Barbacena batiam em média 566 RPM. Isso fazia com que nós acreditássemos que era uma estratégia industrial<sup>31</sup>.

Mas, por outro lado, disse que vendo todos aqueles funcionários ficando sem emprego, foi muito duro. Observava-se muita tristeza, muita falta de perspectiva, pois muitas famílias dependiam daquele emprego.

Trabalhei de junho de 1991 até agosto de 2007 e confesso que, quando eu saí mesmo, na hora que aconteceu o encerramento do meu vínculo com a Ferreira Guimarães, em agosto de 2007, por que eu optei por sair por via judicial, para tentar receber os meus direitos, eu senti muito, eu tive uma sensação de luto mesmo, na audiência. Na hora que terminou foi muito ruim, um peso. Um peso mesmo. Uma fase. Uma vida que você passa lá. São os contatos que você tem, as pessoas. E infelizmente, a empresa não prosseguiu. Mas eu só gostaria de dizer que a empresa Cia. Têxtil Ferreira Guimarães foi de suma importância para o desenvolvimento econômico e social de Juiz de Fora e toda a região. Para várias pessoas. Não só para essa parte, mas também para as pessoas. Várias famílias trabalharam na Ferreira Guimarães<sup>32</sup>.

As palavras de Marcelo Sirimarco demonstram um dos principais efeitos negativos do encerramento das atividades na Companhia. Apesar do componente emocional que também permeou outras falas, ele se lembrou da questão financeira. A importância da Ferreira Guimarães para o sustento de várias pessoas e famílias que, diretamente, recebiam salários e, indiretamente, se beneficiavam como prestadoras de serviços para a empresa.

---

<sup>31</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Marcelo Sirimarco em 26 de julho de 2013.

<sup>32</sup> Id..

Antônio da Paula Tertolino, também fez uma referência à questão econômica relacionada ao fechamento da Ferreira Guimarães, lembrando-se dos convênios existentes com o comércio da região. Tertolino completou quase 40 anos de serviço na empresa. Começou a trabalhar na Industrial Mineira, em 26 de fevereiro de 1974, no depósito de algodão e ainda trabalhava na Fábrica de Fiação e Tecelagem, quando a mesma fechou em 1995, mas foi transferido, na ocasião, para a Acabadora. Sentiu “uma tristeza grande, muita gente foi mandada embora, era uma fábrica grande, umas novecentas pessoas foram demitidas e todo o comércio da região foi prejudicado, pois tinham convênios com a farmácia”. Aposentou-se pela Ferreira Guimarães em 1999, mas ainda continuou trabalhando na fábrica. “Não esperava que acabasse a fábrica, nunca imaginou que ia fechar.”

Camilo de Lélis iniciou na Companhia em 1978, trabalhando na construção da fundação da fábrica de Acabamento de Tecidos. Desvinculou-se da mesma em 1999, com quase vinte anos de serviço na Ferreira Guimarães. Nos últimos anos, trabalhou na limpeza da Companhia, varrendo e limpando todos os setores, fazendo faxina nos banheiros e demais dependências da fábrica. Em seu depoimento, ao ser questionado sobre as lembranças do tempo em que trabalhou na Companhia, respondeu:

Foi um tempo bom. Quando eu vejo os amigos, os colegas na rua, eu sempre lembro de coisa boa. Nunca achei ruim da Ferreira, sempre gostei da Ferreira. Gosto até hoje. Quando eu vejo os amigos, então a gente lembra dos bons tempos, entendeu? A gente não tem nada contra a Ferreira, não. Eu sempre gosto de dizer que eu não queria que caísse não, entendeu? Eu queria que continuasse... (...) Eu saí de lá com umas boas amizades<sup>33</sup>.

A década de 1990 representou uma grande mudança no panorama político e econômico do Brasil, com a implantação do neoliberalismo e a internacionalização da economia, marcada pela abertura do mercado nacional aos produtos importados. Desde 1960, Juiz de Fora presenciou o fechamento de tradicionais e importantes indústrias têxteis locais. E a Ferreira Guimarães se apresentava como uma empresa sólida, devido ao número de funcionários e à pontualidade no pagamento, entre outros fatores, mantendo-se no mercado. Mas, a cidade que fora “Manchester Mineira” já havia perdido seu aspecto industrial...

Marcelo Sirimarco sentenciou:

---

<sup>33</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Camilo da Lélis em 04 de agosto de 2014.

Enfim, aconteceu mesmo de fato o encerramento e até então, a empresa parecia que estava caminhando bem. Só que, no final dos anos 90, mais precisamente em 97, final de 97, a fábrica, a Acabadora, unidade na qual eu trabalhava, sofreu o primeiro golpe com relação à mudança econômica, com relação à entrada dos produtos dos tigres asiáticos, produtos têxteis importados no nosso mercado, mercado nacional. E esse fato contribuiu muito pra um pouco do desgaste da indústria têxtil nacional. Porque era difícil pra competir em termos de custos com esses produtos que chegavam do oriente. Ficava muito difícil, não só pra Ferreira Guimarães, como para as indústrias têxteis em geral no Brasil, no país<sup>34</sup>.

Sérgio Neumann, que em 1992, foi gerenciar a fábrica de Valença, retornando para Juiz de Fora em 1997, para assumir a gerência da Central de Acabamentos Celso Gomes Filho, confirmou em seu depoimento a influência dessa política econômica no comércio têxtil. Neste período, em que ficou em Valença, a fábrica de Fiação e Tecelagem já havia sido fechada em 1995, mas não demolida, existindo ainda a unidade toda isolada.

Quando voltei em 1997, para trabalhar na Acabadora, foram sete anos de trabalho, desenvolvendo tudo, modificações em tudo, saindo de grandes lotes para pequenos lotes, com toda a modificação estrutural e industrial pela qual nós estávamos passando, e à medida que fomos desenvolvendo esse trabalho, já fomos sentindo o impacto econômico colocado pela abertura dos portos, a liberação das importações do Brasil. Começou a entrar produtos aqui no Brasil, de forma concorrente, desleal, eu citava sempre isso, que era um absurdo deixar chegar tecido aqui, com preços que você via que era mal, mal o preço do algodão. Não havia jeito de fazer mais barato! Ninguém conseguiria fazer mais barato aquilo, mesmo com mais incipientes, com mais coisa... Não tinha jeito. Aquilo realmente era um dumping mesmo, ou seja, era o chinês, quer dizer a China, que ao invés de vender o algodão, a China é a maior produtora de algodão, o segundo maior produtor de algodão, não sei, ao invés de vender o algodão puro, transformava ele em tecido ou em uma camisa e vendia quase que pelo preço do algodão, ou um pouquinho mais caro, o dobro do preço do algodão. Só. E a indústria disso tudo? Então, chegava aqui no Brasil, eu me lembro bem dos números, nós vendíamos o nosso pano a metro, a quatro reais. A camisa chegava aqui no Brasil por quatro reais! E lá da China! (risos) Fabricado lá, chegar aqui, distribuir, etc., etc., impostos, e tal, e isso tudo chegar aqui e ela ser carimbada por quatro reais? É, é... impossível! Então, contra essas dificuldades todas, neste momento, a Ferreira começou a tentar sair para a exclusividade, para a customização maior dos produtos, para em menos quantidade, tentar agregar maior valor. Lutou-se muito por isso, atendimento melhor, atender melhor, atender direto ao cliente, customização específica, para tentar fugir da briga da quantidade, da *commodity*, da quantidade. Mas, foi aquela luta toda, porque de qualquer maneira, a quantidade venceu a customização. Porque veio em 'tal' exagero, que, tanto que, ainda hoje, não tem uma roupa que você compre e olhe e não esteja assim 'Made in China' ou então 'Made in Thailandia'. Enfim, e a indústria nacional? A indústria nacional apanhou muito nesses anos, é... muito difícil! Foi ficando cada vez mais difícil e os custos operacionais, os custos estruturais das fábricas, começaram a ficar muito caros, muito caros! As empresas não conseguiam competir por causa desse agravamento dos custos nacionais, que cresceram muito, e ainda a competição de produtos internacionais, já prontos, chegando a preços muito baratos. (...) Isso eu acredito que afetou bastante o Brasil. Mais, especificamente, na indústria têxtil, que é uma indústria muito cara, uma indústria difícil, muito cara, porque ela é uma indústria muito extensa, de grandes equipamentos, equipamentos muito caros, então

---

<sup>34</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Marcelo Sirimarco em 26 de julho de 2013.

“você vê que houve um declínio e quando você entra nesse declínio, as dificuldades só aumentam”<sup>35</sup>...

Marcelo Sirimarco em seu depoimento veio complementar esta ideia:

Mas, acreditávamos que isso não abalaria tanto a Ferreira Guimarães, visto que era uma empresa com um nome sólido na área, no país. Era uma referência de indústria têxtil nacional e no final de 1997, houve o primeiro atraso de salários. Este fato foi marcante, porque até então, nunca se ouvia falar sobre atrasos de salários pra funcionários na Ferreira Guimarães, porque a Ferreira Guimarães sempre foi considerada uma empresa que honrava seus compromissos com os funcionários, não tinha atrasos, isso era conhecido na cidade inteira. Era um emprego estável, dentro da consideração de uma empresa privada, era um emprego estável<sup>36</sup>.

Com relação a este fato, no que se refere à visão da Ferreira Guimarães como uma Companhia que apresentava grande solidez nos pagamentos dos seus funcionários, pode-se dizer que praticamente todos os entrevistados foram unânimes em falar da mesma forma em relação à empresa.

Antônio Vítor Gonçalves, que começou a trabalhar na firma em 1972 como marceneiro, e ainda está na empresa<sup>37</sup> trabalhando como Supervisor de Segurança, comentou que em 1977, quando se casou, entrou em uma loja da cidade para comprar fogão, geladeira e um jogo de sofá, e a moça que o atendeu lhe disse: “Com o que o senhor ganha, não dá pra comprar o que o senhor quer.” Só que, ao sair da loja, o gerente o parou e perguntou por que ele estava saindo da loja sem levar nada e pediu que ele lhe mostrasse a carteira de trabalho. Ao vê-la, o mesmo disse: “Essa menina é louca! Negar crédito pra Industrial Mineira... O senhor pode comprar tudo que o senhor quiser aqui dentro dessa loja. Vamos voltar!” E ele acabou comprando o que queria. Complementou:

A fábrica sempre cumpriu com a gente. Eu estou há quarenta anos aqui e tudo o que eu tenho, agradeço a isso aqui. Essa fábrica aqui tem história. História longa. Se você for puxar lá do fundo do baú, vai sair muita coisa. Muita coisa boa. Muita coisa ruim. Mas isso aqui é uma história, isso aqui é um marco. Isso aqui é uma vida. Isso aqui é um exemplo<sup>38</sup>.

Leci Teixeira em seu depoimento também confirmou:

---

<sup>35</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Sérgio Luiz Neumann em 21 de janeiro de 2014.

<sup>36</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Marcelo Sirimarco em 26 de julho de 2013.

<sup>37</sup> A Ferreira Guimarães continuou prestando serviços a terceiros, funcionando provisoriamente com reduzido número de funcionários e como massa falida desde 14/07/2009.

<sup>38</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Antônio Vítor Rosa Gonçalves em 11 de julho de 2013.

E tem um detalhe importante. Uma segurança pras famílias é que, quem tinha alguém trabalhando na Ferreira, na época que eu entrei, a família só fazia crediário com vencimento para o dia dez, porque a Ferreira Guimarães era que fazia os pagamentos mais... eram fiéis, não passava do dia. Isso acontecia comigo. A minha mãe só fazia, se tivesse que pagar depois, só dia dez, porque ela sabia que entrava o dinheiro certo. Então, era também uma segurança<sup>39</sup>.

Ao que Antônio Carlos Teixeira complementou:

Então, quem ficou na Ferreira, principalmente na Acabadora... Éramos uma família. A gente sentiu muito essa diferença. Antes era muito confiável, não atrasava os pagamentos, mas aí, a partir daí, começou a ter esses atrasos, e às vezes, a gente conseguia pegar parte do dinheiro em tecido. Nesse período, então, como a Leci já estava em casa, nós fazíamos lençóis e vendíamos. Graças a isso, nós não ficamos nem um mês com o pagamento das nossas necessidades atrasado<sup>40</sup>.

O depoimento de Marcelo Sirimarco vem também reforçar esta ideia:

O atraso nos salários. Isso foi o primeiro choque, né? Que nós recebemos. Muitos ficaram preocupados, mas assim, desse período até 2007, quando ocorreu mesmo a recuperação judicial, foram tentadas algumas estratégias para que a Acabadora não fechasse e a Ferreira também. Ainda estava em funcionamento a unidade de Barbacena, de Valença e a Acabadora recebia também novos produtos, fazia beneficiamentos para outras indústrias têxteis, considerando que essas indústrias têxteis, elas sabiam da qualidade de acabamento, o 'know-how' da Ferreira Guimarães, de acabamento da Ferreira Guimarães era conhecido, tanto pelos seus processos mesmo, quanto pela sua mão de obra, muito bem especializada nesses tipos de trabalho, a sua estamparia era muito bem referenciada, a mão de obra muito bem especializada e dominava totalmente o seu trabalho. E, outra coisa, tinha ainda alguns investidores grandes que investiam em matéria prima: compravam os tecidos, compravam o algodão, compravam o produto. Investiam não só na Acabadora, mas também nas outras unidades. Só que isso não foi o bastante. Depois, esse investidor saiu. Foram tentados outros investidores. Falava-se em outras indústrias têxteis também, de um certo renome, que elas iriam adquirir também a Ferreira aos seus grupos, fato que não aconteceu. Ficou só no boato mesmo. Isso até dava uma ânimo pros funcionários, acendia a chama em muitos funcionários. Uma esperança. A verdade é essa, uma esperança. Mas, infelizmente não aconteceu. Por dez anos, eu posso dizer assim, que a Acabadora resistiu bravamente, né? Porque foi de 97 a 2007, com muitos esforços de todos. Os funcionários trabalhando bastante também pra isso, dentro das suas possibilidades, mas infelizmente, os atrasos de salários foram aumentando, já não conseguia mais ter controle sobre as despesas, até que aconteceu a recuperação judicial no final de 2007<sup>41</sup>.

Os funcionários, como explicitado por Marcelo Sirimarco, participaram bastante desse processo de trabalho, das adaptações da produção para a busca de soluções, pensando na situação da Companhia e em sua própria condição, como local de trabalho e escolha de vida. Conforme Antônio Carlos Teixeira também disse em seu depoimento:

<sup>39</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Leci Teixeira em 22 de janeiro de 2014.

<sup>40</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Antônio Carlos Teixeira em 22 de janeiro de 2014.

<sup>41</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Marcelo Sirimarco em 26 de julho de 2013.

Até mesmo quando a Ferreira começou a não estar com o pagamento em dia, com as necessidades, nós tivemos que estar dentro da Ferreira reaproveitando material, é, mudando esquema de trabalho, pra que o custo ficasse mais viável pra continuar no mercado. Essa tentativa não foi só da gerência, foi de todos os funcionários que tinham consciência dessa necessidade, desse crescimento de visão, né, pra estar dentro do mercado. Mas, infelizmente<sup>42</sup>...

Cristina Sirimarco, ao falar sobre a drástica redução das atividades na Central de Acabamentos e a demissão de quase todos os seus funcionários, comentou:

Lá na Acabadora, foi diferente. Na Acabadora, era uma fábrica menor, menos funcionários, então, ninguém podia imaginar que aquilo não ia dar certo. As pessoas também achavam que iam ficar lá até aposentar e então, ninguém acreditava quando surgiu uns murmurinhos, em 2007, que a coisa não estava boa, que era capaz de fechar... (...) Aí, um dia, nesses dias aí, eu fui chamada lá em cima na direção, uma lista grande de funcionários pra passar telegrama, com o registro de que a pessoa, que foi recebido, pedindo o funcionário pra sair da empresa, pra dar baixa, procurar o sindicato, ou coisa assim, pra poder sair da empresa. (...) Eu passei esses telegramas todos, então, eles foram saindo, saindo, isso foi mais ou menos em novembro de 2007. Então, muitos ficaram mais revoltados, tristes também... e infelizmente acabou, né? Mas muitos já encontraram um caminho, graças a Deus, mas até hoje quando a gente se encontra, a gente sempre relembra os bons tempos da Acabadora também<sup>43</sup>.

Mauro Cesar de Freitas Ferreira iniciou suas atividades na empresa em 03 de março de 1998, ajudando no processo de informatização de todos os setores da Ferreira Guimarães. Há quinze anos está na Companhia, onde conheceu a sua esposa, Alvanira do Carmo, que também trabalha na empresa<sup>44</sup>. Sobre o fechamento da Fiação e Tecelagem, disse ter sido uma lamentável perda para o plano social e o fim de uma numerosa quantidade de vagas de trabalho, afetando famílias, comércio, descaracterizando e modificando a principal atividade econômica de Juiz de Fora.

A determinação de defender a vaga no mercado de trabalho, seguindo e se comprometendo com a missão de manter a funcionalidade da fábrica e seu patrimônio me fez crer que: o crescimento e/ou continuidade do negócio depende diretamente da vontade e desejo das pessoas envolvidas. Independe se são proprietários, trabalhadores, clientes, fornecedores<sup>45</sup>.

Francisco Rocha Moreira trabalhou 34 anos na Cia. Têxtil Ferreira Guimarães, desde julho de 1973, quando iniciou como desenhista projetista na implantação do Loteamento do Vale do Ipê. Encerrou sua carreira na empresa como Supervisor de Gravação em novembro de 2007. Com o início dos trabalhos de estamparia foi transferido para o Setor de Desenho e

<sup>42</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Antônio Carlos Teixeira em 22 de janeiro de 2014.

<sup>43</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Cristina Sirimarco em 26 de julho de 2013.

<sup>44</sup> Mauro e Alvanira ainda continuaram a trabalhar na Massa falida Ferreira Guimarães em Juiz de Fora.

<sup>45</sup> Entrevista temática através de roteiro/questionário de perguntas realizada com Mauro Freitas em 03/07/2013.

Gravação, ao qual se dedicou durante muito tempo. Na época em que fechou a fábrica de Fiação e Tecelagem, em 1995, contou que “foi uma etapa triste, pois lá trabalhavam muitos amigos que ficaram desempregados e dependiam desse trabalho” e, em 2007, quando a empresa encerrou as atividades na acabadora, relatou:

Juiz de Fora em tempos áureos foi referência no mercado têxtil, contando com mais ou menos sete empresas neste setor. Ao longo dos anos elas foram fechando por motivos próprios (falta de incentivos fiscais, mercado, etc.) e a penúltima a fechar foi a Ferreira Guimarães, praticamente acabando com este ciclo têxtil na cidade. Também foi um episódio triste, com o encerramento de muitos empregos de amigos, que dali dependiam para sobrevivência. Em minha vida influenciou pouco, pois já estava em final de carreira. Restou somente muitas saudades. A relação entre funcionários era ótima. Formávamos uma grande família<sup>46</sup>.

Já o Supervisor de Estamparia, Jocy Nunes Carrijo, ingressou na Ferreira Guimarães em 01 de junho de 1989, tendo grande experiência nesta área pelo fato de ter trabalhado em outras empresas têxteis no Rio de Janeiro, na América Fabril, Multifabril e Multifabril Nova América, antes de assumir o cargo na Ferreira. Ficou na empresa até novembro de 2007, quando a fábrica encerrou suas atividades, retornando em 04 de outubro de 2010, para assumir o cargo de Supervisor de Produção e Estamparia, continuando até os dias atuais. Presenciou o fechamento de todas as mencionadas fábricas em que trabalhou, dizendo ser muito triste e, em especial, sobre a Ferreira Guimarães disse que “foi triste pelo desemprego das pessoas e pelo encerramento do ciclo centenário de uma empresa têxtil”.

Paulo Crown Guimarães, ao contar sobre sua relação com a Ferreira Guimarães e o tempo que ele trabalhou na empresa, disse em seu depoimento:

Bom, a Ferreira faz parte da minha vida, né? Foi fundada pelo meu bisavô, depois meu avô trabalhou na Ferreira, a vida dele, toda, ele trabalhou na Ferreira e depois o meu pai. Então, ela faz parte da minha vida, desde que eu nasci que eu estou envolvido com a história da Ferreira. Mas, a política da empresa sempre foi de não empregar familiares, porque é sabido que isso aí pode criar um problema e tal, então, eu fui tocando a minha vida e nunca imaginei que eu ia trabalhar na Ferreira um dia. (...) O têxtil emprega muita gente, porque aquilo é muito complicado de fazer. Esse negócio de fazer fio, depois urdir, depois tecer, não é brincadeira... Isso aí é muita intensa a mão de obra. Na época, inclusive, com aqueles teares que a gente tinha, e maquinário então, empregou muita gente! Então, foram algumas gerações de pessoas que trabalharam ali. Gente que entrou lá jovem, constituiu família e com o dinheiro que ganhava na Ferreira, formou os filhos e então, acho que a Ferreira contribuiu muito pro desenvolvimento da cidade por causa disso. Um volume muito grande de gente que trabalhava lá. Eu me lembro que só na fábrica ali da Avenida dos Andradas, eram mil e quatrocentas. É muita gente! E lá na estamparia, lá na área do acabamento, acho que tinha umas quatrocentas. Era muita gente! Então, é... E a

---

<sup>46</sup> Entrevista temática através de roteiro/questionário de perguntas realizada com Francisco Rocha Moreira em 30/07/2013.

Ferreira é muito ética, né? Muito por conta dos princípios do meu bisavô, o Coronel Benjamim, sempre teve muita preocupação com os funcionários, né? O respeito, muito respeito pelos funcionários e, muito correta. Em tudo, né? Então, eu acho que ela deixou esse legado, sabe, de uma empresa muito correta, ensinou muita gente a trabalhar. Com certeza, ensinou muita gente a trabalhar. E então, tinha esse lado virtuoso aí da Ferreira, muito legal, que foi esse. Porque, desde que eu entrei na Ferreira, aprendi muito também. História de como você se relaciona com seus fornecedores e com a comunidade, enfim, tudo isso. (...) Eu aprendi muito e acho que a cidade aprendeu também. E se beneficiou também. A Ferreira tem uma história grande aí na cidade. Tem uma história grande<sup>47</sup>!

Todas estas pessoas, que tiveram um grande envolvimento com a história da Companhia Têxtil Ferreira Guimarães, demonstravam uma relação que expressava proximidade e pertencimento. Relação que existe nas pessoas cientes de que participavam daquela história, cujo desenvolvimento também era fruto do seu trabalho, e cuja tradição de trabalho na empresa era passada de pai para filho, como uma tradição cultural. Essa relação sempre era vista de uma forma positiva, baseada na importância e na valorização desse pertencimento à história da fábrica.

A memória social e a importância dada a ela pelos que viveram a história da Companhia se revela aqui como o fator mais forte em termos de patrimônio. A valorização dada a esta vivência é o que mantém viva a história da Ferreira Guimarães, especialmente para aqueles que participaram dela. E o que faz com que ela continue passando de geração em geração, assim como foram passados os empregos, de pai para filho, ultrapassando gerações.

O passado se apresenta de forma nostálgica, sendo sempre considerado melhor que o presente e o futuro, construindo a identificação da memória desse tempo vivido e de sua marca na história pelo viés de uma empresa.

### **3.2- MEMÓRIA DO DESENHO TÊXTIL: A estamperia como construção da memória visual do patrimônio têxtil da Ferreira Guimarães**

Ao longo do processo histórico, o ornamento pode nos servir como elemento narrativo da própria História da humanidade. O ser humano foi capaz de atribuir-lhe valor simbólico, principalmente mágico e, com isso, aquilo que usava ganhou significado. Uma espécie de comunicação pela sua função que contém um objeto final. (...) Cada objeto ornamental carrega consigo uma história, uma memória, um valor simbólico que nos serve de narrativa no tempo. Não quero entrar no mérito das

---

<sup>47</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Paulo Crown Guimarães em 30 de janeiro de 2014.



técnicas e dos estilos empregados em cada época, mas de como um objeto de uma cultura material é capaz de comunicar por meio de uma linguagem não verbal<sup>48</sup>.

O tecido, o desenho ou a estampa se revestem de simbologias para aqueles que participaram de sua criação. O fazer, ao final, resulta no tecido. E este, como resultado, se encaixa em épocas específicas da história vivenciada. O desenho que vimos ser estampado pode também contar sobre a história que vivemos.

O produto, como resultado final, como valor criado pelo trabalho e que corresponde ao objeto produzido, se traduz na conclusão do trabalho. No caso da indústria têxtil, apresenta uma característica singular: o tecido também se torna familiar para todos aqueles que trabalham na fábrica. Em seu processo industrial, ele passa por diversas etapas de transformação e envolve um grande número de pessoas. Todos os funcionários, de certa forma, têm contato com alguma etapa de sua produção. Da passagem do fio ao tecido propriamente dito, temos vários processos. Fiação, tecelagem, tingimento (Figura 56), estamparia, testes de laboratório (solidez, encolhimento, entre outros), acabamento, revisão, custos, faturamento e expedição são algumas das etapas pelas quais o tecido passa, envolvendo todos os setores da fábrica. Todos os funcionários, de alguma forma, contribuem para a fabricação do tecido. Isto faz com que o tecido se torne familiar para todos. Permite que todos conheçam os tipos de tela, cores e estampas que estão sendo produzidos pela fábrica.

Sérgio Neumann, ao falar sobre a indústria têxtil em seu depoimento, ressalta exatamente este aspecto:

A indústria têxtil, quando ela é completa, você participa do algodão ao tecido acabado. Toda essa transformação é muito bonita. Então, toda vez que eu vejo um tecido eu fico me lembrando das máquinas que fabricam, como é que fabricava, como é que fabrica, dos problemas que acontecem (risos), dos erros, dos acertos, entendeu? Outro dia eu comprei essa calça e estava olhando pra ela. Aqui, ó! Lembrei! Esse negócio de não misturar lote<sup>49</sup>. A gente falava: Não mistura lote, não! (risos) Aqui, duas cores! Isso é lote misturado. Meu Deus do Céu! Como é que a gente brigava por causa disso aqui. E aí, essa calça está com lote misturado, está

<sup>48</sup> BRAGA, João. *Reflexões sobre Moda, Volume III*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2008, p. 15-16.

<sup>49</sup> Lote de produção refere-se a uma quantidade limitada de um produto, produzida de uma só vez, cujo resultado de produção tem razoável previsibilidade e é identificado por um número específico. Um lote econômico de produção é o que pode proporcionar maximização de resultados e minimização de custos. Em relação à indústria têxtil, no tingimento de tecidos, existe uma variação aceitável em termos de oscilação das cores na produção de um tecido tinto, por lote, cuja liberação é realizada através dos testes de colorimetria no acompanhamento executado pelo laboratório. Porém, o ideal é que os lotes da produção deste tecido sejam utilizados separadamente na confecção das peças pelo cliente, para que esta diferença não seja identificada no produto final.

com duas cores. Próximos, mas diferentes, né? (risos). Então, vendo o tecido acabado, hoje, vendo o produto já acabado, como confecção, remete a toda essa transformação do algodão até o fio, do fio até o tecido, do tecido ao acabamento do tecido, estampam cores sobre ele e ele ficar pronto. Toda vez que eu vejo isso eu revejo. Poxa, é uma cadeia enorme de coisas até virar um objeto a ser vendido pronto numa loja, é um trabalho! É um trabalho grande, muita gente trabalhou aí<sup>50</sup>.

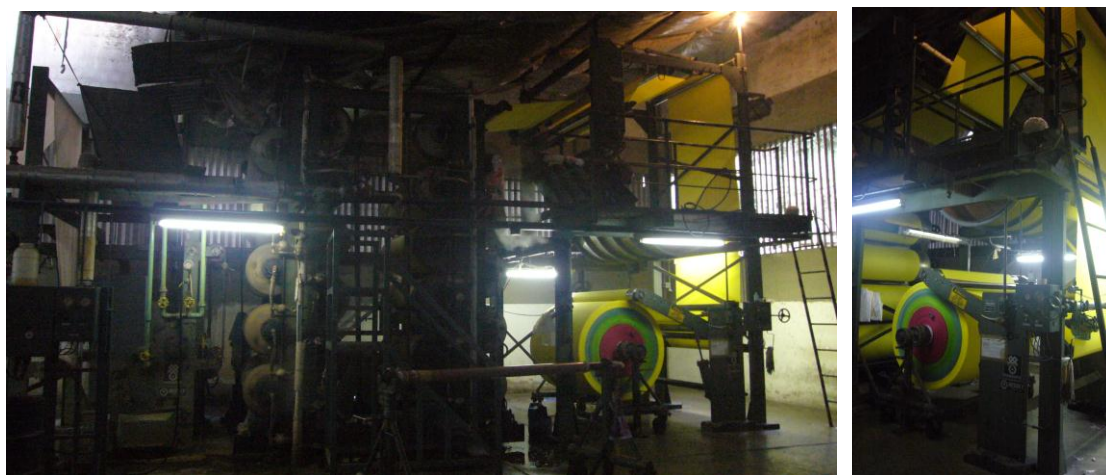


Figura 56: Tingimento de tecidos na Ferreira Guimarães (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).

Além disso, o cotidiano do trabalho envolve elementos concretos e abstratos em todas as suas etapas. As sensações, agradáveis ou não, vitórias conquistadas, soluções alcançadas ou erros cometidos, fazem parte do dia a dia da construção do fazer, da transformação de conhecimento e vontade, em prol de um resultado comum.

Os ambientes e as máquinas, pessoas que se transformam em companheiros de trabalho, móveis, objetos e até mesmo os sons e os cheiros diferenciados que emanam no interior da fábrica, são imagens do cotidiano que compõem um conjunto que aprendemos a reconhecer de cor, com os quais vivenciamos nossas lutas, diariamente.

E que são marcados também por esta construção do fazer diário.

No depoimento de Antônio Carlos Teixeira podemos perceber isto de forma bastante clara:

Foram 27 para 28 anos dentro do trabalho ali na Ferreira Guimarães e como a gente trabalha com tecido, a gente tem às vezes, os retalhos, e quando a gente pega, a gente lembra das fases, o período que foi, é..., as pessoas que conviveram com a

<sup>50</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Sérgio Luiz Neumann em 21 de janeiro de 2014.

gente, dentro do espaço, o esforço que a gente teve que fazer para que aquele desenho pudesse sair, isso sempre vem na memória da gente, né<sup>51</sup>?

A lembrança se torna mais viva, quando temos aquilo que nos faz lembrar. O tecido que ajudamos a produzir, e que agora pode estar em nossa casa ou em nosso corpo. Diante de nosso olhar ou ao alcance de nossas mãos. Na vitrine daquela loja onde passamos em frente todos os dias...

Sempre podem existir motivos, que evoquem nas pessoas que participaram dessa construção, algum tipo de recordação. Lembranças, comparações, cores, estampas, reconhecimento de defeitos ou qualidades do produto, observação de detalhes que passariam despercebidos por muitos, mas que seriam observados e percebidos por aqueles que vivenciavam o cotidiano desse fazer.

E isto se torna mais evidente quando é um tecido estampado, por este ser capaz de gerar uma identificação e um reconhecimento mais fácil em relação ao produto. Através do desenho e das cores de uma estampa, o tecido pode ter uma identificação e um reconhecimento imediatos.

Esta relação alcançava envolvimento de proporção tão acentuada, que mesmo que o produto não fosse um tecido produzido pela Ferreira Guimarães, o tecido enquanto objeto, passava a chamar a atenção dos funcionários, levando a que houvesse a projeção das mesmas lembranças/vivências ocorridas na empresa.

Antônio Carlos Teixeira, que como já foi falado, trabalhou no Setor de Desenho desde o seu início, por volta de 1977/78, contou em seu depoimento, que, às vezes, quando terminavam os desenhos programados para serem feitos no dia e ainda estava no horário de trabalho, ele auxiliava no Setor de estamparia.

A princípio, era só “batendo pano<sup>52</sup>” no final da máquina, da Regianni, e, ali, eles gostavam que eu ficasse, porque eu sabia o defeito. Pintou um defeito, eu logo detectava. E uma pessoa que ficava ali só, às vezes, não percebia esse defeito no tecido. Então, tinha muita perda. É o lance mesmo de experiência visual<sup>53</sup>.

---

<sup>51</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Antônio Carlos Teixeira em 22 de janeiro de 2014.

<sup>52</sup> Expressão usada pelos operários para designar o trabalho de verificação do tecido ao terminar de estampar.

<sup>53</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Antônio Carlos Teixeira em 22 de janeiro de 2014.

Ele se referia à verificação do tecido estampado quando acaba de sair da máquina de estampar, onde o mesmo é acomodado em carrinhos de madeira, para depois ser encaminhado a outras máquinas de acabamento (Figuras 57 e 58). Assim, como ele trabalhava no desenho da estampa, reconhecia mais facilmente possíveis defeitos existentes quando fosse estampá-lo pela primeira vez, evitando perdas de tecido, causadas por erros desse desenvolvimento.



Figura 57: Detalhes do tecido sendo estampado na máquina Regianni - CTFG (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).



Figura 58: Detalhes do tecido saindo após ser estampado ao final da máquina Regianni e sendo acomodado em carrinhos de madeira - CTFG (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).

Depois, Antônio Carlos foi transferido para o Setor de Gravação, onde descreveu:

Passava a emulsão no cilindro e era repassado, então, o desenho para o cilindro, que depois era lavado, colavam-se os anéis para encaixe na máquina de estampa (Figura 59). Eram até oito cilindros que poderiam ser gravados por desenho, que era a quantidade máxima de cores que a máquina tinha capacidade de estampar. Teve

um período de experiência com pigmento dourado, usando retícula, então, foram sempre muitos aprendizados<sup>54</sup>.



Figura 59: Cilindros prontos para serem usados na máquina de estampar da CTFG (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).

O tecido reveste-se então de simbologias, tanto no que se refere à cor do tingimento quanto ao desenho que foi criado e estampado sobre o mesmo. A cor e o desenho refletem escolhas temporais e representam criações e novidades que são acompanhadas em diversas fases do acabamento e acabam por tornar-se “familiares” aos funcionários, que são capazes de reconhecê-los nas mais diversas situações de aplicação, desde a confecção de roupas à decoração.

Lúcia Oliveira, sobre o fato de se lembrar dos tecidos da Ferreira Guimarães, em seu depoimento justificou:

Assim, primeiro, porque a gente estava ajudando na produção e eram bonitos, né? Porque tinha uma variedade de tintos e estampados e, vendia muito, né? Na época que a gente entrou, em 80, na década de 80 e 90, vendia-se muito, a gente faturava muito. Saía muito tecido. É algo assim, que faz falta, porque era muito bonito. Desde a hora que o tecido entrava ali, porque era acabamento, né? Que o pano chegava cru, que começava a trabalhar ele ou pra tinto, ou pra estampado, é algo assim impressionante! Que era... É diferente você vê o tecido cru e a hora que ele começa a passar naquelas máquinas, que ele entrava na Rama, da Rama ele ia pra estamparia, parte pro tingimento e o final era sempre bonito! E a gente priorizava a qualidade, né? Porque a Ferreira, ela tinha qualidade<sup>55</sup>!

O Setor de Amostras, como lembrou a Lúcia Oliveira, o pessoal falava que era “o cartão de visitas da Ferreira Guimarães, onde você tinha que se dedicar mesmo”. Montar os

---

<sup>54</sup> Id.

<sup>55</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Lúcia Helena de Oliveira em 23 de janeiro de 2014.

catálogos, as amostras para representantes, preparar cortes de tecido para confeccionar roupas para desfiles ou para empresas confeccionarem peças piloto, selecionando tecidos de primeira qualidade, “era uma sala que você tinha que ter muita responsabilidade, porque você trabalhava com todo mundo. Você atendia representante, atendia o diretor, e foi assim, um período muito bom pra mim quando eu trabalhei lá na Amostra”.

Marilza Cioni, ao falar sobre o tempo que trabalhou no Setor de Varejo de Tecidos da Ferreira Guimarães, durante seis anos, aproximadamente, na década de 1970, lembrou-se:

Vendia-se a varejo e a atacado. E era uma procura enorme! Os tecidos de excelente qualidade. É... muito conhecidos em Juiz de Fora e região, pessoas que compravam para... era época que existiam muitas costureiras, muito trabalho de coisas feitas em casa. Tecidos muito... de muito boa qualidade e puro algodão<sup>56</sup>!

Cristina Sirimarco também comentou sobre o Varejo de Tecidos em seu depoimento:

Existia a loja de varejo da Ferreira Guimarães e o tecido da fábrica era muito famoso! E era bom mesmo, pior que era! Igual mesmo, eu acho que não existia. Na época, tinha uma fralda a metro, vinha gente de fora pra comprar. A fralda da Ferreira era famosíssima! E o tecido de algodão? Era excelente<sup>57</sup>!

Leci contou que sempre costurou, e mesmo após sair da Ferreira, continuou a costurar e costurando pano da Ferreira. Disse já ter feito muita roupa, muito lençol com tecido da Ferreira e muito artesanato também. Ao falar sobre isto, lembrou-se da Vera, que foi funcionária da fábrica e ainda tem a loja de varejo de tecidos na Avenida dos Andradas, em frente ao local onde era o varejo da Ferreira Guimarães. Acrescentou Leci: “Então, a gente quando precisa de tecido, ainda vai lá e a gente lembra também muito da Ferreira.”

O Antônio complementou:

Ela ainda tem estoque de tecido da Ferreira. E tem alguns, que é muito interessante, que ela vai, ela não quer vender... (risos) Só tá lá. Ela fala: ‘Não, não, esse eu não estou vendendo não. Esse eu não posso não. Tá encomendado.’ É porque ela não... Ela tem amor à estampa e ela, então, ela não desfaz. Fica lá, de mostruário. (...) Ela, assim, paralelo à história da Ferreira, ela vivenciou ali, né? Ao ponto das pessoas acharem que a loja dela era da fábrica<sup>58</sup>.

<sup>56</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Marilza Cioni em 17 de janeiro de 2014.

<sup>57</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Cristina Sirimarco em 26 de julho de 2013.

<sup>58</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Antônio Carlos Teixeira em 22 de janeiro de 2014.

Antônio Teixeira, no dia da entrevista, trouxe uma camisa que foi confeccionada pela Leci para ele, utilizando tecido tinto e estampado da Ferreira Guimarães (Figura 60). Ao apresentá-la, comentou que a camisa está “velha”, mas não se desfaz dela porque é uma recordação do tempo em que trabalhou na empresa e também porque pediu a Leci para não cortar a orela<sup>59</sup> do tecido, onde aparecem dados sobre a estampa, como o nome da empresa, número do desenho, quantidade de cores e a composição do tecido (Figura 61). “Essa camisa é especial pra mim. Traz muitas recordações<sup>60</sup>”...



Figura 60: Camisa de Antônio Teixeira confeccionada com tecidos Ferreira Guimarães (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2014)

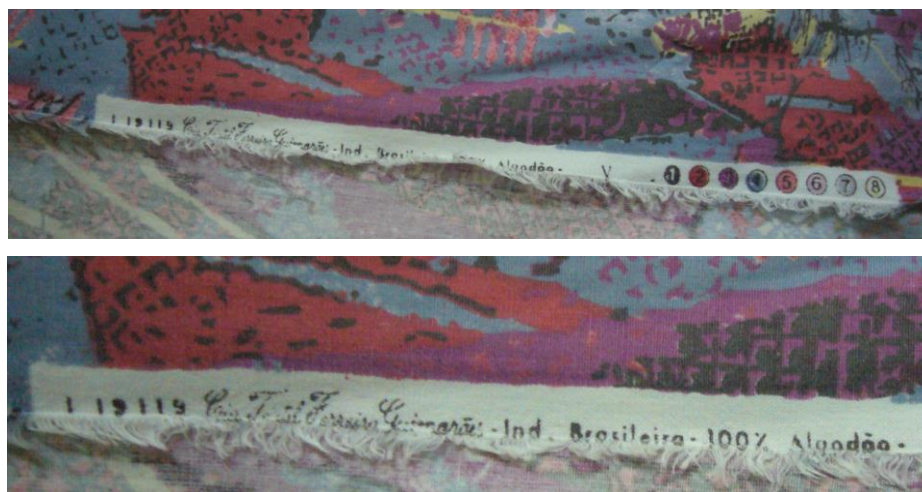


Figura 61: Detalhe da camisa de Antônio Carlos Teixeira - no avesso - onde aparece a orela do tecido (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2014).

Os funcionários da Ferreira Guimarães usavam bastante o tecido da fábrica. Usavam muito. Desde o uniforme, que era obrigatório, né, inclusive a partir desse período, é a blusa de uniforme era listradinha de azul pras meninas. Então, assim, foi uma vitória, né, sair da blusa azul lisa pra listradinha e a gente utilizava bastante o tecido.

<sup>59</sup> Orela: Arremate nas extremidades laterais dos tecidos. (*Dicionário da moda: guia de referência de termos do mercado têxtil e moda*. Cataguases, 2002).

<sup>60</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Antônio Carlos Teixeira em 22 de janeiro de 2014.

As blusinhas era sempre tecido da Ferreira, né? Sempre! O varejo, ele tinha um desconto pra funcionário e colocava o tecido em quilo, retalhos, que aí dava uma variada na qualidade e a gente se utilizava disso. Não só pra gente, como pra família inteira<sup>61</sup>.

Francisco Rocha Moreira relatou que sempre utilizou os tecidos da empresa. Entre os quais, principalmente, tecidos tintos, estampados e o branco. “Eram tecidos de boa qualidade com ótimos acabamentos e com grande aceitação pelo mercado consumidor. A fábrica produzia popelinas, tintos e estampados, sarjas e jeans.” Lembra-se de desenhos florais e de muitos desenhos exclusivos para clientes. Disse que até hoje reconhece os tecidos da Ferreira Guimarães em lojas ou quando estão sendo usados nas ruas. “Sinto satisfeito, pois foi um trabalho em que tive uma parcela de contribuição<sup>62</sup>”.

Jocy, responsável pelo Setor de estamparia, diz que se lembra de praticamente todos os desenhos da Ferreira Guimarães, mas nunca se esqueceu de um floral que bateu o recorde de produção diária, estampando quinze mil metros de apenas uma variante! “São bons tecidos, de boa qualidade, desenhos sempre acompanhando as tendências<sup>63</sup>”. Ao ver um tecido estampado em qualquer lugar, seria capaz de reconhecer imediatamente, mas disse que “quando vê uma peça pronta, fica diferente”, isto é, a utilização do tecido cria um diferencial para o mesmo, valorizando-o (ou não) de acordo com sua aplicação (Figura 62).



Figura 62: Cartela de desenhos estampados e camisa confeccionada com tecido estampado Ferreira Guimarães (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).

<sup>61</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Leci Teixeira em 22 de janeiro de 2014.

<sup>62</sup> Entrevista temática através de roteiro/questionário de perguntas realizada com Francisco Rocha Moreira em 30/07/2013.

<sup>63</sup> Entrevista temática através de roteiro/questionário de perguntas realizada com Jocy Carrijo em 26/08/2013.



Mauro ainda não trabalhava na Ferreira Guimarães quando a fábrica começou a produzir estampados, mas disse saber que isso aconteceu em meados dos anos 1980 e que a estamparia ganhou expressão e volume em meados dos anos 1990. Lembrou-se principalmente dos desenhos clássicos da empresa, citando, “Cabeça de Alfinete, Rosa Médio (Figura 63), Margaridas” e as estampas florais tipo chitão. Claro que poderia reconhecê-los fora do espaço fabril, e quando isto acontece, para ele, tem “sentido de conclusão, finalidade, abrigo, conforto e estética<sup>64</sup>”.



Figura 63: Rolos de tecido na Sala do Pano da Acabadora CGF sendo plastificados e etiquetados – Desenho Rosa Médio (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).

Paulo Crown também comentou em seu depoimento:

Com certeza, se eu ver um desenho, que foi feito na Ferreira, que eu conheço todos, né? Que a gente via aquilo ali, diariamente estava convivendo com aquilo, então, tudo passava pelo nossa mão, tudo. Então, você olha um desenho, você vai lembrar, né? Lembrar daqueles bons tempos. É claro que você vai lembrar! É como a música, que também faz isso com a gente, remete àqueles momentos vividos anteriormente, então é, com certeza. Agora, eu não tenho visto muito não. Porque o tecido também, a moda vai passando, o sujeito compra coisa nova, o que é curto hoje é longo amanhã, então, o cara tem que, ele tem que se desfazer desse tecido, dessas peças do vestuário, porque ele tem que comprar novo, tem que ficar na moda, né? Então, é... mas, você vê, eu tenho camisa da Ferreira até hoje. Eu tenho certeza que muita gente tem no armário, uma camisa da Ferreira, porque os tecidos eram muito bons, e tal, aquilo dura para sempre! (risos) Então, tem lá o tecido, acha bonito, então guarda, né? Tem lá um monte de camisas guardadas. Fazia muito tecido pra camisaria, a tricoline. Então, com certeza, quem trabalhou naquela área, todo mundo que trabalhou nessa área de estamparia da Ferreira, todos ali que estavam envolvidos, tenho certeza que têm essa história de quando vê alguma coisa que ele fez na rua, né? Pensa ‘Esse tecido é da Ferreira, eu ajudei a fazer, eu estava lá assim, assim, e volta aquele tempo que é bom de lembrar’... É muito bom lembrar! Eu tenho ótimas memórias da Ferreira, de todo aquele pessoal, então, eu sempre me dei bem lá com todo mundo. Foi uma ótima passagem, o tempo que eu passei ali, foi muito importante e muito bom pra mim<sup>65</sup>.

<sup>64</sup> Entrevista temática através de roteiro/questionário de perguntas realizada com Mauro César de Freitas Ferreira em 03/07/2013.

<sup>65</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Paulo Crown Guimarães em 30 de janeiro de 2014.

Antônio Carlos contou que sempre observava as pessoas com estampados na rua, reparando o modelo das roupas, corte do tecido e confecção e a Leci brincava com ele: “Qualquer dia as pessoas vão brigar com você, de tanto que você fica olhando”...

Ele lembrou-se ainda que, na série *Os Trapalhões* da televisão, apareciam muitos tecidos estampados da Ferreira Guimarães, “principalmente no personagem Mussum, ele usava muito tecido estampado da Ferreira Guimarães, os do Fernando Maluhy<sup>66</sup>”. Nas novelas, também aparecem muitos aventais nas empregadas, feitos com os motivos de pimentão. “E quando a gente vê algumas estampas em novelas, que são do Fernando Maluhy, a gente fala: Esse é da Ferreira, esse foi da nossa época”.

Leci também lembrou: “Tem a propaganda do Tang, aquela menina que fazia a propaganda do Tang, o Antônio sempre falava: Essa estampa é da Ferreira”!

Antônio complementou:

Sobre propaganda, outra coisa também de propaganda, é que a primeira propaganda que saiu na televisão da Ferreira que me chamou a atenção, foi a de jeans, com o pessoal do grupo Roupas Nova. Eles estavam fazendo sucesso, então foi... E a outra, eu acho que foi com a Maria Paula, né? Que tinha a voz totalmente diferente do normal. ‘Toda nudez será bem vestida’. Eu achei horrível! (risos) Mas depois, eu acostumei com aquele esquema, que era uma coisa realmente pra chamar a atenção<sup>67</sup>.

Nesse sentido, as propagandas também podem ser consideradas formas de evocação da lembrança. Muitas pessoas tiveram acesso à marca e conhecimento dos tecidos Ferreira Guimarães somente após o investimento da empresa nas campanhas publicitárias. Era comum as pessoas se lembrarem da empresa simplesmente ao ser mencionado o slogan da propaganda. Algumas delas também se tornaram o diferencial para a lembrança em relação à Ferreira Guimarães.

Partir do princípio de que o tecido e a imagem que ele sustenta retratam uma vida e uma época, marcada por escolhas e sensações, é o que constitui a base da ideia deste trabalho. E, além disso, transforma-se em um objeto de memória, isto é, através dele as pessoas podem lembrar-se dessa época de vida, do tempo vivido na execução deste fazer.

---

<sup>66</sup> Tecidos Fernando Maluhy - Empresa atacadista de tecidos, localizada à Rua Cavalheiro Basílio Jafet, nº 38 - Atacado 8º andar - Varejo 9º andar - São Paulo - SP. Um dos principais clientes da Ferreira Guimarães com desenvolvimento em estamparia exclusiva.

<sup>67</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Antônio Carlos Teixeira em 22 de janeiro de 2014.

Sérgio Neumann comentando sobre o desenvolvimento de novos produtos e estamparia, disse que, após o término da parte de criação e seleção dos novos lançamentos em cores, estampas e tecidos, a parte de produção é que tinha que viabilizar a execução de tudo.

Eu sempre me divertia muito por causa... A parte de produção, a gente tinha que suar. Terminado o trabalho de todos os tecidos, desenvolvimento, e arrumação, nós é que tínhamos que fazer, né? Então, a fabricação pra nós era curiosidade, era muita curiosidade. Será que isso vai dar certo? (risos) Será que isso vai funcionar? É o primeiro ponto. O segundo ponto: quando a gente via algum produto que nós, que vocês desenvolveram, que nós fizemos, e víamos lá fora... dava gosto. A gente dizia: Olha, isso aí o pessoal lá da fábrica é que fez! Dava essa sensação agradável de você ver o produto sendo utilizado, às vezes, longe, Rio, São Paulo. Às vezes, você passava numa loja e tal, e via: Isso eu conheço, essa estampa eu conheço. Isso foi desenvolvido pela fábrica! A estamparia, não só as cores, como a estamparia, apesar de que a estamparia é muito mais flexível, né? É um negócio muito curioso porque é uma nuvem de ideias que uma hora vão se consolidando e de repente todos começam a andar mais ou menos naquela direção. É um negócio meio complicado, porque cada um anda numa direção, e de repente no final, todos estão mais ou menos dentro daquela linha, vamos chamar genérica, daquele período. Cada um foi primeiro numa direção pra depois isso tudo, não sei como, não tenho a menor ideia de como é que isso funciona, mas vai tudo acumulando e aí, vamos dizer que não só o país, mas o mundo, você começa a ver, as vezes, até em referências internacionais e tudo, você vê que as ideias que estão sendo faladas lá na fábrica pra serem executadas, estão em outros lugares também. Começou a haver aquela coincidência, o estilo agora é mais minimalista, mais assim, mais assado e você ouve isso e correlaciona com a existência da fábrica. Aí você lembra que a estamparia andou, a estamparia que você está trabalhando está andando nessa direção. Isso dava gosto de ver<sup>68</sup>!

A arte e suas formas de representação acompanham o ser humano em toda a sua vida. O design têxtil tem um papel de grande significado neste sentido, não só pelo artista que o concebe em sua criação, mas também e principalmente por sua aceitação e circulação no mercado e sua construção enquanto acessório pessoal e social.

Para Gilda Chataignier:

Ninguém duvida que o tecido tenha uma presença extremamente forte na sociedade contemporânea. Aliás, em tempos idos e vividos, a fibra tecida e vestida sempre foi símbolo de poder, segurança, competição, cobiça, gosto, elegância e outras variáveis de maior ou menor envergadura, incluindo seus opostos. Dentro das meadas que tecem a História, dos usos e abusos, torna-se patente e inequívoco que o pano é um catalisador de sensações que passam pelos sentidos dos humanos e celebram à sua moda, o que é bom usar ou o que merece ser esquecido<sup>69</sup>...

O artista, no momento de criação, é envolvido pelas questões pessoais, sua personalidade, seu traço e sua vontade, mas também por influências culturais e históricas da época. Ele é marcado pela história contemporânea, por obras de arte tanto antigas quanto de

<sup>68</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Sérgio Luiz Neumann em 21 de janeiro de 2014.

vanguarda, artistas consagrados e pelas tendências de estilo e cores que se destacam em um universo coletivo. Tudo isto ele vai usar no traço e na expressão das linhas que culminam no resultado de seu trabalho. O desenho é a expressão maior do seu sentimento e de sua criatividade. Na análise de Hilzes de Oliveira Silva: “A cultura visual do artista está presente em seu estilo, assim como este estilo ajuda a perceber a cultura na qual ele se insere<sup>70</sup>”.

Os tecidos e as estampas também constituem uma história e são reconstruídos pela sociedade, pelas pessoas que os vestem, transformando-os e complementando-os com suas escolhas, combinações e formas de uso. Nas palavras de Jenny Udale:

Ao longo de toda a história dos tecidos, alguns tipos se repetem. Esses tecidos tornam-se clássicos e alguns deles permanecem populares de uma forma ou de outra, por exemplo, poás, listras e florais. Outros deles entram e saem da moda, como o *design paislei* (motivo intrincado em formas cônicas). É interessante examinar o que torna um design têxtil clássico tão atemporal para, então, tentar reinventá-lo<sup>71</sup>.

Os padrões e estampas clássicos são desenhos que sempre estiveram presentes no decorrer do tempo e da história. Por tradições culturais, simbologias e significados comuns, tornaram-se atemporais e eternos. Talvez a condição de serem clássicos resulte de um consenso cultural e universal.

Através de seus significados permanecem nas escolhas individuais e coletivas, ainda que sejam reinventados. Todos os desenhos e as imagens, mesmo os padrões e estampas que não são clássicos, carregam uma simbologia. Criam sentido para os usos, geram identidades. O ser humano escolhe o que usar e confere significado às suas escolhas, relativas ao estilo das peças, cores e estampas. Porque a roupa tem um significado muito mais amplo do que somente cobrir o corpo. Cada acessório determina uma forma de se ver ou querer ser visto pelos seus contemporâneos.

Neste sentido, o uso é que torna possível o não esquecimento, a manutenção de uma história. Assim é feita a preservação de um patrimônio, material ou imaterial. Não existe como manter viva uma história sem contá-la ou sem revivê-la através das lembranças. Portanto, as escolhas individuais e coletivas passam a contar a história pelos rastros do design têxtil.

---

<sup>69</sup> CHATAIGNIER, Gilda. *Fio a Fio: Tecidos, Moda e Linguagem*. São Paulo: Estação das Letras, 2006, p. 46.

<sup>70</sup> SILVA, Hilzes de Oliveira. *Matéria, técnica e expressão: o tecido na pintura de gênero no Rio de Janeiro de entresséculos*. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais. UFRJ/EBA. Rio de Janeiro, 2012, p. 21.

<sup>71</sup> UDALÉ, Jenny. *Fundamentos de design de moda: tecidos e moda*. Tradução Edson Furmankiewicz. Porto Alegre: Bookman, 2009.

A circulação do tecido estampado, tanto no que diz respeito ao número de pessoas que o utilizam quanto à variedade dos estilos e formas de peças confeccionadas, é o que demonstra o diferencial nas relações estabelecidas com as imagens.

As roupas e as estampas representam imagens da história. São retratos da vida, imagens artísticas usadas pelas pessoas de determinada época e que nos contam a história vivida. História que é marcada por linhas, formas e cores. São referências que nos mostram as ligações entre as diversas culturas e a história da arte. Nesse aspecto, a reflexão de Chataignier é válida:

Há quem considere a estamparia como uma arte, até porque as tendências de moda muitas vezes apropriam-se de estilos, motivos e desenhos das artes plásticas. Mesmo no início do século XX, as artes e fatos históricos serviram de ilustração para panos de diversos tipos, registrando dessa forma épocas, costumes e correntes artísticas<sup>72</sup>.

O tecido e o design têxtil, e neste caso especificamente, os desenvolvidos na Ferreira Guimarães são referência para o conhecimento da relação existente entre as pessoas que conhecem, conheceram ou usaram tecidos estampados da empresa. Estes tecidos registram e contam a história da empresa através do tempo. Eles traduzem na memória e na vida destas pessoas a influência que estes traços deixaram na história de cada uma delas. É a memória desse tempo vivido e de sua marca na história pelo viés de uma estampa.

Os traços de algumas dessas estampas representam também os traços da história individual ou coletiva desse mesmo “fazer” no cotidiano fabril, entrelaçando histórias na vida. Estampas que mantêm viva uma história fabril, que se entrelaça com outras histórias individuais e constituem tecidos de história. Telas de arte da vida social e individual.

### **3.3- MEMÓRIA DE UMA FÁBRICA TÊXTIL: Ferreira Guimarães – Patrimônio Cultural de Juiz de Fora**

A demolição da primeira tecelagem de Juiz de Fora comoveu antigos funcionários. Ela foi parte de muitas histórias familiares, foi o núcleo de onde partia o sustento de muitas pessoas, foi o palco onde se desenrolou grande parte da história de meu avô, Domingos Sirimarco, homem honrado e trabalhador, que foi Mestre-de-Obras em suas dependências e cujos filhos, em sua maioria, trabalharam lá algum tempo. Foi

---

<sup>72</sup> CHATAIGNIER, Gilda. *op. cit.*, p. 82.

neste local de trabalho que se conheceram e depois se casaram os meus pais, Maria Elisa Sirimarco e Christovam Zimmermann<sup>73</sup>.

Sem dúvida, o que se tornou mais marcante para a cidade, como forma de representação da memória, são os espaços arquitetônicos da fábrica têxtil, memórias construídas dos imóveis da Companhia Têxtil Ferreira Guimarães. E também por isso, algumas dessas construções foram tombadas pelo patrimônio cultural da cidade.

As construções fabris da Ferreira Guimarães, ainda que tenham sido edificadas por firmas que antecederam a fábrica em Juiz de Fora, fizeram parte da história da Companhia, do cotidiano desse trabalho e se tornaram pontos de referência para a cidade. São construções que ajudaram a identificar a cidade e que, por sua localização central e características em termos de estilo arquitetônico, sempre foram referenciais para a construção de identidades em relação à fábrica para a maioria de seus funcionários.

Leci Teixeira, em seu depoimento, chama a atenção exatamente para este fato:

Eu comecei a trabalhar na Ferreira em julho de 1975 (...) e na época, eu comecei trabalhando na expedição, que hoje é o edifício que está lá ainda, né? Que foi tombado, aquelas janelinhas que são pra rua. Eu passo sempre ali e lembro quantas vezes, a gente tirou pilhas e pilhas de retalho dali, movimentou tecido. (...) Sobre a demolição, até hoje a gente passa ali... É caminho nosso, então assim, eu passo à pé ali, eu passo perto da chaminé, eu ainda vejo o Sr. Adolfo sentado ali cumprimentando todo mundo. Hoje, eu tenho a noção que a extensão (...), porque era tecelagem em baixo, tinturaria em cima, era um labirinto aquilo ali, a gente vê que é tão pequeno agora, o espaço físico. Pra gente aquilo era enorme, né? Eu fico pensando como funcionavam tantos setores num espaço que hoje eu acho que não é tão grande assim? Mas que eu passo e não acredito ainda que um pedaço da nossa vida está no mesmo espaço que onde hoje é prédio, né? Então, isso fica, acho que é pra sempre, né?<sup>74</sup>

A conceituação de Pierre Nora sobre a importância da manutenção do local, da criação dos “lugares de memória”, está diretamente relacionada à ameaça do esquecimento, da perda. O medo do esquecimento, da história vivida faz com que as pessoas se agarrem à presença material. Por isso, o mesmo autor fala que “há locais de memória porque não há mais meios de memória”. Para Nora, “os lugares de memória são, antes de tudo, restos”. São como restos

<sup>73</sup> ZIMMERMANN, Ivone. *Princesa Mafalda: O resgate, na Argentina e na Itália, de parentes dos imigrantes italianos, naturais de Sant'Agata di Esaro e radicados em Juiz de Fora, MG, Brasil, Domingos Sirimarco e Maria Concepción Cosentino Sirimarco*. Juiz de Fora: Editar, 2005, p. 81.

<sup>74</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Leci Teixeira em 22 de janeiro de 2014.

de memória. A memória, para não morrer, “se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto<sup>75</sup>”.

Antônio Carlos Teixeira contou que, quando ele e a Leci se casaram, conseguiram morar em uma das casas da Ferreira Guimarães por cinco anos, no mesmo vilarejo próximo à fábrica em que muitos funcionários haviam residido e que ainda existe até hoje. “Enquanto isso, nós estávamos construindo a nossa casa, que acabou a gente comprando no bairro Democrata, pelo fato da proximidade, de estar perto do trabalho. Então, daria pra gente ir à pé e voltar”. E lembrou-se:

Depois que a gente foi pra Acabadora, eu trabalhei só um ano na fábrica de baixo, então, mas mesmo assim, um período antes dela ser demolida, precisou fazer uma estrada, alargar aquela passagem da estrada que ia pro Borboleta, e a Ferreira não deixou, porque não ia poder abrir mão do espaço físico dela. Então, teve que usar outro recurso. E quando depois eles vão e fecham aquela parte e colocam aquilo abaixo, eu acho que cada tijolo representava menos fisicamente do que cada história que ali foi demolida. Então, a gente via, às vezes, pessoas que trabalharam um ano, aposentaram, chorando em frente à estrutura que estava vindo abaixo. É, pra mim, que ainda trabalhava na Ferreira, me doeu muito. Eu tenho algumas fotos que eu tirei dessa parte já em demolição (Figuras 64 e 65), exatamente pra que a memória, se falhasse, eu podia... tá ali, da minha tristeza, da minha revolta, no sentido de que era um espaço de muitos. Ali, criaram-se muitas famílias<sup>76</sup>.



Figuras 64 e 65: Demolição dos galpões da Fiação e Tecelagem (Fotos cedidas por Antônio Carlos Teixeira).

Na sua abordagem sobre a memória, Michael Pollack nos fala sobre a existência dos acontecimentos vividos pessoalmente e dos acontecimentos “vividos por tabela”, isto é, “vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer”. Estes

<sup>75</sup> NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. In: *Projeto História*, n. 10, dez. p.7-28. São Paulo: PUC/SP, 1993, p. 9.

<sup>76</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Antônio Carlos Teixeira em 22 de janeiro de 2014.

acontecimentos se tornariam tão significativos para o grupo, que muitos se sentiriam envolvidos neles, mesmo que não tivessem participado efetivamente desses momentos.

Desta forma, podemos compreender que essa memória da fábrica têxtil abrange um número maior de pessoas, que não necessariamente participaram efetivamente da história da Ferreira Guimarães, mas que talvez a tenham vivido “por tabela”, por meio de familiares que trabalharam na empresa, por meio de grupos sociais, ou mesmo pelo conhecimento histórico, econômico e artístico, através dos quais a arquitetura fabril teve grande importância na cidade de Juiz de Fora no período do início da industrialização, como já foi falado no Capítulo 1 e será ressaltado de uma forma mais específica a seguir.

Assim como aconteceu com outras empresas que existiram em Juiz de Fora, a Ferreira Guimarães teve grande participação e influência na construção e desenvolvimento da cidade. A fábrica foi de fundamental importância para a formação da urbe juiz-forana.

Historicamente falando, a construção desta unidade fabril muito contribuiu para a formação estética e arquitetônica de Juiz de Fora ainda no fim do século XIX. Sendo uma das pioneiras e retratando aqui o mesmo estilo das fábricas inglesas existentes na Europa, trouxe a inovação e também o crescimento industrial que garantiu a importância desta repercussão social e cultural na formação urbana da cidade. Através da contribuição arquitetônica, colaborou para que ela se tornasse conhecida pelo estilo das construções inglesas do período. Com tijolos maciços aparentes nas paredes, estes reproduziam aqui as mesmas características das construções fabris existentes na metrópole europeia.

Segundo a matéria jornalística publicada na *Tribuna de Minas*:

Além de seu pioneirismo, a tecelagem foi fundamental na conformação e consolidação do Bairro Borboleta, onde ainda hoje residem muitos ex-funcionários da fábrica. A Companhia construiu várias casas nas imediações da tecelagem para alugar a seus operários, na atual Rua Benjamin Guimarães<sup>77</sup>.

Parte do imóvel onde funcionou a Fábrica Industrial Mineira (antiga Fábrica dos Ingleses) e que pertenceu à Cia. Têxtil Ferreira Guimarães foi tombado como patrimônio cultural de Juiz de Fora no ano de 2003,<sup>78</sup> pelo reconhecimento da sua relevância para a história e memória da cidade.

---

<sup>77</sup> *Tribuna de Minas*, 15/06/13.

<sup>78</sup> Tombamento pelo DECRETO N.º 7913 - de 15 de julho de 2003. Processo administrativo da PJF n.º4486/97.



O tombamento incluiu tanto o imóvel situado na Avenida dos Andradas (Figura 66) quanto as duas chaminés (Figura 67) próximas a ele. As edificações ainda mantinham as características da antiga época industrial da cidade, situada numa área de grande importância histórica e arquitetônica.

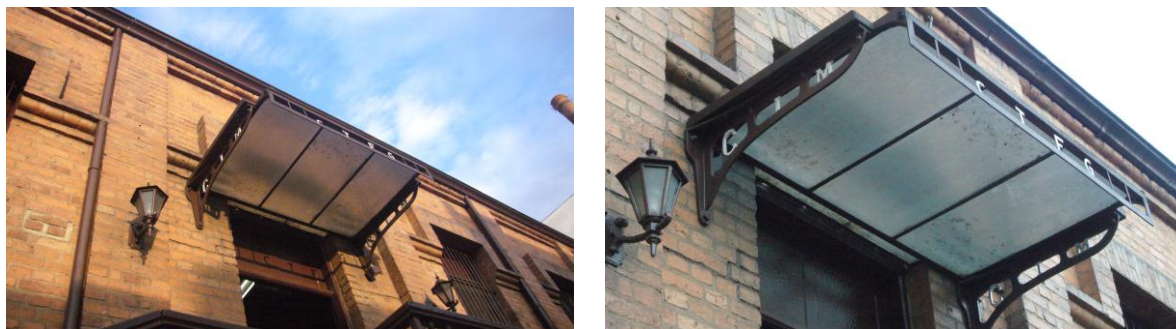


Figuras 66 e 67: Fábrica de Fiação e Tecelagem e Chaminés da Cia. Têxtil Ferreira Guimarães.  
(Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).

Considerando o valor histórico e cultural que envolve os bens; a importância dos mesmos para o desenvolvimento comercial e industrial do Município; tratar-se de imóvel integrante da primeira fábrica têxtil da cidade; suas características de construção fabril do final do século XIX, quando se difundiu o uso dos tijolos aparentes nas paredes, compondo molduras e ornamentos diversos. De acordo com os termos e a documentação, constantes do processo administrativo da PJF n.º4486/97, ficam tombadas as fachadas e a volumetria construtiva do imóvel localizado na Avenida dos Andradas n.º 1215, bem como as duas chaminés existentes na área<sup>79</sup>.

Em detalhe na entrada do imóvel tombado (Figuras 68 e 69), estão as iniciais C I M (Companhia Industrial Mineira) e C T F G (Companhia Têxtil Ferreira Guimarães), como marcas da passagem e do convívio das duas fábricas na história da cidade de Juiz de Fora.

<sup>79</sup> IPPLAN/JF.



Figuras 68 e 69: Detalhe na entrada lateral do imóvel tombado – Cia. Têxtil Ferreira Guimarães (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).

Os galpões industriais da antiga Companhia, que foram construídos no século XIX em tijolo maciço aparente, não foram indicados para tombamento porque estes já teriam sido descaracterizados, segundo a firma de Belo Horizonte, “Século 30 Arquitetura e Restauro”, que fez o inventário de bens passíveis de tombamento em Juiz de Fora em 1996. Além disso, a firma alegou ter se baseado em um pré-inventário existente na Prefeitura e que já não fazia qualquer referência aos galpões industriais.

A descaracterização representa uma perda de referência histórica ou cultural, e no caso da Ferreira Guimarães foi o resultado das modificações e ampliações efetuadas ao longo dos anos em função das necessidades de tecelagem. E na análise extraída da *Tribuna de Minas*: “Mesmo assim, a demolição da primeira tecelagem de Juiz de Fora causou tristeza e questionamentos sobre a política (ou ausência dela) de preservação do patrimônio da cidade<sup>80</sup>”. A matéria do referido jornal lamentou a perda:

O que se lamenta é que não tenha havido preocupação por parte do poder público de resguardar pelo menos o arcabouço da tecelagem pioneira – a fachada e os muros de tijolos vermelhos aparentes dos galpões, que reproduziam a arquitetura típica das fábricas inglesas e justificavam o título de Manchester Mineira que Juiz de Fora orgulhosamente ostentava<sup>81</sup>.

De acordo com o processo de tombamento da Prefeitura de Juiz de Fora – Comissão Permanente Técnico Cultural IPPLAN/JF do imóvel acima citado, a Ferreira Guimarães recebeu notificação datada de 07 de novembro de 1997, sendo apresentada impugnação pela empresa em 12 de dezembro do mesmo ano, na qual constam além das considerações pertinentes ao tombamento, ressalvas de que a empresa sempre contribuiu com a formação urbana juiz-forana.

<sup>80</sup> *Tribuna de Minas*, 19/07/2003, p. 2.

<sup>81</sup> *Id.*

A Companhia Têxtil Ferreira Guimarães é uma empresa que sempre contribuiu com a cidade de Juiz de Fora e com sua qualidade de vida. Vale lembrar: 745 lotes urbanos através de novos bairros que marcam a cidade: Vale do Ipê, Jardins Imperiais, Parque Imperial, Bosque Imperial, em cuja execução foram doados à Municipalidade 460.000 metros quadrados de área de preservação ambiental e floresta nativa, que corresponde a 60% da área da Companhia; doação do prédio para fundação da Faculdade de Medicina, onde hoje funciona o Hospital Universitário; doação de água para a parte alta da cidade através da Represa de ‘Santo Antônio’, cuja retirada de água a Cesama mesma administra livremente com toda a confiança da Companhia; geração de impostos, empregos diretos e muitos indiretos; transações comerciais com numerosas empresas da cidade, em compra de materiais, transporte de mercadorias, etc. e cuidadoso monitoramento de preservação do meio ambiente através de estações de tratamento de água, gases industriais<sup>82</sup>.

Algumas dessas informações também aparecem no depoimento feito por Marilza Cioni, no qual ela cita: “Convivi com todo o funcionamento da empresa, com os loteamentos que a empresa criou, porque ela era possuidora de muitas terras. Então, em 1978, foi inaugurado o Parque Imperial, que é um bairro nobre da cidade”. Anteriormente, houve o Vale do Ipê e depois a criação dos Jardins Imperiais. Todas as vendas dos lotes feitas pelo Frederico Godinho Imóveis. “Todos os contratos de venda passaram pela minha mão. Toda a responsabilidade de contato com os compradores. Foram todos feitos por mim. Todo o acerto financeiro. E foi tudo assim (...) com muita seriedade”. Comentou sobre a Represa de Santo Antônio, que é onde abastecia uma parte da cidade de Juiz de Fora. “Que a empresa cedeu para a Cesama usar, para benefício da cidade sem nenhum ônus, simplesmente foi doado, pra poder usar e fazer o abastecimento de uma parte da cidade”. E completou “A empresa foi uma empresa muito rica, com uma estrutura muito bem feita, uma estrutura familiar onde existiram grandes nomes e grandes homens que dirigiram a empresa<sup>83</sup>”.

A Ferreira Guimarães teve também grande participação como um dos pontos de partida para o desenvolvimento político-social e cultural da cidade, visto que a industrialização e o dinamismo econômico, do qual a Companhia Industrial Mineira fez parte, foi um atrativo para a cultura. Em Juiz de Fora, havia a presença de vários jornais na passagem do século XIX para o XX, fator que atraiu literatos e na cidade foi fundada a Academia Mineira de Letras.

Como aponta Marcia Aparecida de Paula e Souza:

A indústria têxtil em território juiz-forano provocou profundas transformações no seu espaço de produção, bem como em sua vida cultural. A produção cultural no município, impulsionada pelo dinamismo industrial do período, levou a cidade a ser

<sup>82</sup> Informações obtidas no processo de tombamento IPPLAN/JF número 4486/97 da Prefeitura de Juiz de Fora.

<sup>83</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Marilza Cioni em 17 de janeiro de 2014.

conhecida como Atenas Mineira, título concedido por Arthur Azevedo, dada a efervescência cultural de Juiz de Fora, que possuía diversos jornais, escolas, escritores, teatros e cinemas<sup>84</sup>.

Além disso, a empresa contribuiu para a ampliação das oportunidades de trabalho na cidade, ainda que, inicialmente, não fossem nos padrões ideais, desde a época da Fábrica dos Ingleses e da Industrial Mineira. De qualquer forma, foi importante para a qualificação dessa mão de obra e a modernização de Juiz de Fora.

Sérgio Neumann, em seu depoimento, ao expressar o seu sentimento sobre o que a empresa representava na cidade, lembrou que quando existiam duas fábricas aqui, eram mais de mil e duzentos empregos. “Bem ou mal, isso é um pacote de trabalho grande, ou seja, é um volume de impostos de trabalho muito grande. Ela consumia muito, localmente, uma série de insumos, específicos locais, apesar de não notar na cidade muito interesse”. Segundo ele, Juiz de Fora, hoje, é uma cidade voltada muito mais para a prestação de serviços e aprendizado, outros focos econômicos, ainda que o setor têxtil também tenha tido certo peso aqui na cidade. “O forte de Juiz de Fora maior é esse, apesar de ter sido no passado, chamada de industrial, cidade Manchester Mineira e tal, por causa justamente da indústria têxtil aqui, que tinham sete grandes empresas”. Inclusive, a fábrica era muito lembrada como a antiga Fábrica dos Ingleses. “Se você fosse conversar com as pessoas... Ah! É aquela fábrica lá, a Fábrica dos Ingleses... lá embaixo, entendeu? Então, você nota isso<sup>85</sup>”!

Ao comentar sobre a preservação dos imóveis, ainda disse:

O tombamento visou... Eu imagino, isso é questão, agora, é só opinião, eu imagino que eles visaram o mais histórico mesmo, que é a fachada da Rua dos Andradas e aquela construção, dentro da fachada, aquela construção da Rua dos Andradas, porque ali, aquilo ali antigamente, se não me engano, foi uma oficina de manutenção das carroças na época da construção da União e Indústria. Ou seja, quando estava fazendo a estrada União e Indústria, ligando Juiz de Fora ao Rio de Janeiro, quem fazia manutenção das carroças de trabalho era uma oficina naquele local. Isso antes de existir uma indústria têxtil. (...) Os outros pavilhões todos eram pavilhões que não tinham assim, eu, no meu entender, eles estavam até certos, não tinham nenhum interesse histórico. (...) E parece que tombaram também a Casa de Diretoria, que aquela também é, aquela casa é representativa do período dos ingleses. (...) E a chaminé como lembrança da fábrica, porque a chaminé também é tão antiga quanto aquilo<sup>86</sup>.

---

<sup>84</sup> SOUZA, Marcia Aparecida de Paula e. *Indústria Têxtil e Produção Cultural: o declínio desvelado*. Monografia. UFJF/Instituto de Artes e Design/ Especialização em Moda, Cultura de Moda e Arte. Juiz de Fora, 2010, p. 38.

<sup>85</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Sérgio Luiz Neumann em 21 de janeiro de 2014.

<sup>86</sup> Id.

Jocy Nunes Carrijo tem uma opinião que é compatível com esta ideia, como demonstrou em seu depoimento: “Acho que a demolição dos antigos galpões da Fábrica de Tecelagem trouxe valorização e modernização para o bairro e a cidade”.

Porém, não é o que pensa a maioria dos funcionários. Ainda quanto à demolição dos antigos galpões da Fábrica de Tecelagem, Antônio Vítor Gonçalves acha que:

Muita gente perdeu o encanto, perdeu tudo o que tinha. Você vê: mil e duzentas pessoas, mil e trezentas pessoas trabalhando ali... Eu não sei te explicar. Eu só acho que não deveria ter acabado. Deveria ter um pouco mais de sentimento. Porque eu já vi muita gente, muita gente mesmo matar a fome ali... Infelizmente, é a evolução. Demolir é o progresso que chegou. Foi uma dor que doeu por dentro<sup>87</sup>.

Robison Piazzi também demonstrou sua indignação:

Porque a Santa Cruz, em todo o caso, ficou o prédio da Santa Cruz, ainda hoje, é o Shopping Santa Cruz. Ainda faz lembrar a fábrica velha, né? A Mascarenhas ainda tem aquele prédio lá embaixo, onde é que era a Funalfa e não sei mais o quê. Então, aquilo é História que você tem pra ver. E a Ferreira Guimarães? Só deixou a chaminé, lá<sup>88</sup>.

O fato de dizer que “só ficou a chaminé”, quando não foi apenas isso, pode ser visto como uma forma de demonstração dessa sensação de perda, de ausência, de vazio sobre aquilo que se foi. É como se aquilo que foi mantido, o que ficou, fosse realmente muito pouco para contar a história.

Marilza Cioni resumiu a importância dessa preservação em seu depoimento:

E teve os seus altos e baixos no final, quando a empresa acabou, quando a Fiação e Tecelagem, em 1995, terminou. Foi um grande choque. Foi muito triste. Foi a época em que eu fiquei hipertensa. Eu chorei muito quando eu vi famílias inteiras, pai, mãe, filhos, saírem desempregados porque a empresa acabou. E pra mim, isso foi muito triste... Depois, eu não quis nem voltar lá mais no prédio, que depois foi vendido e foi tombado pela Prefeitura, que, inclusive, tem a chaminé hoje, tem a parte toda dos ingleses, onde funciona uma empresa chamada Servir, que comprou da Cia. Têxtil Ferreira Guimarães, que tinha sido desmembrado pra FG Trust, que ela estava em dívida na época. Então, ela vendeu todo aquele parque industrial de Fiação e Tecelagem para terceiros. E a Prefeitura exigiu que fosse preservada uma parte e que se mantivesse com o tombamento e que está lá até hoje. E que, para nós, pra mim e outros mais, que trabalhamos lá por muitos anos, é um marco a gente passar e ver erguido, ali onde era o Escritório, onde eu trabalhei. Pra mim, foi... É uma grande emoção até hoje e tenho muito orgulho de ter vivido lá. Foi a minha vida, é a história da minha vida. E familiar: o meu pai, minha mãe, todos passaram

<sup>87</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Antônio Vítor R. Gonçalves em 11 de julho de 2013.

<sup>88</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Robison Pedro Piazzi em 13 de janeiro de 2014.

por lá. E meus, alguns irmãos, como eu já tinha dito. Tive uma aprendizagem muito grande e pra mim foi muito especial<sup>89</sup>.



Figuras 70 e 71: “Casa dos Hóspedes” – Cia. Têxtil Ferreira Guimarães (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).

Junto ao complexo fabril da Cia. Têxtil Ferreira Guimarães, próximo das casas que compunham a vila operária, foi tombado também o imóvel que mantinha o mesmo estilo de construção, com tijolo cerâmico aparente, chamado “Casa dos Hóspedes” (Figuras 70 e 71), onde eram recebidos e hospedados os diretores da empresa e convidados que vinham a Juiz de Fora<sup>90</sup>.

Considerando o valor histórico e cultural que envolve o bem; suas características construtivas e composição arquitetônica, típicas das edificações dos imigrantes alemães; que o imóvel, inserido no contexto da primeira unidade fabril de Juiz de Fora, servia de hospedaria, sendo chamado de “Casa dos Hóspedes”; os termos e a documentação constante do Processo Administrativo da PJJ n.º4553/1997, fica tombado, o imóvel localizado na Rua Benjamim Guimarães, n.º 315, de propriedade da “Companhia Têxtil Ferreira Guimarães”. Os objetos de preservação, cuja inscrição no Livro do Tombo fica autorizada, abrangem as fachadas do imóvel e sua volumetria construtiva<sup>91</sup>.

Segundo informações constantes no processo de tombamento da “Casa dos Hóspedes”, o imóvel sofreu intervenções posteriores à sua construção, como a varanda que o circunda, mas o que mais se destaca na casa ainda é o seu núcleo original, provavelmente do século XIX, com características típicas das influências dos imigrantes alemães, como o edifício no centro do terreno, tijolos maciços nas paredes externas e pilares salientes nas extremidades das paredes (Figura 72). Além disso, urbanisticamente, o imóvel está inserido no local da antiga Colônia D. Pedro II, destinada à ocupação destes imigrantes que vieram

<sup>89</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Marilza Cioni em 17 de janeiro de 2014.

<sup>90</sup> Tombamento pelo DECRETO N.º 8380 – de 04 de novembro de 2004. Processo Administrativo da PJJ n.º4553/1997.

<sup>91</sup> IPPLAN/JF.

para a cidade em 1858 e que inclui atualmente os bairros Borboleta, Fábrica, Mariano Procópio e São Pedro.



Figura 72: Detalhes da “Casa dos Hóspedes” da Cia. Têxtil Ferreira Guimarães (Fotos Claudia Gaspar Cimino, 2013).

Os funcionários da Ferreira Guimarães a denominavam como “Casa da Diretoria”, porque normalmente, os diretores e pessoas responsáveis por cargos de chefias do Escritório Central do Rio de Janeiro, se hospedavam nela quando estavam na cidade para acompanhar os trabalhos na fábrica. Existia todo um significado especial ao se falar da “Casa da Diretoria”. Pela própria arquitetura, estilo e beleza da casa.

Em seu depoimento, Leci comentou ao se referir sobre a casa:

E ver também a “Casa da Diretoria”, que era pra gente uma referência de beleza, e que hoje não... A gente passa, não são as mesmas pessoas que estão ali. A casa que nós moramos quando casamos tá lá, o pé de manga hoje é visível, por causa da demolição e antes a gente era escondido ali. A gente ficava atrás de toda uma construção. Então, isso assim, como é um, nós moramos perto ainda da Ferreira, isso pra nós ainda é assim, pelo menos pra mim, é motivo de muita lembrança ainda, né? Que eu acho que não vai apagar também, porque faz parte de um crescimento<sup>92</sup>.

De todo o conjunto industrial têxtil de Juiz de Fora, apenas outros três imóveis remanescentes do início de sua industrialização também foram tombados como Patrimônio Cultural da cidade: A Fábrica Bernardo Mascarenhas, a Companhia de Fiação e Tecelagem Santa Cruz e o Curtume Krambeck.

Um dos mais conhecidos são as antigas instalações da Fábrica Bernardo Mascarenhas, que foram tombadas no ano de 1983<sup>93</sup>. Apesar do interesse da Prefeitura em preservar o complexo arquitetônico, a influência da população, com a campanha criada por artistas,

<sup>92</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Leci Teixeira em 22 de janeiro de 2014.

<sup>93</sup> Tombamento através do decreto nº 2866, de 19 de janeiro 1983. Processo nº 3649/82ª da Prefeitura de Juiz de Fora.

jornalistas e intelectuais da cidade e do país, na década de 80, “Mascarenhas, meu amor!”, marcou a história de Juiz de Fora e contribuiu, de forma decisiva, para que a antiga fábrica de tecidos de Bernardo Mascarenhas se transformasse em um espaço de cultura.

Com certeza, o pioneirismo de Bernardo Mascarenhas e sua estreita relação com a cidade, impulsionando o crescimento industrial e instalando a primeira Usina Hidrelétrica da América Latina, foram fundamentais para alavancar o movimento em defesa pela valorização e preservação deste patrimônio. Em 1982, a Prefeitura iniciou o processo de tombamento municipal do prédio, que foi totalmente restaurado, preservando-se as suas características originais, onde hoje funcionam o Centro Cultural e o Mercado Municipal.

Em 2002, houve o tombamento da fachada e volumetria da edificação remanescente da antiga Companhia de Fiação e Tecelagem Santa Cruz<sup>94</sup>. No local, atualmente funciona o Santa Cruz Shopping, que também através do nome, faz uma referência à antiga fábrica. E existem ainda, as duas chaminés do antigo “Curtume Krambeck”, tombadas em 2004, sendo as únicas remanescentes do local<sup>95</sup>.

Com exceção da Fábrica Bernardo Mascarenhas, tanto o Curtume Krambeck, quanto a Companhia de Fiação e Tecelagem Santa Cruz e, também, a Ferreira Guimarães tiveram tombamentos parciais<sup>96</sup> de seus complexos industriais.

Podemos perceber algumas perdas para a história da cidade, no que se refere à preservação de seus bens industriais. Juiz de Fora, que um dia, foi reconhecida pelo seu valor industrial, vem deixando cair no esquecimento as marcas de suas história. Para Yussef Daibert Salomão de Campos:

Impor um significado à palavra ‘perda’ não é tarefa fácil. Às denotações que apontam para a privação de convívio com algo ou alguém - seja por extravio ou destruição -, somam-se termos como morte, aniquilamento, ruína. Quando o assunto é futuro, lá está ela, pronta para se apoiar nas justificativas do progresso. Afetiva por excelência, é impossível não atrelá-la à memória e ao saudosismo. Explorando as possibilidades da volátil palavra ‘perda’, a Tribuna propõe uma indagação a pessoas engajadas na preservação dos bens arquitetônicos e culturais da cidade. ‘Qual foi a maior perda do patrimônio cultural de Juiz de Fora?’ Pontos concretos ou não, os bens citados abrem caminho para discussões sobre a memória afetiva dos juiz-foranos e os mecanismos de preservação<sup>97</sup>.

<sup>94</sup> Tombamento através do decreto nº 7501, de 16/agosto/2002, processo administrativo PJJ n.º 4404/88.

<sup>95</sup> Tombamento pelo decreto nº 8406, de 26/novembro/2004, processo Administrativo PJJ n.º 2017/2003.

<sup>96</sup> O termo foi utilizado para designar que o tombamento não incluiu todas as edificações, havendo a demolição de parte do complexo fabril.

<sup>97</sup> DELAGE, Renata. “Identidade Fragmentada”. *Tribuna de Minas*, 29 de Julho de 2012, Caderno Dois, p. 1 e 5.



Em reportagem no jornal *Tribuna de Minas*, que traz à tona questões sobre memória afetiva e instrumentos de preservação do patrimônio cultural, o Curtume Krambeck, Companhia de Fiação e Tecelagem Santa Cruz e a própria Ferreira Guimarães, entre outros, estão entre os imóveis citados como perdas para a cidade.

Segundo Júlio César Sampaio, professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) que já atuou na UFJF, “o maior patrimônio perdido se vincula aos tempos áureos da então ‘Manchester Mineira’”- disse, referindo-se à Ferreira Guimarães.

Dentro do universo do patrimônio industrial de Juiz de Fora, destaco a Fábrica dos Ingleses, posteriormente Companhia Têxtil Ferreira Guimarães, que se constitui em um exemplar paradigmático da trajetória de apogeu, crise, desprezo e critérios de proteção polêmicos<sup>98</sup>.

Nesse sentido, o reconhecimento e o envolvimento da população, das pessoas que construíram a história, é que tornam relevante a existência do patrimônio cultural. O patrimônio é a referência da cultura e torna-se primordial que a relação afetiva seja considerada neste ponto. As relações e as referências sociais e afetivas com a população constituem o patrimônio cultural de uma cidade.

É preciso que se proteja o patrimônio cultural não com imposições verticais, de cima para baixo; é necessário que se vincule a população envolvida com o patrimônio, já que identidade é inerente ao grupo produtor de determinado saber; é ele que se expressa de determinada forma; é no ambiente desse grupo que se celebra algo; ou é esse grupo que se apropria de determinado lugar como símbolo de sua cultura. No Brasil, ainda prepondera certa ‘limitação patrimonial’, na qual muitos gestores ignoram a imaterialidade do patrimônio e se prendem em seu mundo, onde os bens patrimonializados se resumem às igrejas, casarões e fortificações militares. Portanto, é a atribuição de valor dada por uma coletividade a um determinado bem que o legitima como patrimônio cultural e não as determinações de órgãos estatais ou simplesmente disposições legislativas, que apenas constroem comunidades imaginárias<sup>99</sup>.

Torna-se necessário que exista identidade e identificação. Da indústria e de seus produtos com as pessoas e a cidade. Por isso, a importância da lembrança, da presença, da existência. O contato torna possível o conhecimento e a valorização para a constituição do patrimônio, referenciado pela nostalgia.

<sup>98</sup> Júlio César Sampaio em entrevista concedida para o Jornal *Tribuna de Minas*. Id., p. 1.

<sup>99</sup> CAMPOS, Yussef Daibert Salomão de. *Percepção do intangível: entre genealogias e apropriações do patrimônio cultural imaterial*. Belo Horizonte: Arraes Editores, 2013, p. 70.

Projetos desenvolvidos pelo Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFJF, a Funalfa e a PJJF refletem esse princípio, buscando a criação de um inventário do patrimônio arquitetônico e aproximação com o público juiz-forano.

A Ferreira Guimarães foi inserida em alguns desses projetos. No segundo inventário do Projeto “Juiz de Fora para sempre<sup>100</sup>”, iniciado em 2009, consta a Fábrica dos Ingleses / Cia. Ferreira Guimarães (Figuras 73 e 74).



Figura 73: Juiz de Fora para sempre – Inventário 2 (Foto Cláudia Gaspar Cimino, 2014)

Figura 74: Detalhe Ferreira Guimarães – Juiz de Fora para sempre – Inventário 2 (Foto Cláudia Gaspar Cimino, 2014)

Este trabalho de divulgação e circulação dos bens tombados é de grande importância na construção do conhecimento sobre a história passada. Sobretudo, para a manutenção de seu valor como patrimônio cultural e histórico.

Marcando o início das comemorações dos 160 anos da cidade em 2010, o calendário Identidade Cultural & Educação Patrimonial<sup>101</sup>, apresentava quarenta e oito edificações tombadas pelo patrimônio público, entre as quais estava também a Ferreira Guimarães (Figura 75).

<sup>100</sup> Projeto dos professores Júlio César Sampaio e Jorge Arbach, do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFJF. “O que era cenário urbano, indiferente para muitos, agora cabe nas mãos, como objeto de estimacão. Um conjunto de 20 edifícios tombados da cidade integra a primeira remessa do projeto ‘Juiz de Fora para sempre’, que, além de inventariar o patrimônio cultural do município, pretende trazer esses imóveis para mais perto do coração dos cidadãos”. *Tribuna de Minas*, 31 de maio de 2009, Caderno Dois, p.1.

<sup>101</sup> O calendário “Identidade Cultural & Educação Patrimonial”, reunindo ilustrações produzidas por estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFJF, sob a orientação do professor Jorge Arbach, foi desenvolvido pela Fundação Cultural Alfredo Ferreira (Funalfa) em parceria com a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Apresentava quarenta e oito edificações tombadas pelo patrimônio público. As construções mais tradicionais de Juiz de Fora ilustravam o calendário, que teve distribuição dirigida. Jorge Arbach, que assinou o projeto gráfico junto com a designer Lígia Lacerda, reforçou que a peça gráfica é uma estratégia que buscava

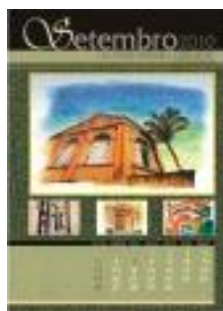


Figura 75: Calendário Comemorativo 160 anos de Juiz de Fora - Segundo Semestre – Setembro  
(Disponível em [www.ufjf.br](http://www.ufjf.br))

Também no calendário “2011 – Pantaleoni Arcuri – Construtora e Companhia Industrial<sup>102</sup>” (Figura 76), que apresentava vinte e quatro imagens de construções que fazem parte do patrimônio arquitetônico de Juiz de Fora, entre as quais se encontrava a Cia. Têxtil Ferreira Guimarães (Figura 77).



Figura 76: Calendário “2011 – Pantaleoni Arcuri – Construtora e Companhia Industrial”. – UFJF/PJF/Funalfa  
Disponível: <http://www.ufjf.br/secom/2011/01/26/ufjf-e-funalfa-lancam-calendario-retratando-patrimonio-historico-arbach/>  
Figura 77: Ferreira Guimarães no Calendário “2011 – Pantaleoni Arcuri – Construtora e Companhia Industrial” – UFJF/PJF/Funalfa (Foto Cláudia Gaspar Cimino, 2014)

No MAMM - Museu de Arte Murilo Mendes, a exposição “Juiz de Fora - Verbo e Cor - das origens ao início do século XX<sup>103</sup>”, traduzia em imagens e textos a visão de artistas sobre a cidade em suas obras.

Demoliram tuas casas baixas e teus sobrados,  
que nos davam notícias das tuas origens  
que nos falavam do teu passado  
de principal cidade das Minas Gerais.

ampliar o acesso à discussão em torno do patrimônio histórico e cultural. Disponível em [www.pjf.com.br](http://www.pjf.com.br). JF 160 anos – Calendário destaca patrimônio arquitetônico da cidade. 5/1/2010.

<sup>102</sup> A Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e a Prefeitura de Juiz de Fora (PJF), em parceria com a Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (Funalfa), produziram o calendário “2011 – Pantaleoni Arcuri – Construtora e Companhia Industrial”, com projeto gráfico do arquiteto e artista gráfico, Jorge Arbach e desenvolvido pelos alunos do Curso de Desenho da Faculdade de Arquitetura da UFJF.

<sup>103</sup> O projeto “Juiz de Fora – Verbo e Cor”, que incluiu a exposição no MAMM, foi uma homenagem da Universidade Federal de Juiz de Fora aos 163 anos de história da cidade.

Ergueram enormes caixotes de concreto-armado,  
 onde as pessoas passaram a morar e trabalhar,  
 empilhadas,  
 como mercadorias em prateleiras de armazéns,  
 e nos quais puseram nomes de gente e lugares estranhos<sup>104</sup>.  
 Almir de Oliveira, Letras da cidade

Com pesquisa e curadoria assinadas pelo artista e pró-reitor de Cultura Gerson Guedes, a exposição incluiu a obra “Ferreira Guimarães” (Figura 78) da artista Fani Bracher<sup>105</sup>, fazendo a representação do início da industrialização na cidade. O texto de Gerson Guedes resumia a importância da Companhia para a cidade de Juiz de Fora.

(...) Inaugurada em 25 de dezembro de 1883, a ‘Fábrica dos Ingleses’ foi um presente para a futura Manchester Mineira. Sua implantação contribuiu decisivamente para o surgimento do parque industrial têxtil de Juiz de Fora. A construção, elaborada em tijolo aparente, exerceu significativa influência na arquitetura industrial da cidade no início do século XX, bem como nas moradias circunvizinhas à fábrica. Seguindo a rota de seu pioneirismo, a tecelagem, a partir do final do século XIX, introduziu em suas instalações a luz elétrica, incrementando assim o seu sistema produtivo, gerando mais empregos e divisas e sendo a precursora dos ‘Tempos Modernos’ na região<sup>106</sup>.



Figura 78: Bracher, Fani. *Ferreira Guimarães* (Acervo MAMM – Juiz de Fora).

<sup>104</sup> Retirado do Catálogo da exposição “Juiz de Fora – Verbo e Cor – das origens ao início do século XX”.

<sup>105</sup> Fani Maria Gomes Bracher (Coronel Pacheco, antigo distrito de Juiz de Fora, hoje município - MG, 1947). Pintora e jornalista. Formada em jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, inicia sua atividade artística em 1967. Em 1968, casa-se com o pintor Carlos Bracher (1940). Viaja pela Europa e Estados Unidos, entre 1968 e 1971. Em Portugal frequenta o ateliê do pintor Almada Negreiros (1893-1970) e participa do curso de História da Arte com o crítico Mário Gonçalves e José Augusto França. Reside em Paris (França) de agosto de 1969 a dezembro de 1970. Em 1971, de volta ao Brasil, se estabelece em Ouro Preto, MG. Em 1995, faz uma retrospectiva na Galeria do Centro Cultural Cemig, no Rio de Janeiro, quando também é lançado o livro Fani Bracher, que recebe o Prêmio Jabuti e o Prêmio Fernando Pini, pelo acabamento gráfico, como melhor livro de arte do ano. Informações disponíveis em <http://www.itaucultural.org.br/>

<sup>106</sup> Fragmento do texto de Gerson Guedes para o projeto “Juiz de Fora – Verbo e Cor”.

O saudosismo inevitável que surge do breve retrospecto expositivo se abre em esperança para o espectador que constata o quanto a arte esteve - e está - a serviço de Juiz de Fora. Em suas formas variadas de expressão, esses artistas recusaram o silêncio das ruas, fazendo-as vibrar. (...) Fani, entre o desenho e a pintura, resgata a "Ferreira Guimarães", fábrica mítica<sup>107</sup>.

As fábricas, assim como as montanhas e flores, a mineração, naturezas mortas e paisagens mineiras, entre outros, são temas recorrentes na obra de Fani Bracher. A artista desenvolveu em sua carreira artística, várias versões da Fábrica Ferreira Guimarães, uma das quais pertence ao acervo de Gilberto Chateaubriand<sup>108</sup> (Figura 79), além da obra que está incluída no acervo do MAMM, e também representações de outras fábricas, entre elas, a Fábrica de Tecidos de Santa Cruz.



Figura 79: Bracher, Fani. *Fábrica de Tecidos de Juiz de Fora*, 1982. Óleo sobre tela, c.i.d. 61 x 80 cm. Coleção Gilberto Chateaubriand - MAM/RJ (Disponível em <http://www.itaucultural.org.br/>)

Gerson Guedes, artista plástico natural de Juiz de Fora, tornou-se reconhecido por retratar Minas em suas raízes. Utilizando traços e cores simples, sempre buscou traduzir em suas obras o interior de Minas, suas histórias, sua gente. Através das imagens em seus trabalhos, o artista desenvolveu a valorização da história da cidade, tendo como tema pontos

<sup>107</sup> *Tribuna de Minas*, 23 de maio de 2013.

<sup>108</sup> Informações obtidas no Jornal *Órgão Oficial* do Município de Barbacena, de 15 de agosto de 1995 – Edição número 100 – Ano III, quando em comemoração aos 204 anos da cidade de Barbacena, Fani Bracher inaugurou na galeria do CEFEC – Centro Ferroviário de Cultura, na histórica Estação de Barbacena, a exposição “Biografia”, com a curadoria de Édson Brandão. Na ocasião também houve o lançamento do livro “Fani Bracher”, que obteve o prêmio Jabuti de melhor produção gráfica em 1994.

turísticos de Juiz de Fora, ícones arquitetônicos tradicionais, procurando fazer um diálogo entre o antigo e o contemporâneo e ressaltando o patrimônio cultural da cidade.

Em uma de suas obras (Figura 80), também apresenta um olhar sobre a Ferreira Guimaraes, que, em sua opinião, é um dos trabalhos mais significativos sobre a fábrica, pois “na parte superior está representada a antiga Fabrica dos Ingleses em funcionamento, na parte baixa está simbolizada a sua absurda demolição<sup>109</sup>”.



Figura 80: Guedes, Gerson. *Fábrica dos Ingleses*. Acrílica sobre madeira. 100 x 120 cm, 2010.

Assim, entre a nostalgia e o saudosismo, Juiz de Fora e as pessoas que nela vivem, buscam reviver a história de seu passado. Através de uma relação estética, romantizada pela nostalgia e um desejo sentimental de regresso ao passado, impulsionado por lembranças de momentos felizes e antigas relações sociais, e associado a uma sensação de saudade idealizada, a cidade constitui seu patrimônio material e imaterial.

A preservação reflete uma escolha natural do ser humano e da sociedade como um todo. Juiz de Fora escolhe como quer contar a sua história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao chegar ao final deste trabalho, ao concluir o desenho desta história, tornou-se perceptível pelas linhas traçadas que o desenho sobre a história da Ferreira Guimarães está apenas no início. Ainda existem muitos pontos a serem verificados... Muitas linhas a serem traçadas, detalhes que não foram selecionados como objeto de análise deste olhar, mas que abriram caminhos a serem ainda percorridos por quem se aventurar.

Enfatizando o que já foi comentado anteriormente, o diferencial deste trabalho, o que transforma esta história em um desenho através da memória, é o lugar de onde se fala, ou se escreve. É o fato de que é também o lugar de quem vivenciou parte desta mesma história, de quem participou de muitas dessas lembranças comuns, de quem passou por caminhos desta mesma trajetória de vida.

E se a história é construída a partir das linhas da vida, dos traços que compõem os caminhos seguidos pelo homem, como rastros deixados ao longo do trajeto, sempre existem alguns traços que se destacam, como pegadas que não se apagam com o tempo. Outros, como já havia se dito, se constituem em passagens efêmeras, levadas pelo vento e transformadas em lembranças individuais que acabam se desvanecendo.

O trabalho desta pesquisa, a investigação e a análise dos documentos levantados, tornaram possível a melhor definição de muitos desses rastros deixados ao longo do trajeto, das pegadas que não se apagaram com o tempo, fundamentando e mesmo propiciando a elaboração e a escrita desta história.

Ao pesquisar e contar esta história, o desenho formou-se pelas linhas através desse olhar... Na busca de encontrar os rastros, as pegadas no caminho.

No tecido que se formou com o entrelaçamento dos fios desta história, ao tramar as linhas da história da Ferreira Guimarães e da memória de alguns de seus funcionários, no intuito de encontrar respostas, de construir relações, tornou-se possível compreender que muitas das hipóteses levantadas ao iniciar este trabalho faziam sentido.

---

<sup>109</sup> Considerações do artista plástico Gerson Guedes ao comentar sobre a obra.

Fazendo uma relação entre a história e a memória, cumpre lembrar que cada depoimento trabalhado nesta dissertação foi tratado como uma fonte, passível de análises e comparações. Lembrando que não se tratam da “realidade” em relação ao passado, mas de “versões<sup>110</sup>”, selecionadas por cada um dos entrevistados acerca do tempo vivido na empresa.

Pelos depoimentos, tornou-se possível perceber, além da riqueza de detalhes específicos da visão individual, a presença das “formas simples<sup>111</sup>” que compunham a narrativa e que apareciam, quase sempre, a cada vez que a história era contada por algum dos entrevistados. As falas comuns, palavras que se repetiam em muitas das entrevistas, lembranças que estavam presentes na memória de todos. Eram os rastros que tinham ficado no caminho. Memórias que não se apagaram ou que se cristalizaram em todos da mesma forma.

Exemplificando, pode-se citar a estratégia da empresa em reconhecer que o valor humano “não era apenas instrumento, mas a própria razão de ser de qualquer atividade, mantendo todos os serviços de assistências e cooperação social (...) de modo que o empregado encontrasse ali todos os recursos para melhorar o seu bem estar<sup>112</sup>”, instaurando uma prática assistencialista a partir da década de 1960. Consolidada no lema da “grande família Industrial Mineira<sup>113</sup>”, que depois se manteve como “família Ferreira Guimarães”, foi uma prática que, pelos resultados encontrados, foi bem aceita e valorizada pelos funcionários.

Este aspecto pode ser verificado em vários depoimentos, desde as palavras de Robison Piazzzi, funcionário mais antigo da Companhia entre os depoentes do presente trabalho, quando diz: “Mas aquilo ali era uma mãe. (...) era uma verdadeira família Industrial Mineira. Nem falava que era Industrial Mineira, era Família Industrial Mineira<sup>114</sup>”, como em vários outros depoimentos, em que a mesma expressão aparece, unidade indivisível da história: “Ali era uma empresa familiar que os pais tinham um prazer enorme levar os filhos. (...) Fiquei em conjunto com uma grande família que era a Cia. Têxtil Ferreira Guimarães. Nós

---

<sup>110</sup> ALBERTI, Verena. *Narrativas na história oral*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Anais eletrônicos. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003. 10f, p. 1-2.

<sup>111</sup> Para maiores detalhes sobre o assunto ver considerações feitas por Verena Alberti em seu artigo *Narrativas na história oral*, no qual a autora cita o livro *Formas simples do historiador da arte e teórico da literatura* André Joles.

<sup>112</sup> POGGIANELLA, Andréa Alves. et. al. *Companhia Têxtil Ferreira Guimarães: um espaço a ser retomado pelo assistente social*. Monografia. UFJF/Faculdade de Serviço Social. Juiz de Fora, 1992. Cap. 1, p. 7-8.

<sup>113</sup> Id., p. 17.

<sup>114</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Robison Pedro Piazzzi em 13 de janeiro de 2014.



éramos uma grande família<sup>115</sup>! Ou ainda na frase de Francisco Rocha: “a relação entre funcionários era ótima. Formávamos uma grande família”.

Entre outras, pode-se destacar também as palavras de Lúcia Oliveira:

(...) a gente estava começando a perder parte também da história da vida da gente. Porque ali na Ferreira era uma família, era uma grande família, né? (...) era um ambiente familiar, acima de tudo, as pessoas se gostavam, né? Tinha aqueles probleminhas próprios do ser humano, mas tinha um diferencial, porque na Ferreira Guimarães a gente era uma família e quando falava de Ferreira Guimarães, a gente falava como se a gente fosse dono da Ferreira Guimarães, né<sup>116</sup>?

E até mesmo na “Carta dos 100 anos da Ferreira Guimarães”, o envolvimento familiar é evidenciado na mensagem como reconhecimento pelo trabalho:

Queremos também agradecer a todos os que durante estes anos trabalharam pela firma e são parte integrante de sua história com a dedicação de suas famílias. São muitos e valorosos relacionamentos de amizade e luta pelo sucesso, cujos nomes não citaremos, mas que jamais serão esquecidos<sup>117</sup>.

Tornou-se perceptível, também, as expressões referentes ao sentimento de pertencimento e participação na história da empresa, sobre a questão da ética quanto ao pagamento dos funcionários ou sobre a postura interna da Ferreira Guimarães em possibilitar a evolução profissional dos funcionários dentro da própria Companhia.

Estas expressões comuns, unidades indivisíveis foram detectadas em vários depoimentos. A importância das lembranças desses antigos funcionários da empresa na construção da memória social e afetiva, caracterizada pela valorização do fazer e da relação de pertencimento a essa história fabril, se transforma no fio da trama que desencadeia a tradição e a nostalgia em relação à Ferreira Guimarães.

Como dimensão imaterial e indelével do patrimônio industrial têxtil, constitui-se da vida dessas pessoas partilhada com a fábrica e assimilada durante muitos anos. Nas palavras de Antônio Carlos Teixeira: “E quando depois eles vão e fecham aquela parte e colocam aquilo abaixo, eu acho que cada tijolo representava menos fisicamente do que cada história que ali foi demolida<sup>118</sup>”.

<sup>115</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Marilza Cioni em 17 de janeiro de 2014.

<sup>116</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Lúcia Helena de Oliveira em 23 de janeiro de 2014.

<sup>117</sup> Retirado da “Carta 100 anos Cia Têxtil Ferreira Guimarães”.

<sup>118</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Antônio Carlos Teixeira em 22 de janeiro de 2014.

No desenho formado pelo contorno das linhas desta história, a construção da Ferreira Guimarães como patrimônio de Juiz de Fora aparece de forma mais perceptível, nítida e intensa, através da memória do trabalho, dos trabalhadores e do seu cotidiano nesta indústria têxtil.

Ao mesmo tempo, pela fragilidade da sua imaterialidade, é a que hoje tem a maior probabilidade de se perder, de se extinguir. A história surge dessa relação com a memória, “geralmente a história começa somente no ponto onde acaba a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social<sup>119</sup>”, como pontua Halbwachs.

No que se refere à hipótese de que o desenho têxtil, ou o tecido estampado, traz consigo a possibilidade de se tornar uma referência para a construção da memória visual em relação à Ferreira Guimarães, representando um patrimônio têxtil, este pressuposto partiu inicialmente das minhas observações enquanto participante da história. Pelo fato de ter tido esta vivência, de ter compartilhado tantos momentos de trabalho nesse cotidiano fabril.

Obviamente, esta percepção se apresentou mais intensa para os funcionários que lidavam diretamente com o produto estampado, apesar de todos terem acesso e conviverem diariamente com a produção fabril, sendo o tecido acabado tinto ou com estampa. Mas, de qualquer forma, sempre existe uma relação de lembrança visual, como quando se vê uma fotografia de alguma pessoa conhecida. Ao se deparar com um tecido estampado, que, devido ao desenho, torna-se mais fácil ser identificado, muitos disseram reconhecer a estampa e a mesma remeter à memória da fábrica.

Com o produto final, o tecido, especialmente o estampado, torna-se possível criar referências, desenhos de memória. Estampas que, por sua possibilidade de identificação e utilização em aplicações diversas, facilitam reconhecer as etapas vivenciadas ao longo da história, são como o registro da memória através de marcas na imagem do tecido.

Nas palavras de Sérgio Neumann, pode-se perceber esta relação, quando o mesmo diz que ao ver algum produto desenvolvido pela Ferreira Guimarães, às vezes, em lojas do Rio de Janeiro ou de São Paulo, sentia uma sensação agradável. Dava gosto perceber: “Essa estampa eu conheço. Isso foi desenvolvido pela fábrica<sup>120</sup>!”

---

<sup>119</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 85.

<sup>120</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Sérgio Luiz Neumann em 21 de janeiro de 2014.

Ou, no depoimento de Antônio Carlos Teixeira, isto aparece de forma bastante clara, quando ele faz o relacionamento dos retalhos dos tecidos guardados com a lembrança das fases de trabalho vividas no dia a dia: “as pessoas que conviveram com a gente, dentro do espaço, o esforço que a gente teve que fazer para que aquele desenho pudesse sair, isso sempre vem na memória da gente, né<sup>121</sup>?

E também no depoimento de Paulo Crown Guimarães, ao garantir que reconheceria os desenhos da Ferreira Guimarães em qualquer lugar. Segundo ele: “É como a música, que também faz isso com a gente, remete àqueles momentos vividos anteriormente<sup>122</sup>”. Além disso, disse ter certeza que muita gente tem no armário uma camisa da Ferreira, porque os tecidos eram muito bons, e isto faz voltar aquele tempo que é muito bom de lembrar...

O tecido e as estampas transformam-se em marcas da história pessoal e / ou coletiva de uma determinada época. São como acervos documentais da história vivida do patrimônio industrial têxtil.

Mas, o que se tornou mais reconhecido em termos de consolidação da memória da Ferreira Guimarães como patrimônio cultural de Juiz de Fora ainda reside no imóvel onde funcionou a fábrica têxtil. Marco que abrange a cidade no aspecto físico, como dimensão edificada, a arquitetura se evidencia como patrimônio industrial.

A Ferreira Guimarães, fábrica têxtil que nunca vai deixar de ser também a Fábrica dos Ingleses, por sua importância histórica, como pioneira na industrialização da cidade, e suas chaminés, irão permanecer na história de Juiz de Fora.

O tombamento acabou garantindo a preservação do bem material em detrimento das perdas que vão ficando pelo caminho. Pelo menos, a parte mais significativa desse imóvel foi mantida. Para muitos, ainda haverá motivos para lembrar.

Marilza Cioni demonstra isso em seu depoimento, a emoção de ter sido preservado o imóvel onde a Ferreira Guimarães funcionou, ao lembrar que o fato da Prefeitura exigir que fosse mantido o tombamento, permitiu a manutenção do mesmo: “É um marco a gente passar

---

<sup>121</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Antônio Carlos Teixeira em 22 de janeiro de 2014.

<sup>122</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Paulo Crown Guimarães em 30 de janeiro de 2014.

e ver erguido, ali onde era o Escritório, onde eu trabalhei. É uma grande emoção até hoje e tenho muito orgulho de ter vivido lá. Foi a minha vida, é a história da minha vida<sup>123</sup>”.

Apesar das opiniões serem diversas, de muitos entenderem a perda como uma evolução natural, como foi visto anteriormente, sempre existirão aqueles em que o sentimento falará mais alto, como no caso de Antônio Vítor Gonçalves, que expressa como uma dor a demolição da fábrica. Segundo ele: “Muita gente perdeu o encanto pela vida, perdeu tudo o que tinha. Infelizmente, é a evolução. Demolir é o progresso que chegou. Foi uma dor que doeu por dentro<sup>124</sup>”.

O patrimônio cultural da cidade e o tombamento tem duplo papel, o da preservação e o da divulgação. A preservação reflete, sempre, uma escolha natural do ser humano e da sociedade como um todo. Por isso, também é necessária a divulgação, para que as escolhas continuem a ser feitas e o desenho desta história se repita na mente e no coração das pessoas e de Juiz de Fora. “É a atribuição de valor dada por uma coletividade a um determinado bem que o legitima como patrimônio cultural e não as determinações de órgãos estatais ou simplesmente disposições legislativas, que apenas constroem comunidades imaginárias<sup>125</sup>”.

Nas tramas da vida, a arquitetura pioneira da Fábrica dos Ingleses, e sempre Ferreira Guimarães, as lembranças dos tecidos, das estampas e desse cotidiano têxtil podem nos ensinar que as memórias da vida existem para nos marcar profundamente, como “pátinas do tempo<sup>126</sup>”.

E que o desenho criado será como uma eterna nostalgia.

---

<sup>123</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Marilza Cioni em 17 de janeiro de 2014.

<sup>124</sup> Entrevista de história oral temática realizada com Antônio Vítor R. Gonçalves em 11 de julho de 2013.

<sup>125</sup> CAMPOS, Yussef Daibert Salomão de. *Percepção do intangível: entre genealogias e apropriações do patrimônio cultural imaterial*. Belo Horizonte: Arraes Editores, 2013, p. 70.

<sup>126</sup> RUSKIN, John. *A lâmpada da memória*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008, p. 17.

## **ANEXO I – Relação de entrevistados (Questionário)**

### **Mauro Cesar de Freitas Ferreira**

(Entrevista temática através de roteiro/questionário de perguntas realizada em 03/07/2013).

Iniciou suas atividades na Cia. Têxtil Ferreira Guimarães em 03 de março de 1998, no Setor de Suporte de Informática, Centro de Processamento de Dados, ajudando no processo de informatização da empresa. Trabalha, atualmente, como analista de Suporte de Informática na Massa falida Ferreira Guimarães, prestando serviços de adequação e manutenção tecnológica em todos os setores. Conheceu sua esposa, Alvanira do Carmo, na Companhia e, a mesma também trabalha na empresa, fazendo toda a parte de escrituração. De acordo com a sentença de falência da Ferreira Guimarães, datada de 14 de julho de 2009, Alvanira do Carmo Machado Ferreira, juntamente com Luiz Eduardo Peixoto, foram os nomeados como gestores judiciais da Massa falida Ferreira Guimarães, responsáveis pela unidade fabril de Juiz de Fora.

### **Antônio Aparecido da Cruz**

(Entrevista temática através de roteiro/questionário de perguntas realizada em 10/07/2013).

Antônio Aparecido tem 41 anos de atividade na Cia. Têxtil Ferreira Guimarães. Iniciou, ainda jovem, como auxiliar do Departamento de Controle na Industrial Mineira em 04 de janeiro de 1960, passando por diversos setores, a partir de então, como Supervisor de Fiação (1965), Supervisor de Tinturaria (1966) e Gerente de Produção da Acabadora (1994). Desvinculou-se da empresa em 31 de março de 1994, retornando à mesma em maio do mesmo ano, onde permaneceu até 06 de janeiro de 1999, quando se aposentou e iniciou prestação de Serviços Técnicos em 2000. Desde 11 de abril de 2011 retornou ao trabalho na Ferreira Guimarães como Supervisor de Produção.

### **Antônio de Paula Tertolino**

(Entrevista temática através de roteiro/questionário de perguntas realizada em 11/07/2013).

Antônio Tertolino iniciou suas atividades em 26 de fevereiro de 1974, trabalhando no Depósito de Algodão da Fábrica de Fiação e Tecelagem, passando pelos setores de expedição, manutenção e também na portaria. Foi transferido para a Acabadora Celso Gomes Filho em 1995, quando fechou a unidade de fiação e tecelagem. Aposentou-se, em 1999, pela empresa,

mas ainda é funcionário, sendo, atualmente, Operador de Máquinas, somando quase 40 anos de serviço na Ferreira Guimarães.

### **Francisco Rocha Moreira**

(Entrevista temática através de roteiro/questionário de perguntas realizada em 30/07/2013). Francisco Rocha trabalhou 34 anos na Ferreira Guimarães, iniciando em julho de 1973 como desenhista projetista, fase em que trabalhou na implantação do loteamento do Vale do Ipê. Logo após, foi transferido para a mecânica, na confecção de desenhos e projetos para reposição de peças de máquinas e, mais tarde, com o início dos trabalhos de estamparia, foi para o Setor de Desenhos e Gravação, encerrando suas atividades em novembro de 2007 como Supervisor de Gravação.

### **Jocy Nunes Carrijo**

(Entrevista temática através de roteiro/questionário de perguntas realizada em 26/08/2013). Jocy iniciou suas atividades na Ferreira Guimarães em 01 de junho de 1989, como Supervisor de Estamparia, ficando até novembro de 2007, quando a fábrica encerrou suas atividades. Retornou em 04 de outubro de 2010, assumindo o cargo de Supervisor de Produção e Estamparia, ficando até os dias atuais. Trabalhou em várias empresas têxteis no Rio de Janeiro, antes de trabalhar na Ferreira: América Fabril, Multifabril e Multifabril Nova América e presenciou o fechamento de todas elas, dizendo ser muito triste.

## **ANEXO II – Relação de entrevistados (Gravação em áudio)**

### **Antônio Vítor Rosa Gonçalves**

(Entrevista de história oral temática realizada em 11/07/2013. Cerca de 28min de entrevista gravada em áudio).

Antônio Vítor trabalha na Ferreira Guimarães há 40 anos e, ainda hoje, tem vínculo com a empresa. Iniciou suas atividades na Industrial Mineira, em 1973, como marceneiro. Aposentou-se, mas continuou prestando seus serviços para a empresa, tanto na área de marcenaria, quanto de segurança.

### **Maria Cristina Sirimarco**

(Entrevista de história oral temática realizada em 26/07/2013. Cerca de 48min de entrevista gravada em áudio).

Cristina Sirimarco iniciou suas atividades, em 1974, no escritório da Industrial Mineira, passando logo depois para o cargo de telefonista, onde permaneceu até encerrar o seu vínculo com a Ferreira Guimarães. Várias pessoas de sua família trabalharam na empresa, desde seu avô, tios, seu pai (que trabalhou mais de 35 anos), irmão e primos.

### **Marcelo Sirimarco**

(Entrevista de história oral temática realizada em 26/07/2013. Cerca de 11min de entrevista gravada em áudio).

Marcelo Sirimarco, irmão da Cristina, trabalhou na Ferreira Guimarães de junho de 1991 a agosto de 2007 no Setor de Custos e no Controle de Produção.

### **Robison Pedro Piazzzi**

(Entrevista de história oral temática realizada em 13/01/2014. Cerca de 30min de entrevista gravada em áudio).

Robison Piazzzi trabalhou na Industrial Mineira durante 29 anos, ingressando na empresa em 1953. Foi responsável pela chefia do Departamento de Controle de Qualidade da fábrica (Controle da produção) durante oito anos, de 1958 até 1967, quando assumiu o atendimento odontológico interno da Industrial Mineira. Casou-se com Olívia, que também trabalhou na

Industrial Mineira, onde se conheceram. Encerrou suas atividades na empresa em 1982, quando se aposentou.

### **Lúcia Helena Loutério de Oliveira e Carlos Augusto Oliveira**

(Entrevista de história oral temática realizada em 23/01/2014. Cerca de 22min de entrevista gravada em áudio).

Lúcia trabalhou na Ferreira Guimarães de 1987 a 2007, 20 anos. Iniciou na Sala de Pano trabalhando das 5h às 13h20min e um ano depois foi transferida para o Setor de Amostras, onde permaneceu por mais 19 anos, chegando a ser a responsável pelo setor. Na Ferreira conheceu o seu atual marido, Carlos, que também permaneceu na empresa até o encerramento da mesma. Carlos Augusto trabalhou na empresa de 1988 até 2007, passando pela Expedição, Faturamento e terminando sua trajetória no Departamento de Pessoal.

### **Paulo Crown Guimarães**

(Entrevista de história oral temática realizada em 30/01/2014. Cerca de 28min de entrevista gravada em áudio).

Filho de Paulo Mourão Guimarães, Paulo Crown está envolvido com a história da Ferreira Guimarães desde que nasceu, afinal, a empresa foi fundada por seu bisavô, Benjamin Guimarães. Formou-se em Design na PUC/RJ e, posteriormente, foi fazer uma Pós-graduação em Ilustração, na cidade de Londres. Morou na França, em Paris e na Itália, na cidade de Como, tendo a oportunidade de fazer estágio em um estúdio italiano de desenhos para estamparia. Quando retornou ao Brasil, montou seu próprio estúdio de desenho, prestando serviços para a Ferreira Guimarães e outras fábricas têxteis, como a Cedro e Cachoeira, Santanense e o pessoal da seda de Petrópolis. Em 1991, iniciou suas atividades na Ferreira Guimarães na área de Desenvolvimento de Produtos. Foi responsável pela pesquisa e escolha do programa para desenvolvimento de desenhos de estamparia por computador (CAD) a ser implantado na empresa, além de outras modernizações na área tecnológica e na área de mostruário de produtos da Ferreira Guimarães.

### **Antônio Carlos Teixeira e Leci Miranda Teixeira**

(Entrevista de história oral temática realizada em 22/01/2014. Cerca de 44min de entrevista gravada em áudio).



Leci começou a trabalhar na Ferreira Guimarães em 1975, com 15 anos, na expedição de tecidos. Na expedição, ela trabalhou em todos os setores, menos maquinista, porque era homem que trabalhava, mas, do serviço feminino, participou de todos eles. Depois disso, foi trabalhar na tinturaria das 5h às 13h20min e paralelo a ele, fazia parte do Controle de Consumo de Pigmentos e o trabalho de escrita junto ao laboratório. Ao ser transferida para a Acabadora, passou para o Setor de Custos, onde permaneceu até 10 de fevereiro de 1989, data em que se desvinculou da empresa, após o nascimento de sua segunda filha. O marido, Antônio Carlos Teixeira também trabalhou na Ferreira por volta de 27/28 anos, iniciando suas atividades no Setor de Controle, em setembro de 1977, passando para o Setor de Desenho/Fotografia e encerrando no Setor de Gravação em outubro de 2004.

### **Marilza Cioni**

(Entrevista de história oral temática realizada em 17/01/2014. Cerca de 14min de entrevista gravada em áudio).

Iniciou o trabalho na Cia. Têxtil Ferreira Guimarães no dia 13 de outubro de 1966, no Setor de Espuladeira (2 anos), passando depois para o Setor de Expedição de tecidos (4 anos), foi telefonista, trabalhou no Varejo de Tecidos da empresa (6 anos) e depois foi para o Escritório Contábil, onde se manteve até 2007. Quando entrou para a empresa, aos 14 anos, ainda era Cia. de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira, sendo incorporada pela Ferreira Guimarães, em 1974, aproximadamente.

### **Sérgio Luiz Neumann**

(Entrevista de história oral temática realizada em 21/01/2014. Cerca de 39min de entrevista gravada em áudio).

Engenheiro contratado pela fábrica em 1985, pouco tempo depois, passou a ser gerente da Fábrica de Fiação e Tecelagem de Juiz de Fora, permanecendo até 1992, sete anos, quando foi transferido para assumir a gerência da Fábrica de Valença até 1997. Ao retornar para Juiz de Fora, foi também gerente da unidade de Acabamento Celso Gomes Filho até o ano de 2005, encerrando um ciclo de 21 anos de trabalho na Ferreira Guimarães.

### **Camilo de Lélis**

(Entrevista de história oral temática realizada em 04/03/2014. Cerca de 8min de entrevista gravada em áudio).

Iniciou na Ferreira Guimarães em 1978, trabalhando na obra, na construção da fundação da Central de Acabamentos Celso Gomes Filho. Depois, ajudou na montagem e pintura das máquinas, passou por alguns outros setores, como sala de pano e expedição, posteriormente, se mantendo no Setor de Limpeza, fazendo a faxina na Companhia até se desvincular da mesma em 1999.

### **ANEXO III – Relação de entrevistados (Esclarecimentos e informações adicionais)**

#### **Anita Crown Guimarães**

Está envolvida com a história da Ferreira Guimarães desde que nasceu, pois é irmã de Paulo Crown Guimarães, filha de Paulo Mourão Guimarães e Carmen Dora Guimarães. Trabalhou na empresa desde 1980, atuando como coordenadora de moda e estilo.

#### **Cesar Tadeu Marschhausen de Abreu**

Funcionário da empresa nomeado gestor judicial da Massa falida Ferreira Guimarães, responsável pela sede do Rio de Janeiro.

#### **Fernando Bretas de Noronha Júnior**

Diretor comercial da Ferreira Guimarães na Filial São Paulo.

#### **Fernando Valente Pimentel**

Iniciou suas atividades na empresa no início dos anos 1980, assumindo a responsabilidade pelo Setor de Estamparia. Posteriormente, assumiu o cargo de Diretor Comercial e de Marketing da Cia. Têxtil Ferreira Guimarães. Hoje ocupa o cargo de Diretor Superintendente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT).

#### **Luiz Eduardo Peixoto**

Funcionário da empresa nomeado gestor judicial da Massa falida Ferreira Guimarães, responsável pela unidade fabril de Juiz de Fora.

#### **Márcio Arcuri**

Arquiteto formado no Rio de Janeiro. Trabalhou na Ferreira Guimarães, atuando em diversos setores, sendo responsável nos últimos anos pela área de Recursos Humanos da Companhia.

#### **Miguel dos Prazeres Sobral**

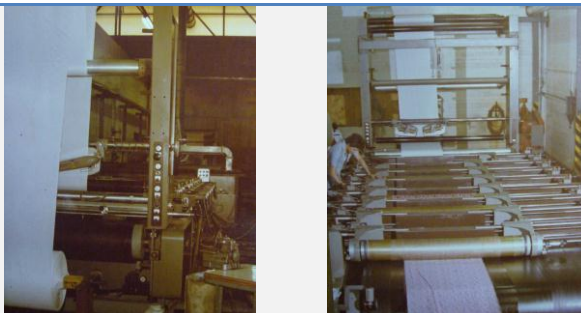
Funcionário da Ferreira Guimarães integrante do setor de desenvolvimento de produtos, responsável pela criação e acompanhamento técnico na área de fios tintos.

#### **Setuko Saito**

Designer da empresa na Filial São Paulo.

**TABELA 1:**  
**Setores de acabamento e etapas de preparação têxtil – Acabadora CGF**

<b>Etapa</b>	<b>Características do processo</b>
<b><i>Chamuscagem</i></b>	Processo responsável pela queima das fibras em excesso que ficam na superfície do tecido, de forma a se obter posteriormente um tingimento mais uniforme.
<b><i>Alvejamento</i></b>	Elimina o tom amarelado do algodão, gorduras e ceras naturais, proporcionando ao tecido maior capacidade de absorção da água (hidrofilidade).
<b><i>Mercerização</i></b>	<p>Processo que através da aplicação de soda cáustica no tecido sob tensão, proporciona brilho, maior afinidade aos corantes e estabilização da largura do mesmo.</p>  <p>Montagem da Mercerizadeira na CGF (Foto do arquivo interno da Cia. Têxtil Ferreira Guimarães)</p>
<b><i>Estação de recuperação de soda cáustica</i></b>	Processo que permite a recuperação da soda cáustica que foi aplicada no tecido na mercerizadeira, diminuindo o consumo industrial do produto e o impacto ambiental na estação e tratamento de efluentes.
<b><i>Secadeira</i></b>	<p>Promove a secagem do tecido por meio de prensagem em rolos de compressão.</p>  <p>Secadeira na CGF (Foto do arquivo interno da Cia. Têxtil Ferreira Guimarães)</p>
<b><i>Foulard Fleshaft</i></b>	Permite fazer tingimento em partidas pequenas de tecido.
<b><i>Tingimento contínuo</i></b>	Faz o tingimento do tecido utilizando corantes ao enxofre, <i>piece dyed</i> e tingimento desbotáveis.
<b><i>Vaporização</i></b>	Processo que produz a fixação dos corantes reativos dos tecidos estampados, tendo a possibilidade de finalizar estampas especiais, tais como, estampas com reservas, com corrosão colorida e em tecidos contendo nylon 100% e viscose 100%.
<b><i>Estamparia</i></b>	Composta por duas máquinas: a <i>Reggiani</i> , com possibilidade de estampar até oito cores simultaneamente e a <i>Austromáquinas</i> , que pode estampar duas cores simultaneamente, além de fazer <i>espatulagens</i> , dublagens e aplicação de acabamentos especiais.



Montagem da Reggiani na CGF (Foto do arquivo interno da Cia. Têxtil Ferreira Guimarães)

### **Ramas**

Aplicam um acabamento químico e acertam a largura final do tecido. A rama *texima* possui também o *endireitador* de trama, que alinha eletronicamente os fios da trama do tecido.



Montagem da Rama (Foto do arquivo interno da Cia. Têxtil Ferreira Guimarães)

### **Lixadeiras**

Processos que fornecem ao tecido o toque soft e *micropelletizado*.

### **Flaneladeiras**

Usadas para se obter os tecidos flanelados.

### **Polimerizadeira e Hot Flue**

Utilizadas para a fixação das estampas com corantes reativos ou pigmentos.

### **Calandra**

Confere fisicamente ao tecido um acabamento especial, proporcionando um toque sedoso e um brilho discreto. Utiliza para obter esse resultado, alta pressão e temperatura.

### **Sanforização**

Processo responsável por conferir o pré-encolhimento ao tecido.

### **Controle de qualidade**

Setor responsável pela aferição e controle da qualidade de todos os processos de acabamento do tecido.

### **Colorimetria**

Setor responsável pela medição, aferição de cores e desenvolvimento de novas cores para as receitas de tingimento.

### **Cad Estamparia**

Setor responsável pela criação e desenvolvimento de desenhos de estamparia e fios tintos para as coleções da Ferreira Guimarães, com três estações de trabalho com software da *PixelArt*.

### **Cam Estamparia**

Setor técnico responsável pela finalização dos desenhos de estamparia, utilizando uma estação de trabalho com software da *PixelArt* e uma plotadora de filmes.

### **Gravação estamparia**

Setor responsável pela gravação, polimerização e preparação dos cilindros para estamparia.

### **Revisão**

Revisão e classificação de todas as peças de uma partida de tecidos.

### **Sala do pano**

Responsável por enrolar, pesar, escalar, emitir etiquetas de identificação dos rolos e embalar os tecidos.

### **Amostras**

Setor responsável por preparar o mostruário dos tecidos, cartelas de cores e

encartes para serem enviados aos representantes comerciais e principais clientes.

### ***Expedição***

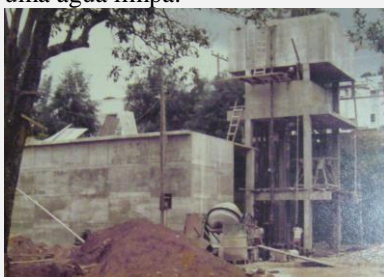
Responsável por faturar e expedir todo o tecido acabado.



Preparação para expedição de tecidos acabados da CGF.

### ***ETE (Estação de tratamento de efluentes líquidos)***

Processo biológico com iodo ativado que permite a realização do tratamento do efluente líquido industrial da fábrica, devolvendo ao córrego uma água limpa.



Construção da ETE da Central de Acabamento de Juiz de Fora.

*Fonte:* Dados obtidos na Fábrica de Acabamentos Celso Gomes Filho – Ferreira Guimarães, JF

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBERTI, Verena. *Narrativas na história oral*. In: Simpósio Nacional de História. Anais eletrônicos. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003. 10f.

\_\_\_\_\_. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Natal, 2006. 14p. Available from Word Wide Web. <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/durval>. Acesso em 12/05/2012.

ALMEIDA, Fabiana Aparecida de. *Narrativas preservacionistas na cidade: a trajetória da defesa do patrimônio histórico de Juiz de Fora através de manifestações populares na década de 1980*. Dissertação de Mestrado. UFJF/PPGHIS. Juiz de Fora, 2012.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ARANTES, Luiz Antônio do Valle. *As origens da burguesia industrial em Juiz de Fora (1858 – 1912)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1991.

ARAÚJO, Maria Paula; FERNANDES, Tania Maria. “O Diálogo da História Oral com a Historiografia Contemporânea”. In: VISCARDI, Cláudia M. R.; DELGADO, Lucília de A. N. (orgs.). *História Oral: teoria, educação e sociedade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006, p. 13-32.

ARAÚJO, Valdei Lopes. *Para além da autoconsciência moderna: a historiografia de Hans Ulrich Gumbrecht*. Varia Historia. Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 314-328, Jul/Dez 2006.

BARROS, Cleyton Souza. *Eletricidade em Juiz de Fora: modernização por fios e trilhos (1889-1915)*. Dissertação de Mestrado. UFJF/PPGHIS. Juiz de Fora, 2008.

BARROS, Flávio G. P. Lins de. (Org.). *A Cia. Têxtil Ferreira Guimarães e seus 75 anos*. Rio de Janeiro: ZEZ Programação Visual Ltda., 1981.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. *Memória e família*. Revista Estudos Históricos, v. 2, n. 3. Rio de Janeiro: 1989.

BARROS, Nicélio do Amaral. *Relações políticas e des(envolvimento) regional: uma análise do comportamento dos setores industriais de Juiz de Fora e Belo Horizonte entre 1925 e 1940*. Cadernos de História, vol. IV, n.º 2, ano 2, pp. 208-229. UFOP, 2007. [www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria](http://www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria).

BLOCH, Marc. *A estranha derrota*. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGA, João. *Reflexões sobre Moda, Volume III*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2008.

CAMARGO, Fernanda Sartori de; GUILHOTO, Joaquim J. M. *O impacto da globalização na indústria têxtil, 1990 a 1999*. Universidade de São Paulo, Anais do II Encontro de Estudos Regionais e Urbanos, 2002.

CAMPOS, Yussef Daibert Salomão de. *Percepção do intangível: entre genealogias e apropriações do patrimônio cultural imaterial*. Belo Horizonte: Arraes Editores, 2013.

CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. *Disciplina e Controle no Espaço Fabril: O Trabalhador Têxtil em Minas Gerais*. Rev. Bras. Hist. São Paulo, v. 6, nº 11, p. 63-74, set. 1985/fev. 1986, p. 72.

\_\_\_\_\_. *Trama e Fios: A Fábrica Têxtil em Minas Gerais*. Dissertação de Mestrado em História. UNICAMP. Campinas, 1986, p. 20-21.

CHAN, Alberto Jorge. *Os efeitos da globalização na indústria têxtil*. Dissertação de Mestrado. Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 1999.

CHARTIER, R. *A História cultural. Entre as práticas e representações*. 2. Ed. Lisboa: Difel, 2002.

CHATAIGNIER, Gilda. *Fio a Fio: Tecidos, Moda e Linguagem*. São Paulo: Estação das Letras, 2006.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *A Europa dos Pobres: Juiz de Fora na Belle-Époque Mineira*. Juiz de Fora: Edufjf, 1994.

\_\_\_\_\_. (org.). *Juiz de Fora: história e pesquisa*. Juiz de Fora: UFJF, 1990.

COMPANHIA INDUSTRIAL CATAGUASES. *Dicionário da moda: guia de referência de termos do mercado têxtil e moda*. Cataguases, MG: Companhia Industrial Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002.

COUTINHO, Gisela Aguiar Soares. *As mudanças da cadeia produtiva têxtil em Valença-RJ: das indústrias do setor de tecidos para o APL do setor de confecções*. Dissertação de Mestrado. FGV/EBAPE/ Mestrado em Gestão Empresarial. Rio de Janeiro, 2007. <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/3793>. Acesso em 28/07/2013.

\_\_\_\_\_. *Reestruturação da cadeia produtiva têxtil em Valença-RJ*. 2008.

CRANE, Diane. *Ensaio sobre moda, arte e globalização cultural*. São Paulo: Editora Senac, 2011.



DARNTON, Robert. *Os dentes falsos de George Washington*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DUTRA, Eliana de Freitas. *Caminhos Operários nas Minas Gerais – Um estudo das práticas operárias em Juiz de Fora e Belo Horizonte na Primeira República*. São Paulo: Hucitec - Editora UFMG, 1988.

ESTEVES, Albino. *Álbum do Município de Juiz de Fora*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1915.

FERRAZ, José Ricardo. *Tecendo poderes: A industrialização em Valença, RJ (1880 – 1920)*. ‘Usos do Passado’ — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ, 2006.

FERREIRA, Dione. *Serviço Social na Cia. de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira*. Monografia. UFJF/Faculdade de Serviço Social. Juiz de Fora, 1973.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. *Patrimônio industrial: lugares de trabalho, lugares de memória*. Museologia e Patrimônio - vol. II nº 1 - jan/jun de 2009. Disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus> Acesso em 17/09/2014.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Editora Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 33ª edição. Petrópolis: Vozes, 2007

FRANZOLIN, João Arthur Ciciliato. *Joaquim Inojosa e o Jornal do Meio-Dia (1939-1942)*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

FUNALFA - Fundação Cultural Ferreira Lage (org.). *Memória da Urbe: bens tombados*. Juiz de Fora: FUNALFA Edições, 2004.

FUNDAÇÃO Nacional Pró-Memória. *Tecelagem Manual no Triângulo Mineiro*. Rio de Janeiro, 1984.

GENOVEZ, Patrícia Falco. *Núcleo Histórico da Avenida dos Andradas e Bairro Mariano Procópio*. Juiz de Fora: Clío Edições Eletrônicas, 1998.

GERAB, William Jorge; ROSSI, Waldemar. *Indústria e trabalho no Brasil: limites e desafios*. Coordenação Wanderley Loconte. São Paulo: Atual, 1997.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais. Morfologia e História*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *O Fio e os Rastros: Verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

GIROLETTI, Domingos. *Fábrica: convento e disciplina*. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

\_\_\_\_\_. *Industrialização de Juiz de Fora 1850-1930*. Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG, 1988.

GOODWIN JUNIOR, James William. *Cidades de Papel: Imprensa, Progresso e Tradição*. Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914). São Paulo. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, 2007.

GONÇALVES, Tânia Regina Peixoto da Silva. CALVANO, Flávia. *Um olhar geográfico sobre a indústria têxtil em território juiz-forano (1908-1920)*. CES Revista, vol. 21, p. 27-42. Juiz de Fora, 2007.

GONTIJO, Silvana. *80 Anos de Moda no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *História científica, história contemporânea e história cotidiana*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, nº 48, p.13-38, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HALLACK, Elisa Abrahão. *Realizações do Serviço Social na Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira*. Monografia. UFJF/Faculdade de Serviço Social. Juiz de Fora, 1962.

HARDMAN, Francisco Foot. *História da Indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos vinte*. Francisco Foot, Victor Leonardi. São Paulo: Global Ed., 1982.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JESUS, Paula Renata Camargo de. *Slogan publicitário é isso aí!* Revista Imes, janeiro/junho 2002.

JONES, Sue Jenkin. *Fashion Design: Manual do estilista*. Tradução Iara Biderman. São Paulo: Cosac Nalfy, 2005.

JÚNIOR, Carlos Eduardo Klôh. *A estrutura comercial de Juiz de Fora (1888-1930)*. Dissertação de Mestrado. UFJF/PPGHIS. Juiz de Fora, 2008.

KLINTOWITZ, Jacob. *Trançado Brasileiro. Projeto Cultural Rhodia*. São Paulo: Raízes Artes Gráficas, 1985.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LESSA, Jair. *Juiz de Fora e seus pioneiros (do Caminho Novo à Proclamação)*. Juiz de Fora: UFJF/ FUNALFA, 1985.

MASCARENHAS, Nelson Lage. *Bernardo Mascarenhas. O Surto Industrial de Minas Gerais*. Rio de Janeiro. Gráfica Editora Aurora Ltda., 1954.

- MASSUDA, Ely Mitie. *A indústria têxtil brasileira sob o impacto da abertura econômica 1992 – 1999*. Acta Sci. Human Soc. Sci. Maringá, v. 28, n. 1, p. 121-129, 2006.
- MENDES, Liana D’Urso de Souza. *Análise ergonômica dos processos informatizados introduzidos na estamperia da indústria têxtil: um estudo de caso em indústrias do sudeste brasileiro*. Dissertação de Mestrado. PUC/RJ. Rio de Janeiro, 2000.
- MOREIRA, Danielle Couto. *Arquitetura ferroviária e industrial: o caso das cidades de São João Del Rei e Juiz de Fora (1875-1930)*. Dissertação de Mestrado. EESC/USP. São Carlos, 2007.
- MORIN, Violette. *L’objet biographique. Communications*, 1969. Volume 13, p. 131-139.
- MUSSE, Christina Ferraz. *Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- NEDER, Carolina Barbosa. *Memórias que não se apagam: o cotidiano de lutas das operárias na Manchester Mineira (1890-1954)*. Dissertação de Mestrado. UFJF/PPGHIS. Juiz de Fora, 2010.
- NEIRA, Luz García. *Estampas na tecelagem brasileira. Da origem à originalidade*. Tese de Doutorado. São Paulo, 2012.
- NICOLINE, Humberto. *JF anos 80*. Juiz de Fora: FUNALFA, 2011.
- NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. In: *Projeto História*, n. 10, dez. p.7-28. São Paulo: PUC/SP, 1993.
- NORONHA, Eduardo G. “Ciclo de greves, transição política e estabilização: Brasil, 1978-2007”. In: *Lua Nova*, São Paulo, 76: 119-168, 2009.
- OLENDER, Marcos. *Ornamento, ponto e nó: da urdidura pantaleônica às tramas arquitetônicas de Raphael Arcuri*. Juiz de Fora: FUNALFA/Editora UFJF, 2011.
- OLIVEIRA, Carlos Roberto de. *História do Trabalho*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1987.
- OLIVEIRA, Luís Eduardo de. *Os trabalhadores e a cidade: a formação do proletariado de Juiz de Fora e suas lutas por direitos (1877-1920)*. Juiz de Fora: FUNALFA; Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- OLIVEIRA, Mônica. *Imigração e Industrialização: os alemães e italianos em Juiz de Fora (1854-1920)*. Niterói. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, 1991.
- OLIVEIRA, Paulino. *História de Juiz de Fora*. 2ª ed. Juiz de Fora: Gráfica Comércio e Indústria, 1966.
- PASSAGLIA, Luiz Alberto do Prado. *A Preservação do Patrimônio Histórico de Juiz de Fora*. Instituto de Pesquisa e Planejamento. Comissão Permanente Técnico Cultural. Edição: Prefeitura de Juiz de Fora, MG. Esdeva Empresa Gráfica Ltda., 1982/1983.

- POGGIANELLA, Andréa Alves. et. al. *Companhia Têxtil Ferreira Guimarães: um espaço a ser retomado pelo assistente social*. Monografia. UFJF/Faculdade de Serviço Social. Juiz de Fora, 1992.
- POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- RIBEIRO, José Silvério. *História Econômica do Município de Barbacena*. Volume I (1889-1930). Tempos de Esperança. Gráfica e Editora Cidade de Barbacena, 2012.
- ROSA, Rita de Cássia Vianna. *As mulheres de “Paraiburgo”: representações de gênero em jornais de Juiz de Fora/MG (1964-1975)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, 2009.
- ROUSSO, Henry. “O Arquivo ou o Indício de uma Falta”. In: *Estudos Históricos*. v.9. n. 17, 1996. p. 85-91.
- RUSEN, Jorn. *Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história*. História da Historiografia. Ouro Preto, n. 2, p. 163-209, mar. 2009.
- RUSKIN, John. *A lâmpada da memória*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- SANTANA, Marco Aurélio. “Trabalhadores em movimento: o sindicalismo brasileiro nos anos 1980-1990”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs.) *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (O Brasil Republicano; v. 4)
- SILVA, Hilzes de Oliveira. *Matéria, técnica e expressão: o tecido na pintura de gênero no Rio de Janeiro de entresséculos*. Dissertação de Mestrado em Artes Visuais. UFRJ/EBA. Rio de Janeiro: 2012.
- SOUZA, Marcia Aparecida de Paula e. *Indústria Têxtil e Produção Cultural: o declínio desvelado*. Monografia. UFJF/Instituto de Artes e Design/ Especialização em Moda, Cultura de Moda e Arte. Juiz de Fora, 2010.
- STALLYBRASS, Peter. *A vida social das coisas: roupas, memória, dor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- STEHLLING, Luiz José. *Juiz de Fora, a Companhia União e Indústria e os Alemães*. Juiz de Fora: Esdeva Empresa Gráfica Ltda., 1979.
- TRIBUNA DE MINAS. *Juiz de Fora em 2 tempos*. Juiz de Fora: Esdeva Empresa Gráfica Ltda., s.d.
- UDALE, Jenny. *Fundamentos de design de moda: tecidos e moda*. Tradução Edson Furmankiewicz. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- VALE, Vanda Arantes do. “A Arquitetura Latino-Americana da Industrialização (1880-1930)”. In: *Lócus*. v. 1., n. 1, 1995, p.81-89.

VELLOSO, Maria Amélia Perotti. *O Setor Têxtil no Brasil e em Juiz de Fora*. Monografia. UFJF/Faculdade de Economia. Juiz de Fora, 1990.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro; OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. *À Margem do caminho Novo: Experiências Populares em Juiz de Fora*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2011.

WEINHARDT, M. *Ficção e história: retomada de antigo diálogo*. Revista Letras, Curitiba, n. 58, p. 105-120. jul./dez. 2002. Editora UFPR.

WHITE, Hayden. *A questão da narrativa na teoria histórica contemporânea*. São Paulo: Cosacnaify, 2011.

ZIMMERMANN, Ivone. *Princesa Mafalda: O resgate, na Argentina e na Itália, de parentes dos imigrantes italianos, naturais de Sant'Agata di Esaro e radicados em Juiz de Fora, MG, Brasil, Domingos Sirimarco e Maria Concepción Cosentino Sirimarco*. Juiz de Fora: Editar, 2005.

#### **Fontes:**

Arquivo Histórico da UFJF

Biblioteca Municipal Murilo Mendes – Setor de Memória

IPPLAN / JF – Comissão Permanente Técnico-Cultural da Prefeitura de Juiz de Fora

Prefeitura de Juiz de Fora – DIPAC – Divisão de Patrimônio Cultural

#### **Sites:**

[www.colunistas.com/](http://www.colunistas.com/)

[www.fanibracher.com.br/](http://www.fanibracher.com.br/)

[www.ferreiraguimaraes.com.br/](http://www.ferreiraguimaraes.com.br/)

[www.hemerotecadigital.bn.br/](http://www.hemerotecadigital.bn.br/)

[www.itaucultural.org.br/](http://www.itaucultural.org.br/)

[www.mariadoresguardo.com.br/](http://www.mariadoresguardo.com.br/)

[www.monsantodesign.com.br/](http://www.monsantodesign.com.br/)

[www.pantonebr.com.br/](http://www.pantonebr.com.br/)

[www.pjf.mg.gov.br/](http://www.pjf.mg.gov.br/)

[www.ufjf.br/](http://www.ufjf.br/)